

Memórias e Imagens de Terras de Bouro Antigo

As Memórias Paroquiais de 1758

Estudo Introdutório, Leitura e Fixação do Texto

José Viriato Capela



Fotografia da capa: Marco miliário
ladeando a Via Romana da Geira.

MEMÓRIAS E IMAGENS

TERRAS DE BOURO ANTIGO

MEMÓRIAS E IMAGENS
DE
TERRAS DE BOURO ANTIGO

(As Memórias Paroquiais de 1758)



MEMÓRIAS E IMAGENS DE TERRAS DE BOURO ANTIGO

(As *Memórias Paroquiais* de 1758)

Estudo introdutório, leitura
e fixação do texto

JOSÉ VIRIATO CAPELA



EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO

TERRAS DE BOURO

2001

MEMÓRIAS E IMAGENS DE TERRAS DE BOURO ANTIGO
(As Memórias Paroquiais de 1758)

Estudo introdutório, leitura e fixação do texto
de JOSÉ VIRIATO CAPELA

Fotos: Câmara Municipal de Terras de Bouro e do Autor

Editor: Câmara Municipal de Terras de Bouro

Capa: Luís Cristóvam

Data de saída: Setembro de 2001

Tiragem: 2000 exemplares

Depósito Legal: 169584/01

Execução gráfica: BARBOSA & XAVIER, LDA. - Artes Gráficas
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-A e C
☎ 253 263 063 / 253 618 916 Fax 253 615 350
email: barbosa.xavier@clix.pt
4700-385 BRAGA

© Todos os direitos reservados ao Autor do texto.

As *Memórias Paroquiais* de 1758 são a primeira História e Memória das paróquias portuguesas, que de futuro as monografias locais largamente usaram, servindo-lhe a maior parte das vezes de arquétipo.

Projectou, em tempos, a Câmara Municipal de Terras de Bouro, a publicação de uma Monografia concelhia que actualizasse as existentes, com que também me comprometi.

Para tal é necessário proceder aos estudos prévios, como parece óbvio.

A edição das *Memórias*, das paróquias do concelho de Terras de Bouro, com estudo introdutório apropriado, pretende inscrever-se naquele objectivo, constituindo-se como introdução histórica àquele projecto de Monografia.

Esta obra, na parte que me cabe, é também a minha singela homenagem ao Presidente da Câmara Municipal, Dr. José António de Araújo que ao longo de muitos anos à frente dos destinos do concelho de Terras de Bouro (1979-2001), o geriu com inextinguível paixão e grande sentido cultural.

Terras de Bouro, Agosto de 2001.

JOSÉ VIRIATO CAPELA

Nota Prévia

As *Memórias Paroquiais* de 1758 respeitantes às freguesias de Terras de Bouro foram publicadas já por Domingos M. da Silva, numa edição a que juntou também as *Memórias* respeitantes ao concelho de Amares¹.

Tratou-se de uma iniciativa e de um esforço louvável daquele investigador porque revelou a importância daqueles documentos e os colocou à disposição de um público alargado.

Procede-se hoje de novo à edição destas *Memórias* num contexto editorial que se pretende mais vasto, procedendo-se a uma leitura e a uma fixação do texto segundo critérios mais rigorosos e fazendo proceder a edição de um estudo de conjunto que permita ler e compreender melhor as contribuições e o significado destas *Memórias Paroquiais* para o conhecimento histórico e moderno das terras.

A edição destas *Memórias* tomou o figurino concelhio. Trata-se evidentemente de um compromisso editorial mas também envolve o objectivo de as valorizar neste contexto. Com efeito o quadro primário de leitura destas *Memórias* é por excelência o da paróquia em cujos limites o Inquérito colocou as questões aos respectivos párocos e, bom grado mau grado, nas respostas fornecidas nessa perspectiva se colocaram. Entende-se, porém, que só será possível alargar o quadro de referência e logo de interpretações e valorizações históricas destas *Memórias* paroquiais se as referirmos a um quadro histórico-geográfico mais vasto onde seja possível valorizar melhor os contextos geográficos, religiosos e culturais em que foram escritas e em que as paróquias se inserem.

¹ Domingos M. da Silva, *Entre Homem e Cávado em meados do séc. XVIII – Memórias Paroquiais*, Braga, 1985.

Com efeito a fixação de outro quadro geográfico-administrativo contemporâneo à redacção das *Memórias* e que hoje ainda tenha sentido e que permita organizar o estudo e a edição destas *Memórias* torna-se inviável e desadequado. De facto, o quadro da divisão administrativa civil do tempo é demasiado descontínuo e de dimensão muito desigual que impossibilita qualquer edição e estudo destes elementos nos quadros da realidade e da divisão administrativa civil ao tempo. O mesmo se verifica no que diz respeito à divisão eclesiástica e religiosa: entre o quadro micro da paróquia e macro da diocese (aqui agravada pela extraordinária dimensão da diocese de Braga) coloca-se a divisão intermédia da *visita* que não se torna, porém, operacional porque em regra não tem grande continuidade geográfica e é efectivamente um território de tutela administrativa e religiosa mais do que de vida.

Optou-se, pois, por esta edição referenciada aos quadros do actual concelho de Terras de Bouro. Sem prejudicar a leitura no quadro paroquial ou da freguesia ela configura o tratamento e a análise histórica dalgumas das suas informações num contexto espacial mais vasto, quadro relativamente ao qual a maior parte das paróquias já se articulavam e referenciavam ao tempo. Por isso estas *Memórias* servem também para compreender a formação e constituição moderna do concelho de Terras de Bouro tal como o desenhou a reforma de 1836.

A edição vai acompanhada de algumas fotografias que permitem tornar a leitura do texto e das *Memórias* mais estimulante e compreensiva.

**A GÉNESE
DAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS**

1 Breve nota sobre as *Memórias Paroquiais* de 1758. Sua iniciativa e objectivos.

A Monarquia portuguesa vem desde as suas origens sob diversas formas procedendo à recolha de informações que lhe permitam conhecer melhor as suas terras, as suas gentes e os seus recursos.

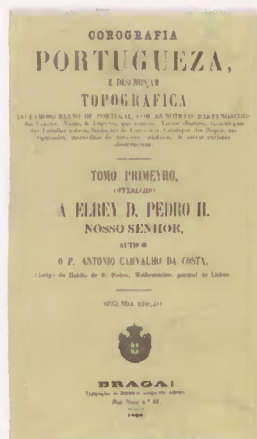
Realiza ou pretende realizar assim o que a uma escala mais localizada também realizam as outras instâncias que no passado concorrem a Monarquia na administração e senhorio do território, numa escala mais ampla, nacional, a Igreja, em escalas locais e regionais os senhorios, laicos e eclesiásticos, e os concelhos.

De entre as iniciativas régias do passado mais conhecidas, são de referir com objectivos e escalas diferentes as *Inquirições* régias promovidas pela monarquia medieval portuguesa do século XIII e a abrir os Tempos Modernos, as investigações mandadas proceder por D. João II para a reforma dos forais, de que resultou a série dos *Forais Novos Manuelinos*, de inícios do século XVI (1500-1520), e logo depois, o *Numeramento Geral da População*, promovido por D. João III, entre 1527-1532.

A Monarquia Absoluta no afã de conhecer melhor o território para melhor o governar, promoveu ao longo dos Tempos Modernos (séculos XV a XVIII) frequentes iniciativas para conhecer o território, a sua geografia, a sua população, os seus recursos económicos.

No séc. XVIII, nos governos de D. João V (1689-1750) e D. José I (1714-1777) numa etapa em que se pretende aumentar os meios e o poder da governação, proceder-se-á a novos inquéritos neste sentido.

É em grande medida esse o sentido e o objectivo do *Inquérito Paroquial* de 1758 mandado fazer no reinado de D. José I, sob as ordens directas do futuro Marquês de Pombal, 3 anos decorridos sobre o grande



A *Corografia Portuguesa...* de António Carvalho da Costa, de 1706 (2.^a ed. de 1868-1869), revelar-se-á uma obra de referência fundamental para o conhecimento e a descrição das realidades locais portuguesas, cujos tópicos se retomarão nas contínuas descrições paroquiais do território metropolitano, bem como nas *memórias* histórico-descritivas com muito êxito na produção monográfica portuguesa.

Terramoto de 1755 que pretendia obter informações muito desenvolvidas sobre as paróquias portuguesas, suas serras e seus rios.

O *Inquérito* leva também o nome do Padre Luís Cardoso, que foi o padre oratoriano que concebeu os diferentes *itens* do *Inquérito* que a seguir se transcrevem.

O QUE SE PROCURA SABER DESSA TERRA É O SEGUINTE
Venha tudo escrito em letra legível, e sem abreviaturas

1. Em que província fica, a que bispado, comarca, termo e freguesia pertence?
2. Se é do rei, ou de donatário e quem o é ao presente?
3. Quantos vizinhos tem (e o número de pessoas)?
4. Se está situada em campina, vale ou monte e que povoações se descobrem daí e qual a distância?
5. Se tem termo seu, que lugares ou aldeias compreende, como se chamam e quantos vizinhos tem?
6. Se a paróquia está fora ou dentro do lugar e quantos lugares ou aldeias tem a freguesia todos pelos seus nomes?
7. Qual é o orago, quantos altares tem e de que santos, quantas naves tem; se tem irmandades, quantas e de que santos?
8. Se o pároco é cura, vigário, reitor, prior ou abade e de que apresentação é e que renda tem?
9. Se tem beneficiados, quantos e que renda tem e quem os apresenta?
10. Se tem conventos e de que religiosos ou religiosas e quem são os seus padroeiros?
11. Se tem hospital, quem o administra e que renda tem?
12. Se tem casa de misericórdia e qual foi a sua origem e que renda tem; e o que houver notável em qualquer destas coisas?
13. Se tem algumas ermidas e de que santos e se estão dentro, ou fora do lugar e a quem pertencem?

14. Se acodem a elas romagem, sempre ou em alguns dias do ano e quais são estes?
15. Quais são os frutos da terra que os moradores recolhem em maior abundância?
16. Se tem juiz ordinário, etc., câmara ou se está sujeita ao governo das justiças de outra terra e qual é esta?
17. Se é couto, cabeça de concelho, honra ou behetria?
18. Se há memória de que florescessem, ou dela saíssem alguns homens insignes por virtudes, letras ou armas?
19. Se tem feira e em que dias e quantos dura, se é franca ou cativa?
20. Se tem correio e em que dias da semana chega e parte; e se o não tem, de que correio se serve e quanto dista a terra aonde ele chega?
21. Quanto dista da cidade capital do bispado e de Lisboa capital do reino?
22. Se tem alguns privilégios, antiguidades, ou outras coisas dignas de memória?
23. Se há na terra ou perto dela alguma fonte, ou lagoa célebre e se as suas águas têm alguma especial qualidade?
24. Se for porto de mar, descreva-se o sítio que tem por arte ou por natureza, as embarcações que o frequentam e que pode admitir?
25. Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se há nela ou no seu distrito algum castelo ou torre antiga e em que estado se acha ao presente?
26. Se padeceu alguma ruína no Terremoto de 1755 e em quê e se está reparada?
27. E tudo o mais que houver digno de memória, de que não faça menção o presente interrogatório.

O QUE SE PROCURA SABER DESSA SERRA É O SEGUINTE

1. Como se chama?
2. Quantas léguas tem de comprimento e de largura; onde principia e onde acaba?

3. Os nomes dos principais braços dela?
4. Que rios nascem dentro do seu sítio e algumas propriedades mais notáveis deles: as partes para onde correm e onde fenecem?
5. Que vilas e lugares estão assim na serra, como ao longo dela?
6. Se há no seu distrito algumas fontes de propriedades raras?
7. Se há na terra minas de metais; ou canteiras de pedras ou de outros materiais de estimação?
8. De que plantas ou ervas medicinais é a serra povoada e se se cultiva em algumas partes e de que géneros de frutos é mais abundante?
9. Se há na serra alguns mosteiros, igrejas de romagem ou imagens milagrosas?
10. A qualidade do seu temperamento?
11. Se há nela criações de gados ou de outros animais ou caça?
12. Se tem alguma lagoa ou fojos notáveis?
13. E tudo o mais houver digno de memória?

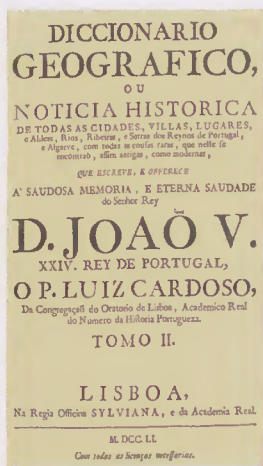
O QUE SE PROCURA SABER DESSE RIO É O SEGUINTE

1. Como se chama assim o rio, como o sítio onde nasce?
2. Se nasce logo caudaloso e se corre todo o ano?
3. Que outros rios entram nele e em que sítio?
4. Se é navegável e de que embarcações é capaz?
5. Se é de curso arrebatado ou quieto, em toda a sua distância ou em alguma parte dela?
6. Se corre de norte a sul, se de sul a norte, se de poente a nascente, se de nascente a poente?
7. Se cria peixes e de que espécie são os que trás em maior abundância?
8. Se há neles pescarias e em que tempo do ano?

9. Se as pescarias são livres ou de algum senhor particular, em todo o rio ou em alguma parte dele?
10. Se se cultivam as suas margens e se tem arvoredo de fruto ou silvestre?
11. Se tem alguma virtude particular as suas águas?
12. Se conserva sempre o mesmo nome ou o começa a ter diferente em algumas partes; e como se chamam estas ou se há memória de que em outro tempo tivesse outro nome?
13. Se morre no mar ou em outro rio e como se chama este e o sítio em que entra nele?
14. Se tem alguma cachoeira, represa, levada ou açudes que lhe embaçassem o ser navegável?
15. Se tem pontes de cantaria ou de pau, quantas e em que sítio?
16. Se tem moinhos, lagares de azeite, pisões, noras ou outro algum engenho?
17. Se em algum tempo ou no presente, se tirou ouro das suas areias?
18. Se os povos usam livremente das suas águas para a cultura dos campos ou com alguma pensão?
19. Quantas léguas tem o rio e as povoações por onde passa, desde o seu nascimento até onde acaba?
20. E qualquer outra coisa notável que não vá neste interrogatório.

Pelas leituras dos interrogatórios logo se vê como era grande a envergadura de informações que pretendiam conhecer sobre as terras que praticamente tocam todos os aspectos da sua vida paroquial-administração civil e eclesiástica, populações, sociedade, instituições, economia, recursos, equipamentos, vida paroquial e religiosa-sobre a economia dos montes e dos rios, mas também outras informes sobre a sua história, pessoas ilustres, arqueologia e outras antiguidades.

Este era um Inquérito que pretendia levar a bom termo e realizar, finalmente, um conhecimento de base paroquial do território que ao tempo se mostrava ainda muito fruste e que diversas tentativas ante-



O *Dicionário Geográfico* torna-se um modelo corrente no século XVIII para proceder à descrição do território, terra a terra, por ordem alfabética. Adapta-se perfeitamente à descrição corográfica ou paroquial em cujo espaço se confina a descrição, feita pelos párocos. Neste caso a descrição é não só geográfica mas também histórica e pretende descrever todas as «cidades, vilas e lugares e aldeias», mas também os «rios, os ribeiros e as serras» de Portugal e Algarve. O oratoriano P. Luís Cardoso editará entre 1747 e 1751, em 2 volumes o resultado dos seus trabalhos. O Inquérito de 1758 para continuação deste programa de descrição geográfica, permanecerá ainda hoje na maior parte inédito. Alguns resumos serão publicados, sob o pseudónimo de Paulo de Niza, *Portugal Sacro-Profano*, 1.º e 2.º vols., 1767; 3.º vol., 1768.

riores não tinham conseguido realizar por completo. Com efeito já em 1721, sob a égide da recém-criada Academia de História de D. João V se pretendia realizar tal; em 1738 o Padre Luís Cardoso lança o seu inquérito com vista a escrever um *Dicionário Geográfico* que ultrapassasse os dados da *Corografia Portuguesa* do Padre Carvalho da Costa de 1706 e até na sequência do Terramoto de 1755 se vai lançar um inquérito, ainda que mais restrito, para conhecer os danos causados pelo Megasismo.

O certo é que as realizações destes inquéritos foram parcelares e limitado é também o nosso conhecimento sobre os seus resultados. O Padre Luís Cardoso viria a dar à estampa em 1747 o 1.º volume do projectado *Dicionário* correspondente à letra *A* e o 2.º volume em 1751 correspondente às letras *B* e *C*. Mas tratam-se, em regra, de conteúdos muito reduzidos, resultado certamente do seu resumo para publicação.

O Inquérito de 1758 teria com efeito a melhor realização, atingindo plenamente os seus objectivos na recolha de informações por todas as paróquias do Continente. Naquilo que nos parece já o efeito e medida do poder e mando pombalino, as suas ordens de geral e rápida resposta ao Inquérito foram em geral cumpridas em todo o território, num sinal de forte colaboração da sociedade eclesiástica e curas paroquiais sob cujas mãos correu a recolha e redacção das informações.

Depois de vicissitudes diversas, o resultado deste Inquérito, as *Memórias Paroquiais*, repousam agora nos fundos do IAN/TT sem que até hoje se procedesse à sua edição de conjunto, pelo que continuam na generalidade desconhecidas².

A sua edição vai-se fazendo de um modo muito parcelar, em regra sem grande rigor nem critério, pelo que nem no passado serviram a governação nem no presente têm servido convenientemente a História.

² Informações mais desenvolvidas sobre a génese e desenvolvimento deste Inquérito in *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, estudo introdutório e fixação do texto das Memórias de José Viriato Capela e Rogério Borralheiro, Câmara Municipal de Barcelos, 1998; idem, *Vieira do Minho nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Vieira do Minho, 2000; idem, *Boticas nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Boticas, 2001.

2 Os párocos memorialistas

Tem a data de 18 de Janeiro de 1758 o Aviso com origem na Secretaria de Estado dos Negócios do Reino enviado ao Vigário Capítular de Braga, Sede Vacante, com as ordens expressas para no tempo fixado de 2 meses se proceder na respectiva diocese à recolha daquelas informações constante do Inquérito que também se remetia. Não tardou muito que as autoridades diocesanas, por ordem do Provisor e Vigário Geral da Relação Bracarense o Doutor Francisco Fernandes Coelho e também do Vigário Capítular da diocese bracarense D. Aleixo de Miranda Henriques, remetessem a ordem ambulatória contendo o papel impresso com os *itens* do Inquérito, assinada de 10 de Fevereiro desse mesmo ano de 1758.

A partir daí o texto impresso (em letra redonda) do Inquérito iria percorrer as paróquias do vastíssimo arcebispado de Braga, seguindo o roteiro ambulatório, como era de regra, das *visitas* da diocese que era o caminho e o método normalmente seguido pelas autoridades e administração diocesana bracarense para fazer circular ordens e mandados e recolher informações³.

A 10 de Março desse mesmo ano de 1758, um mês depois de assinada a ordem pelo Provisor e Vigário Geral diocesano, temos notí-

³ As freguesias do actual concelho de Terras de Bouro integravam-se então em 2 roteiros visitacionais: na visita do *Deado*, Vilar e as 3 paróquias da margem direita do Alto Homem, Cibões, Brufe e Gondoriz ligando-se por esta rede à área do território do actual concelho de Vila Verde; na visita de *Entre Homem e Cávado*, Monte, Rio Caldo, Covide, Campo, Carvalheira, Chamoim, Moimenta, Choreense, Balança. Ribeira, Souto articulando-se ao território do actual concelho de Amares (e também a Barcelos e Braga): António Franquelim Sampaio Neiva Soares, *A Arquidiocese de Braga no século XVII. Sociedade e mentalidades pelas visitas paroquiais (1500-1700)*, Braga, 1997.

Párocos redactores e testemunhas das *Memórias Paroquiais* de 1758 de Terras de Bouro

Paróquia	Data da redacção	Pároco	Testemunhas / Confirmantes	Observações
Brufe	30 . Abril	Vigário Domingos de Carvalho	António Pereira Bacelar, Abade de Carvalheira José Coelho da Silva, Abade de Chamoim	10.03.58 data da entrega da ordem
Balança	08 . Maio	Abade Francisco Botelho Mourão e Faria	João Filipe de Araújo Soares, Abade de Chorense Vasco Marinho Falcão, Abade de S. Mateus da Ribeira	23.03.58 entrega da ordem
Gondoriz	07 . Maio	Vigário Isidoro Pereira de Faria e Silva	Manuel da Fonseca e Silva, Reitor de Valdreu João Martins de Campos, Abade de Cibões	
Carvalheira	25 . Abril	Abade António Pereira Bacelar	Domingos Carvalho, Vigário de Brufe José Coelho da Silva, Abade de Chamoim	18.03.58 entrega da ordem
Vilar	06 . Maio	Vigário Cleto Pereira de Castro	José Coelho da Silva, Abade de Chamoim Francisco de Abreu Oliveira, Vigário Encomendado de Moimenta	
Vilar da Veiga	23 . Maio	Félix de Sousa Cura de Vilar da Veiga	Frutuoso Vieira Ribeiro, Cura de Rio Caldo José Dias dos Santos, Cura de Rio Caldo	
Cibões	03 . Maio	Abade João Martins de Campos	Domingos Carvalho, Vigário de Brufe Isidoro Pereira de Faria, Vigário de S. Mamede de Gondoriz	
Valdozende	30 . Abril	Abade Alexandre do Vale e Araújo	Gonçalo da Costa e Faria, Abade de Rio Caldo António Francisco, Vigário	
Campo do Gerês	09 . Maio	Abade Custódio José Leite	António Pereira Bacelar Abade de Carvalheira António Rodrigues de Sousa, Vigário de Covide	17.03.58 data da entrega da ordem
Chamoim	29 . Abril	Abade José Coelho da Silva	António Pereira Bacelar, Abade de Carvalheira Vigário Cleto Pereira de Castro	
Chorense	09 . Abril	Abade João Filipe de Araújo Soares	Francisco Abreu Oliveira, Vigário Encomendado de Moimenta Francisco Botelho Mourão e Faria, Abade de S. João da Balança	22.03.58 entrega da ordem
Covide	12 . Maio	Vigário António Rodrigues de Sousa	António Pereira Bacelar, Abade de Carvalheira Custódio José Leite, Abade de S. João do Campo	
Ribeira do Homem	20 . Abril	Abade Vasco Marinho Falcão	Francisco Botelho Mourão, Abade de Balança Manuel Soares de Araújo, Encomendado de Souto	
Rio Caldo	10 . Maio	Abade Gonçalo da Costa Faria Cura coadjutor Frutuoso Vieira Ribeiro	Alexandre do Vale Araújo, Abade de Valdozende	
Souto	29 . Abril	Encomendado Manuel Soares de Araújo	Manuel da Silva Marques, Abade de Valbom, S. Pedro Vasco Marinho Falcão, Abade de S. Mateus da Ribeira	24.03.58 data da entrega da ambulatória

cias da chegada da 1.^a ordem ao pároco de Brufe. A última para que temos referência chegará no dia 24 desse mesmo mês ao pároco de Souto. Ambas são paróquias da área do vale do rio Homem, uma do alto Homem outra da Ribeira Homem; não sabemos qual a data da chegada das referidas ordens às 3 freguesias da outra banda da margem do Alto Cávado, Valdozende, Rio Caldo e Vilar da Veiga.

Uma vez recebido o Aviso com o impresso, cada pároco assinaria a sua recepção procedendo à respectiva cópia e trataria de entregar ao pároco seguinte da corda do respectivo roteiro para que se não quebrasse a circulação deambulatória.

**Data da recepção das ordens e redacção das *Memórias*
do concelho de Terras de Bouro de 1758**

Freguesia	Registo da data de chegada da ordem	Registo da data da redacção da <i>Memória</i>
Brufe	10 Março	30 Abril
Campo do Gerês	17 Março	9 Maio
Carvalheira	18 Março	25 Abril
Chorense	22 Março	8 Abril
Balança	23 Março	8 Maio
Souto	24 Março	29 Abril
Ribeira		20 Abril
Chamoim		29 Abril
Cibões		3 Maio
Vilar		6 Maio
Gondoriz		7 Maio
Rio Caldo		10 Maio
Covide		12 Maio
Vilar da Veiga		23 Maio

Como é possível concluir de comparação com outras zonas do Arcebispado, chegaram relativamente cedo os inquéritos ao concelho de Terras de Bouro embora as datas das respostas e certamente das respectivas remessas depois se quadrassem com as de outros concelhos próximos⁴.

As respostas ao Inquérito poderiam pois, naturalmente, ser começadas a redigir no imediato, mas as informações que temos, conforme a data final aposta aos respectivos textos redigidos, é que o 1.º que iniciou a resposta foi o pároco de Choreense em 8 de Abril e o último o pároco de Vilar da Veiga a 23 de Maio desse mesmo ano, como se pode verificar pela tabela da página anterior.

Significa isto dizer que durante um pouco mais de 2 meses os párocos do concelho andaram preocupados com a resposta ao *Inquérito* que terminantemente se obrigavam a responder.

Na resposta aos Inquéritos os párocos adoptaram certamente as estratégias que lhe pareceram mais adequadas não deixando porém de concertar entre si, em particular entre os próximos vizinhos, o teor das respostas que depois como confirmantes atestariam, *in verbo sacerdotis*, a veracidade dos factos relatados. Devem ter adoptado inclusive uma metodologia muito próxima na forma como procederam à redacção e organização do texto, como se pode verificar do cotejo externo e até interno das diferentes *Memórias Paroquiais*.

Para o preenchimento dos conteúdos recorrem os párocos naturalmente às informações disponíveis nos seus registos próprios e paroquiais designadamente para a resposta dos *itens* que tocam ao conhecimento dos efectivos populacionais da paróquia, à natureza, renda e demais informes relativos ao benefício, entre outros, como também aos seus conhecimentos próprios ou às informações de conhecedores da terra para responder aos *itens* que dizem respeito à economia, à geografia, aos equipamentos, às distâncias, etc. Não se vislumbram casos especiais que demonstrem o recurso a apoio bibliográfico espe-

⁴ Os párocos do concelho de Vieira do Minho redigem as suas *Memórias* entre 19 de Maio e 26 de Maio; os párocos do vasto termo do concelho de Barcelos entre 25 de Março e 27 de Maio *in Vieira do Minho nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Vieira do Minho, 2000; *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Barcelos, 1998.

cial para a resposta a algumas questões mais eruditas, como em muitos casos se verifica para a resposta a questões de Geografia, de História civil ou religiosa e matérias similares cujos conteúdos se podem procurar ou enriquecer com a citação e a referenciação bibliográfica.

Apesar disso, estas *Memórias Paroquiais* parecem-nos de um modo geral de boa qualidade, escritas em letra bem legível, com redacção cuidada, inteligível e respostas objectivas e bem adaptadas ao que se pretendia conhecer. Tal está certamente em relação com o nível de literatura e de conhecimentos que estes párocos extraídos, como se verá, de uma certa elite de eclesiásticos – muitos deles são abades – naturalmente estavam em condições e deveriam patentear.

**TERRAS DE BOURO
AO TEMPO
DAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758**

3 O território e a administração

O território do concelho de Terras de Bouro é hoje uma realidade substancialmente diferente da que lhe preexiste no século XVIII, à data da composição destas *Memórias Paroquiais de 1758*.

De um corpo de 11 paróquias que então compreendiam o concelho de Sequeirós-Terras de Bouro alargou-se às actuais 17 que integram o actual concelho. Tal foi o resultado das reformas político-administrativas que marcam o nosso Liberalismo do século XIX que pretendem dar uma maior dimensão e racionalizar a carta administrativa e territorial dos concelhos portugueses, com vista a torná-los mais úteis e cooperantes na construção da nova ordem estadual e Administração Pública.

Então, em 1758, o território do actual concelho repartia-se por diferentes outras unidades e quadros concelhios que a seguir se definem.

O corpo central e estruturante do actual concelho, composto por 11 freguesias, integrava o concelho então ainda não uniformemente chamado de Terras de Bouro. Com efeito alguns párocos nas suas *Memórias* ainda o chamam de concelho de Sequeirós ou Sequeirós de Terras de Bouro ⁵.

Nos termos da *Memória* de S. João do Campo é no lugar de Sequeirós da paróquia de Chamoim que o concelho «tem a sua casa em que se fazem as audiências (...) a que chamam Foral» ⁶. Ou como se refere na própria *Memória* de Chamoim: «a casa onde se costumam

⁵ Vide *Memórias* de Gondoriz, Valdozende, Ribeira, Rio Caldo.

⁶ Foral serve então para designar para além da carta de foral, muitas vezes também, a terra onde se deia a câmara e suas justiças, ou o próprio edifício da câmara, audiências e cadeia.

fazer as audiências, hé no lugar de Sequeirós, adonde vem tratar de suas causas onze freguesias, que tanto compreende o dito concelho»⁷.

Nenhum dos outros párocos memorialistas vai mais longe na caracterização e descrição da casa ou casas ou outros equipamentos municipais, a saber, sobre a casa da câmara, das audiências, a cadeia, o pelourinho. Mas não só sobre a caracterização destas estruturas materiais são lacónicos estes textos. Pouco avançam também sobre a organização e composição desta ordem, poder e organização municipal.

Alguns destes memorialistas pouco mais se referem que aos principais elementos que então compõem o corpo municipal do concelho de Sequeirós-Terras de Bouro.

O pároco de Chamoim, por razões óbvias, é dos que mais se alarga na enumeração dos oficiais e definição do enquadramento político-administrativo deste concelho de Terras de Bouro. Conforme refere, tem juiz ordinário no cível e crime, 2 vereadores e 1 procurador. Este é o corpo «político» que compõe a câmara que diz é eleita por pelouros⁸, a cuja eleição preside o corregedor de Viana, magistrado régio territorial, em cuja comarca se integra⁹.

As apelações deste juízo ordinário cível e crime, a chamada 1.^a instância municipal fazem-se para o senhor da terra, o donatário e seu magistrado, o ouvidor senhorial¹⁰.

Muitos dos Memorialistas são com efeito capazes de identificar esta «administração» e também o senhor/donatário do concelho que então é Luís Manuel de Azevedo Sá Coutinho, fidalgo da Casa de Sua Magestade morador na sua Quinta da Tapada¹¹, donatário para além

⁷ Vide *Memória* de Chamoim.

⁸ A *Memória* de Valdozende acrescenta que é feita por pauta a que assiste o Corregedor.

⁹ Na falta do corregedor, preside à eleição como refere a *Memória* de S. João do Campo, o juiz que finda.

¹⁰ Na *Memória* de S. João de Campo diz-se que se apela para a ouvidoria de S. João de Rei. Deve ser com efeito aí que se instala o ouvidor senhorial, aonde naturalmente se têm de deslocar os moradores de Terras de Bouro para seguir suas justiças.

¹¹ Na *Memória* de Carrazedo, Amares, é chamado Luís Manuel de Sá de Miranda, senhor da Casa da Tapada e de S. João de Rei. Noutras como na de Fiscal é chamado Manuel de Azevedo Sá Coutinho, morador na Quinta da Tapada, do fidalgo Francisco Sá de Miranda «ilustre pessoa e também insigne poeta».

de Terras de Bouro, dos concelhos de S. João de Rei e honras de Fraião (...), capitão-mor dos ditos concelhos, fronteiro-mor da Portela do Homem que apresenta também os 4 tabeliães do público e notas que servem em Terras de Bouro e outros concelhos de seu senhorio.

Esta descrição configura uma organização concelhia que no panorama da organização municipal portuguesa do ponto de vista político-administrativo a situa numa posição intermédia entre os municípios mais desenvolvidos, em regra assentes em vilas e cidades com juiz letrado, o juiz de fora, com câmara e almotaçaria, juiz dos órfãos e sisas, com eleição dos «magistrados» municipais por pautas e homologação das eleições ao Desembargo do Paço (para os municípios régios) e os demais municípios de juízes ordinários de eleição por pautas e pelouros e homologação local pelo magistrado régio em que os municípios de estrutura mais frustes tão só são presididos por um juiz do povo, eleitos anualmente sem pauta nem pelouro nem presidência à eleição de qualquer magistrado régio, sem vara do crime das sisas e órfãos, sem almotaçaria, algumas vezes mesmo sem câmara, funcionando mesmo os mais inorgânicos em concelho aberto e servindo-se de oficiais, como escrivães, vindos de outros concelhos próximos, mais desenvolvidos.

Nesta última situação se inscreverão, aliás, outros concelhos ou coutos que integram alguns dos lugares ou paróquias do território que actualmente compõem Terras de Bouro, que a ele se agregaram para efeito do exercício de certas justiças, a saber, Vila Garcia e Souto.

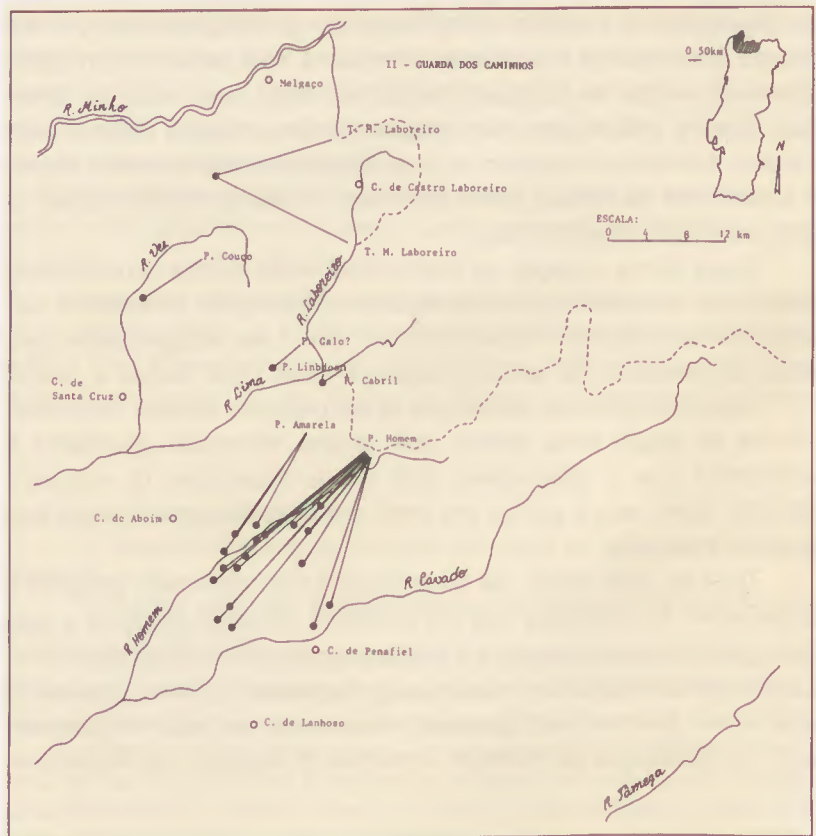
Município senhorial, de câmara de juiz ordinário, é certo, Sequeirós-Terras de Bouro tinha porém uma relativa dimensão geográfica e económica que o diferenciava dos outros municípios de estrutura idêntica, como veio a ganhar um certo relevo político em razão da sua posição fronteiriça.

Trata-se, com efeito, de um concelho com dimensão geográfica assente em 11 paróquias que lhe conferem um perfil territorial e logo demográfico também superior à média dos concelhos desta hierarquia. Como a generalidade dos municípios portugueses do tempo, apresenta uma renda própria muito diminuta, mas apesar de tudo comparando com os municípios de idêntica dimensão e natureza, os municípios

As portelas e defesas da fronteira entre a Peneda e Barroso

Entre a Peneda e o Barroso, limites do Minho e da Galiza ao longo de uma linha de fronteira nem sempre rigorosamente definida, instalam-se diversas comunidades serranas que em tempo de paz se relacionam e articulam económica e socialmente sem limitações nem constrangimentos políticos.

Em tempo de guerra cerram-se os limites e as fronteiras entre Portugal e Espanha e mobilizam-se estruturas e mecanismos de



Mapa das portelas e guardas da fronteira minhota de meados do século XIII elaborado por Iria Gonçalves, «Entre a Peneda e o Barroso: uma fronteira galaico-minhota em meados de duzentos», in *As relações de fronteira no século de Alcanices*, Actas, vol. 1, Porto, 1998, pp. 63-76.

defesa que envolvem as populações limítrofes mas também outras de um território mais vasto, adjacente. As Inquirições e os Forais medievais descrevem e enumeram com elevado rigor os serviços, as anúduvas, que os moradores das terras, julgados e concelhos adjacentes lhe devem prestar, nos castelos, nas fortalezas, nas trincheiras portuguesas.

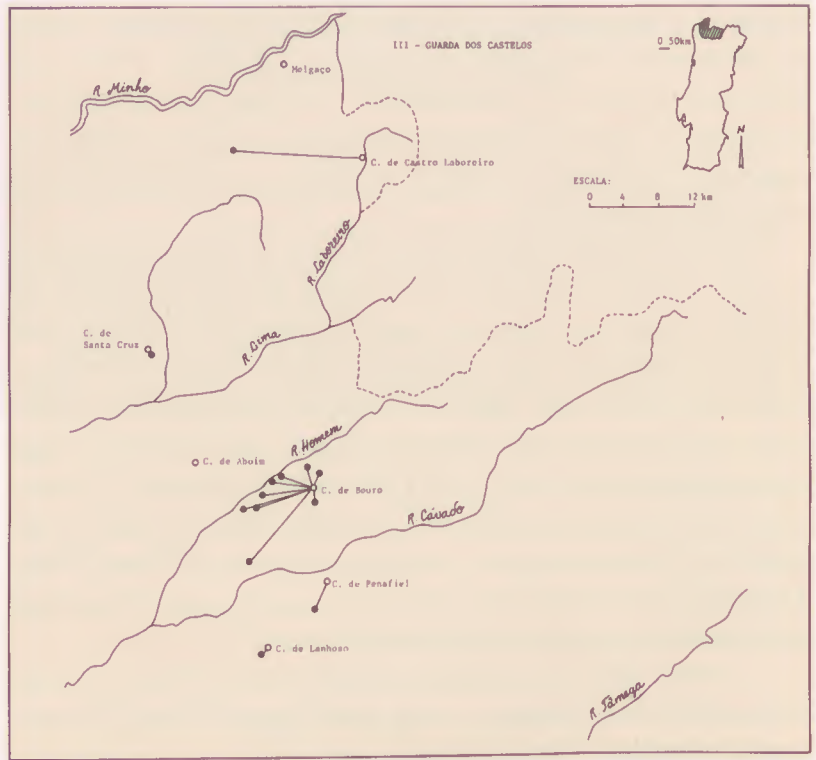
Ao longo deste território uma 1.^a linha de entradas e defesas é a que é feita e estruturada nos travessos do Monte Laboreiro, na Portela do Galo, nos portos de Lindoso e Cabril. Mas de todos estes postos fronteiriços o mais importante é o da Portela do Homem porque daí era possível, seguindo a Geira e outras boas passagens, uma hoste inimiga ou corpo de tropa, internar-se no território e atingir centros importantes como Braga e Guimarães. À defesa da Portela pela sua importância devem ocorrer, como estava contratado, os povos e as ordenanças dos concelhos de Terras de Bouro, Santa Marta de Bouro, coutos de Souto e Bouro, que dominam o território em direcção e passagem directa para a Portela.

Uma 2.^a linha de entradas era constituída pelo Porto do Couço e Portela da Serra Amarela. A esta última devem acorrer os moradores de Gondoriz, Cibões e Gomesende.

Já mais no interior do território, na linha da Portela do Homem, o Castelo de Bouro devia estar preparado para conter o avanço das hostes e tropas que lograssem ultrapassar aquela entrada, a atentar pelo elevado número de serviços nele configurados. Alguns homens como os residentes em Santa Marinha de Vilar, S. Silvestre de Freitas, S. Tiago de Chamoim e outros mais de Santa Marinha de Choreense, Santa Maria de Moimenta e S. João de Balança, uns iam guardar o castelo, outros transportavam a madeira necessária para o castelo, ou tinham o encargo de fazer a vela ou vigília.

Nos *Tempos Modernos*, nas guerras da Restauração (1640-1668) a fronteira da Portela do Homem, os concelhos e povos anexos à sua defesa, estiveram activamente mobilizados na defesa contra as entradas, tendo inclusive, para impedir a passagem no território

Mapa da guarda dos castelos – em particular do castelo de Bouro – referente a meados do século XIII, elaborado por Iria Gonçalves, «Entre a Peneda e o Barroso: uma fronteira galaico-minhota em meados de duzentos», in *As relações de fronteira no século de Alcanices*, Actas, vol. 1, Porto, 1998, pp. 63-76.



demolido as pontes sobre o rio Homem, na área da fronteira do concelho de Terras de Bouro.

A partir de então, pela evolução do sistema militar e diminuição dos conflitos luso-hispânicos e suas repercussões fronteiriças, decaí o papel desta fronteira e seu sistema defensivo, começando a contestar-se os privilégios concedidos aos seus moradores, de isenção de recrutamento e prestação de serviço militar nas tropas de linha. (Entre outros, conferir, Iria Gonçalves – «Entre a Peneda e o Barroso: uma fronteira galaico-minhota em meados de duzentos», in *As relações de fronteira no século de Alcanices*, Actas, vol. 1, Porto, 1998, pp. 63-76).

rurais de juizes ordinários, apresenta uma receita que o distingue até certo modo da sua geral pobreza¹².

Mas não é por estas circunstâncias que o concelho de Terras de Bouro viria a ganhar uma singular importância política na administração territorial portuguesa do passado. Tal decorre essencialmente do papel estratégico que o concelho desempenha para a defesa da Portela do Homem que lhe foi entregue historicamente. O que se passa para Terras de Bouro, passa-se também para a generalidade dos concelhos fronteiriços, sobretudo para aqueles que desempenham um papel tampão fundamental na defesa do território e da sua fronteira terrestre, que por tal tarefa ganham especiais privilégios e especial dignidade política e reconhecimento real¹³.

À generalidade dos Memorialistas terrasbourenses de 1758 não escapou esta realidade, tão marcante ela é na caracterização da fisionomia histórica do concelho, registando os particulares privilégios de isenção de serviço militar e contribuição para o recrutamento da tropa da linha concedidos pelos monarcas portugueses aos moradores do concelho de Terras de Bouro, mas também aos de outros concelhos do senhorio do Fronteiro-mor, a saber, do concelho de Santa Marta de Bouro e couto de Souto para a defesa da fronteira.

Como foram também, em regra, cuidadosos na descrição das infra-estruturas militares para a defesa, como é o caso da Trincheira e Casa da Guarda na paróquia de S. João do Campo. E alguns deles historiaram e evocaram os episódios passados mais marcantes relativos à defesa da Fronteira, designadamente aos ocorridos na guerra da Restauração e os relacionados nessa conjuntura com a demolição das pontes da Geira para conter a passagem das tropas espanholas para

¹² A contribuição do concelho de Terras de Bouro da Terça para o Erário Régio (em princípio 1/3 dos seus rendimentos) foi de 10.849 réis e 10.421 réis, respectivamente média do período 1790/94 e 1815/1819. José Viriato Capela, *O Minho e os seus municípios. Estudos económico-administrativos sobre o município português nos horizontes da reforma liberal*, Braga, Universidade do Minho, 1995, p. 106.

¹³ Larga literatura sobre a matéria. Mas consultar especialmente Armindo de Sousa, «Fronteira e representação parlamentar na Idade Média Portuguesa» in *As relações de fronteira no século de Alcanices, IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, Actas, Vol. 1*, Porto, 1998, pp. 53-61.

o território nacional e assim assinalar a tarefa fundamental entregue a Terras de Bouro e demais concelhos anexos à defesa da Fronteira.

À Casa da Guarda e à Trincheira de S. João do Campo se referem diversos Memorialistas, em particular o de S. João do Campo que se refere ao muro da trincheira, reparado há pouco tempo, com casa que serve de recolhimento aos que guardam a passagem e onde os concelhos de Terras de Bouro e Santa Marta e coutos de Souto e Bouro fazem o seu Corpo de Guarda ¹⁴.

Por esta razão político-militar a paróquia mais próxima da fronteira, S. João do Campo do Gerês, ganha uma posição singular no concelho que os Memorialistas não deixam de salientar. Mas os Memorialistas não deixam de ressaltar razões de outra natureza que também contribuem para afirmar o papel singular e cabeça que S. João do Campo desempenha no concelho. Designadamente muitos deles referem o papel que na antiga administração romana desempenharia a paróquia do Campo, com o registo do *Campus* romano e largas marcas de restos arqueológicos patentes nos marcos da Geira ou relatados nos estudos e investigações de Matos Ferreira sobre a via romana da Geira que ele há pouco tempo levava ao conhecimento de Contador de Argote, o representante bracarense da recém criada Academia de História Portuguesa. Aí já se informava, com efeito, da trasladação da igreja matriz romana para o local mais próximo do povoado, registando-se assim e assinalando-se a sua antiga primazia e antiguidade ¹⁵.

¹⁴ Nos processos das justificações e defesa dos privilégios ameaçados que se verificaram depois das guerras da Restauração, fala-se em duas Casas de Guarda junto das Trincheiras postos fixos de guarda, onde se posicionam os povos de Terras de Bouro, Souto e Santa Marta, enquadrados pelos respectivos sargentos-mores de Ordenança. A estes postos e à população, armada, incumbia a obrigação de defender as entradas da estrada da Geira, da Ponte de Albergaria, cabeça de Palheiros e entrada do Reivedo. Domingos M. da Silva, *A fronteira da Portela do Homem e os privilégios de Terras de Bouro*, Braga, 1984.

¹⁵ Como se refere na Memória de 1736 relativa a S. João do Campo, a antiga igreja matriz fora toda feita à romana que antes tinha servido de templo romano. Conduzida para o povoado em 1718 se reedificou de novo «e se fez de maior grandeza de sorte que ficou hua linda e bem aseada igreja». António Afonso, «Notícia da freguesia de S. João do Campo que mandou o Dr. Vigário Geral aos 9 de Junho de 1736», in *Terras de Bouro. Território Museu da Montanha*, n.º 4, C. M. de Terras de Bouro, 2001, p. 24.

A Geira, de via romana a caminho rural no século XVIII

A via romana da Geira no conjunto dos seus elementos arqueológicos e epigráficos, do papel e função desempenhada na organização do território, no funcionamento da economia local e valorização das paisagens, nos eventos histórico-religiosos, políticos, militares, entre outros a ela associados, tem dado amplo campo ao desenvolvimento de estudos e constitui um dos suportes mais importantes aos programas de desenvolvimento local e regional.

Atravessa o concelho de Terras de Bouro no sentido longitudinal, ligando-o a Braga e ao território galego, tendo contribuído no passado para uma mais activa ligação do território a escalas muito mais alargadas, pelo menos enquanto o sistema de ligações rodoviário romano se manteve como suporte essencial das ligações do território nacional, através do desenho das estradas traçado pelo Império Romano a partir do Convento Bracaraugustano (Actas do Colóquio «A rede viária da Gallaecia». Homenagem a Martins Capella. *Cadernos de Arqueologia*, série II, vol. 12/13, Braga, 1995/96).

Ao longo da Idade Média provavelmente – os estudos não abundam – será um dos caminhos da rota de Santiago de Compostela.

Mas o advento dos Tempos Modernos e com eles o crescimento das fronteiras nacionais, tornaram a Geira um caminho de penetração militar alternativo e caminho de invasão a conter. Nesse sentido com os povos das redondezas se organizará a sua defesa e a Geira e a sua Portela do Homem transformar-se-ão



Perspectiva do desenvolvimento da Geira por entre o bosque de folhosas em Albergaria, S. João do Campo, a caminho da fronteira.



em certos períodos históricos, pontos de fronteira e oposição de povos fronteiriços e portanto obstáculo à passagem e circulação. A Geira volver-se-á, então, neste contexto militar e de guerras ou tensões entre os Estados, essencialmente, um caminho ao serviço das comunidades rurais, das ligações inter-paroquiais e também regionais, pelo menos até ao advento recente das ligações em estrada de macadame.

De estrada ao serviço do Império Romano, a Geira volver-se-á caminho rural ao serviço das comunidades rurais, adaptando-se na sua estrutura às novas funções: por ela deverá agora passar ao mesmo tempo o carro de bois e o caleiro de água de lima e rega, a pedra do lagedo servirá para delimitar os campos dos montes ou os campos vizinhos que evitem a livre passagem dos gados. Os próprios marcos miliários que então comunicavam ao viajante as distâncias às capitais provinciais do Império Romano e os nomes e títulos dos Imperadores, servem agora para suportar as cruzes da expansão do novo Império Cristão, quando não funcionam até como escoras de edifícios ou outros apoios de casas ou estruturas paroquiais ou comunitárias.

Como refere o memorialista da paróquia de Salvador de Amares, fixando esta adaptação da estrada a caminho na ligação entre Figueiredo e Amares, que se pode aplicar a múltiplos outros espaços, refere textualmente: «Houve uma estrada (...) que a diligência dos lavradores para não lhes chamar ambição, tem confundido com uma agricultura». Pela mesma altura capitulos da correição do corregedor de Viana cominavam os que

Duas perspectivas do desenvolvimento da Geira transformada em caminho rural separando os campos e os montes com muros certamente muitos deles construídos com pedra retirada ao seu lagedo e dominando a meia encosta a paisagem serrana, constituindo elemento importante do território, com o marco miliário a fixar-lhes as coordenadas.



na Geira se vinham abastecer da pedra dos seus lagedos para demarcar e proteger as suas propriedades e também os que deixavam os seus portelos e cancelas abertas e deixavam as águas perdidas deteriorarem o seu trajecto.

Agora profundamente integrada no meio rural, a Geira perde-se por entre campos como uma quelha ou cangosta escondida e ensombrada debaixo da variada vegetação do bosque ripícola, dos freixos, vidoeiros, carvalhos, castanheiros que se desenvolvem sobre a concentração das águas paradas que o traçado e desenho da Geira promove. Noutros pontos, desenvolvendo-se a meia encosta, serpenteia entre montes e serras, estabelecendo os limites entre campos cultivados e montes, em paisagens onde a urze e o mato se encontra com o carvalho, o pinheiro e o castanheiro e às vezes até a vinha de enforcado e os seus muros são ainda em muitos pontos o suporte e os limites de antigos campos agrícolas abandonados, constituindo ainda o suporte de velhos terraços e espécies vegetais. O marco miliário solitário serve para indicar que aquele foi caminho militar romano.

Na orla de S. João do Campo, na Albergaria, engolfa-se por sob a ramagem e sombra do bosque de folhosas, de jovens e velhos carvalhos, pinheiros silvestres, cedros, castanheiros e bétulas.

As *Memórias Paroquiais* referem-se-lhe em termos «académicos» pouco avançando sobre o papel que a Geira desempenha então nas ligações locais, regionais e eventualmente internacionais.



Marco miliário símbolo e mensageiro do poder imperial Romano agora a suportar o símbolo e a mensagem do novo império Cristão. (Cruzeiro de S. João do Campo – Desenho ao natural por João de Almeida, in José Augusto Vieira, *Minho Pittoresco*, 1886-87.

A ideia da primazia concelhia e supra-concelhia e lugar cimeiro da igreja do Campo vai aqui nas *Memórias* sobretudo referenciada a partir do polo de atracção político-religiosa desempenhadas por algumas das suas capelas e devoções¹⁶.

A igreja de S. João do Campo, na sua romaria à capela do Bom Jesus é aliás, na altura que se escrevem estas *Memórias*, o principal ponto de referência do concelho, onde se faz a procissão geral concelhia, que aqui é o equivalente às festas concelhias que normalmente se fazem no Corpo de Deus para além de outras festividades concelhias que se realizam e muito especialmente nos municípios de vilas e cidades. A festa e romaria geral que se realiza no dia 23 de Agosto é, no texto do Memorialista do Campo «ocasião em que o juiz do conselho e mais oficiais d'elle vem de romagem ao mesmo Bom Jesus a que chamam Procissão Geral, fazendo preces com as onze cruzes do concelho...» lançando-se coimas a quem faltar¹⁷.

Esta festa e romaria é, com efeito, o momento anual por excelência do encontro concelhio das freguesias reunidas por autoridade do poder e ordem municipal, a cuja procissão e festa o juiz e a sua câmara presidem. É portanto o facto político e social mais marcante do concelho que não tem paralelo em qualquer outra iniciativa que tenha lugar em outro qualquer polo concelhio, incluindo Sequeirós. Ao Campo acorre aliás também, povo de outros concelhos de Santa Marta de Bouro e Couto do Souto na festa da capela de Nossa Senhora da Codeceda¹⁸.

Mas a paróquia de S. João do Campo é também a representante por excelência da matriz serrana do concelho pela sua proximidade e configuração adentro da Serra do Gerês, expresso na concentração

¹⁶ A posição cimeira e dominação concelhia de S. João do Campo define-se claramente a partir da sua dignidade e hierarquia institucional – abadia do padroado régio e sobretudo pelos elevados rendimentos e foros e propriedades da igreja localizadas em Covide (sobretudo Sá), em Chamoim (Sequeirós, Travassos, Pregويم), em Carvalheira, em Rio Caldo como se pode verificar da consulta do Tombo de 1540. Estes direitos, propriedades e foros fazem dela um dos grandes senhorios foreiros do concelho. Arquivo Distrital de Braga, *Tombo da Igreja de S. João do Campo. Anno de 1540.* (Registo Geral. 239.3).

¹⁷ *Memória de S. João do Campo.*

¹⁸ *Idem.*

dos seus recursos naturais que a fazem particularmente singular e rica de fauna e flora, espécies vegetais, águas minerais e caça que o Memorialista de S. João do Campo, mas também os das paróquias à volta da Serra – Covide, Rio Caldo, Vilar da Veiga, Brufe, Carvalheira – descrevem de um modo particular, referindo-se também os fojos da caça (Brufe e S. João do Campo).

O concelho de Terras de Bouro aparece-nos assim de certo modo no testemunho destas *Memórias* estruturado a partir de 2 pólos essenciais, colocados ambos no Vale do Homem, um a montante outro mais a jusante.

Em Sequeirós de Chamoim está o centro administrativo onde se organizam as tarefas da administração corrente do concelho. Centro débil porque minúscula é a estrutura administrativa deste concelho, com câmara que nem sequer tem almotaçaria porque a terra não tem feira que é por onde se desenvolve e estrutura a dinâmica social dos concelhos e a partir da qual se realizam rendas (sisas, coimas, terras-dos) e se exerce e afirma a jurisdição económica das câmaras que é a peça essencial da constituição deste poder municipal antigo.



Sede do concelho de Terras de Bouro em Covas, Moimenta. Desenho ao natural de João de Almeida inserido por José Augusto Vieira no *Minho Pittoresco* (1886-87) aí indevidamente, como decorre do texto, referenciado ao lugar de Sequeirós - Chamoim, até então sede do concelho.

«O leitor quase prevê que nada tem de notável esse largo mais ou menos irregular, com os seus antigos alpendres para os feirantes a um lado, a capela de S. Brás e Senhora das Necessidades ao outro. Os edifícios em que se alojam as repartições públicas ou em que vivem alguns particulares, mal podem desenhar as suas formas, aliás vulgares, assoberbados como estão pelas ramarias do arvoredor frutífero, que faz dar ao largo o aspecto de uma clareira aberta. De entre todos, o mais concorrido é de certo aquele em que existe o estabelecimento do sr. Francisco de Sousa, um verdadeiro *pandemonium* de tudo quanto a indústria tem produzido no século, desde a chita barata à vela de cebo, desde o tamanco nacional ao vidro barrigudo dos candeieiros de petróleo».

A escolha de Sequeirós que nada indicava para sede do concelho deve-se evidentemente aos interesses económicos que o senhorio donatário tem na terra, onde possui propriedades e rendas¹⁹ que a «sua» câmara contribui para controlar e ajudar a arrecadar.

Em S. João do Campo, na proximidade da fronteira, estrutura-se e configura-se essencialmente o poder e as tarefas políticas deste concelho, a partir da tarefa essencial que foi entregue a este concelho, sua vocação e razão de ser fundamental que é a defesa da fronteira. Em S. João do Campo concentrarão as câmaras a parte mais vinculativa do exercício do poder e jurisdição municipal, a saber, a convocação, realização e a fiscalização dos principais actos públicos festivos, designadamente a Procissão Geral. Por outro lado à câmara de Terras de Bouro competirá a tarefa essencial de guardar os privilégios da defesa da fronteira, envolver-se activamente na renovação destes privilégios quando em períodos longos sem guerras eles parecem tornar-se desnecessários e obsoletos, privilégios que aliás lhe permitem uma liderança supra-municipal sobre os outros concelhos que com ele estão associados à defesa da Fronteira.

Mas o actual território concelhio participava então também de outras unidades administrativas concelhias todas elas mais inorgânicas que o concelho de Terras de Bouro, com o qual, aliás, algumas se articulavam.

Na margem direita do rio Homem, na sua secção superior, o território integra o concelho de Vila Garcia, que se terá chamado couto como refere o memorialista de Brufe²⁰. Constava então do território da paróquia de Brufe, de 5 lugares de paróquia de Cibões, a saber, Gilbarbedo, Cabenco, Figueiredo, Lama e Levada²¹.

¹⁹ Os passais da igreja do Campo estão em Sequeirós na paróquia de Chamoim. Destes passais pagava-se pensão de 2 pipas de vinho, 11 alqueires de pão e dinheiro ao donatário do concelho, *in* António Afonso, «Notícia da freguesia de S. João do Campo...», *art. cit.*, p. 15.

²⁰ *Memória* de Brufe.

²¹ 2 outros lugares de Cibões integram-se noutros concelhos vizinhos: o lugar de Cibões no concelho de Pico de Regalados, o lugar de Vergaço no concelho de Ponte da Barca. Pelo que como refere o Memorialista de Cibões, a paróquia vai governada por 3 varas de juizes ordinários (*Memória de Cibões*).

Os memorialistas de Brufe e Cibões dizem-no constituído tão só por 1 juiz feito por eleição do povo, de 3 em 3 anos que serve no cível, no crime, almotacé e juiz dos órfãos²². Das sentenças do juiz que faz audiência de 15 em 15 dias, porque é concelho régio, apela-se para o corregedor da comarca. Tem um só escrivão que vem do concelho de Pico de Regalados. Não se lhe refere à existência de estrutura camarária de vereadores, procurador e até tesoureiro.

Mas a consulta de alguns livros de registo da sua câmara permitenos, porém, ter uma visão mais completa sobre a orgânica deste concelho, com sede no lugar de Gilbarbedo. Em 1764-1779 ele é composto por uma câmara a quem compete nomear 6 *homens das governanças* – chamados também *eleitos do governo* ou *homens bons* para o governo do concelho, encarregados de dirigir os seus lugares, desempenhando a função de órgão auxiliar do governo camarário. A câmara é constituída por um juiz ordinário, um vereador mais velho, um vereador mais novo e um procurador. De funcionalismo camarário refere-se-lhe um escrivão e 1 meirinho, porteiro ou pregoeiro.

A câmara exerce aqui uma tarefa essencial e conta com o trabalho dos *eleitos* para cada um dos lugares, que são uma espécie de comissários ou agentes da câmara nas aldeias. Eles parecem agora substituir os vedores das passagens (isto é, guardas dos portelos, caminhos e servidões), monteiros (defensores dos povoados contra os lobos e animais ferozes), jurados e quadrilheiros para acompanharem e protegerem o juiz da câmara nas suas diligências, que existiam no passado. Não há aqui lugar a almotacés ou almotaçaria, porque também não há feira nem serviços ou comércio que tal o justifiquem²³.

Nesta mesma margem, a paróquia de Gondoriz estava sujeita às justiças do concelho da vila do Pico de Regalados, como também estava o lugar de Cibões da paróquia de Cibões.

Na margem direita do Homem, limites do concelho de Terras de Bouro, Entre Homem e Cávado (Amares) e Santa Marta de Bouro, a paróquia de Santa Isabel do Monte pertence ao concelho de Bouro.

²² O juiz ordinário, como erradamente informam os *Memorialistas*, não tem crime. O crime pertence ao juiz do concelho de Pico de Regalados.

²³ José Viriato Capela, «O antigo concelho de Vila Garcia» in *Terras de Bouro. O Homem e a Serra*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992, pp. 137-143.

Na região da Ribeira Homem, a paróquia do Souto limite Sul do concelho, constitui sobre si o Couto de Souto. O Memorialista da terra só lhe refere a presença de juiz ordinário e o privilégio de participar na guarda à Fronteira²⁴.

Por último, a paróquia de Vilar da Veiga no topo superior da Ribeira Cávado estava ao tempo integrada no concelho de Ribeira de Soaz.

Em conclusão: em 1758 as paróquias que hoje fazem parte do concelho de Terras de Bouro integram-se em pelo menos 7 unidades concelhias que lhe deram, sem dúvida, uma certa autonomia e personalidade histórica.

Em alguns casos a geografia condicionou esta divisão mas foi sobretudo a realidade político-social do tempo designadamente o peso, nesta zona, da ordem senhorial que explica a organização concelhia e administrativa do tempo.

Configurado no actual desenho territorial por obra das reformas liberais do século XIX em especial da reforma da carta dos concelhos de 1836 com a extinção do concelho de Ribeira de Soaz, Vila Garcia, Bouro e Couto do Souto o actual concelho de Terras de Bouro manteria – apesar de breves extinções e dificuldades de 1846²⁵ e 1892²⁶ – a

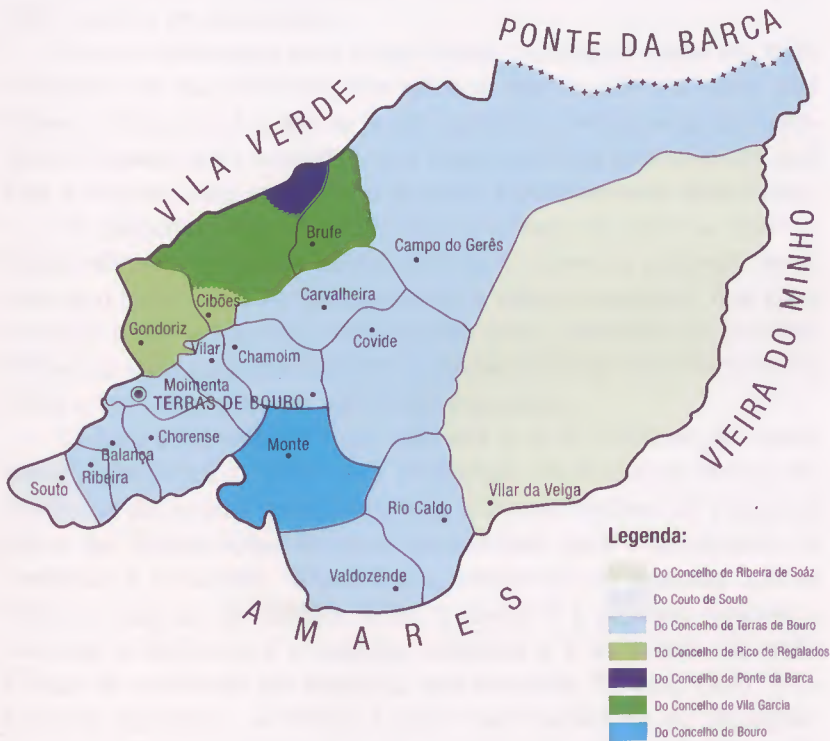
²⁴ «Vila e Couto, com juiz ordinário e câmara no geral e órfãos. Eleição do povo que confirma o corregedor».

²⁵ José V. Capela, *A Revolução do Minho de 1846*, Governo Civil de Braga, 1997, p. 255.

²⁶ A extinção do concelho de Terras de Bouro em 1892 insere-se claramente na decisão régia e estadual de criar e impôr o Perímetro Florestal (1888) e a Mata do Gerês aos povos serranos e com ele um novo programa de intervenção na serra que os povos da região até aí geriram de um modo privado e localista. A câmara do concelho secundou e até capitaneou entre 1888 e 1890 os povos de S. João do Campo e Vilarinho, os mais resistentes e revoltosos contra tais medidas, pagando o concelho com a sua extinção, a ousadia da revolta e resistência. A Serra foi violentamente ocupada pela tropa para impôr o Perímetro e a Mata. José Viriato Capela, «Os povos da Serra do Gerês em luta contra a Mata e os Serviços Florestais (1888-1910)», in *Terras de Bouro. Passado com História*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, n.º 3, 2000, pp. 27 e segs. e José Carlos Alves Vieira, *Vieira do Minho. Notícia histórica e descritiva*. Edição fac-símile da edição de 1925, Ed. «O Jornal de Vieira», Braga, 2000.

sua configuração a partir do núcleo primitivo das paróquias que lhe deram forma, mas exprimindo ainda na fisionomia de alguns dos seus territórios o modo de se articular e integrar no novo conjunto, as marcas da organização e autonomia administrativa do passado.

**Divisão concelhia do actual território
do concelho de Terras de Bouro
ao tempo da redacção das *Memórias Paroquiais* de 1758**



4 As paróquias, sua população e povoamento

Em resposta a um dos *itens* do Inquérito – o 3.º da 1.ª parte – em todas as *Memórias* se registam informações relativas à população das paróquias, sem exceção para o número de fogos ou vizinhos e pessoas maiores de sacramento.

É uma informação para a qual todos os párocos estão em boas condições de dar informes homogéneos que resulta de todos eles estarem obrigados a proceder a um rigoroso assentamento dos paroquianos residentes e ausentes, dos praticantes dos sacramentos, que lhes é imposto pelo seu múnus pastoral e ordenamento eclesiástico.

Os párocos começam por fornecer o número de *fogos* ou *vizinhos*. Ineludivelmente o sentido destes termos é o mesmo podendo ainda usar-se o termo morador para significar a mesma realidade, que é em princípio o da família habitando a sua casa, podendo em princípio também a uma casa corresponder mais que um fogo estreito tomando então o fogo o sentido lato, de família alargada.

Depois a informação mais utilizada é a de *pessoas de sacramento*, que traduz o número de habitantes, de ambos os sexos, em condições de receber os sacramentos, isto é, as maiores de 7 anos na forma das Constituições Sinodais bracarenses, para o sacramento da confissão e comunhão. Em 2 casos referem-se só *pessoas* que se entende tratar-se de maiores e em 3 casos, 1 a pessoas maiores e menores e os outros 2 a maiores, menores e a ausentes. Há ainda 1 caso de referência em separado aos menores. Só num caso, o da *Memória* de Souto, se refere a uma maior variedade de situações, sendo possível estabelecer a partir dele uma mais completa relação não só entre os fogos ou vizinhos e os maiores de sacramento, mas também com as menores e repartição por sexos, situação civil, os presentes e os ausentes.

Os dados que os párocos fornecem, embora só num caso se refira taxativamente, vão retirados do rol dos confessados da igreja²⁷ a cuja contagem e registo na forma das *Constituições Sinodais* os párocos devem proceder, não só para o controlo da prática sacramental mas também para o pagamento de direitos à paróquia e à igreja.

Os dados fornecidos permitem uma aproximação ao número de fogos e moradores por paróquia e desde logo à sua dimensão e níveis de concentração demográfica que são um elemento fundamental para conhecer as realidades e condições da vida humana na região.

**Distribuição das paróquias por número de fogos/vizinhos
em Terras de Bouro
segundo os dados das *Memórias Paroquiais* de 1758**

Níveis de população (fogos)	0-50 Fogos	51-100 Fogos	101-150 Fogos	151-200 Fogos
N.º	2	7	6	1
Paróquias	Brufe	Gondoriz	Balança	Cibões
	Monte	Vilar	Valdozende	
		Vilar da Veiga	Chamoim	
		Campo do Gerês	Chorense	
		Covide	Rio Caldo	
		Ribeira	Souto	
		Moimenta	Carvalheira	

Elas apresentam-nos um quadro de distribuição populacional cujo perfil demográfico coloca a maior parte das paróquias numa dimensão média e grande, se considerarmos nesta situação aquelas comunidades paroquiais em que o número de fogos se eleva a mais de 100 fogos. Encontram-se neste último caso 6 paróquias. A um nível superior, com mais de 150 fogos, só se regista a paróquia de Cibões.

²⁷ Como se refere na *Memória de Covide*.

Tal não quer dizer, porém, que tal se traduza em povoamento concentrado em aldeias únicas de igual dimensão. Bem pelo contrário. Estamos na generalidade dos casos em presença de uma população que se distribui por vários lugares ou aldeias dentro da paróquia que é a forma mais comum de povoamento da região, sobretudo nos territórios mais serranos, ainda que nas paróquias mais ribeirinhas se esteja também perante uma forma de povoamento onde o casal disperso salpica muito do espaço paroquial e os lugares atinjam em regra uma dimensão menor.

Mas na generalidade deste território, largamente moldado nas montanhas e serranias, a realidade económica, agrária, social e as dificuldades de acessibilidades impõem a constituição de aldeias de alguma dimensão, sem contudo reunirem condições para se constituírem em paróquias ou freguesias, ainda que alguns deles ganhem significativa autonomia, particularmente sustentado na sua vida religiosa mas também na separação dos seus montados e espaços de pastoreio. É o caso naturalmente das paróquias mais populosas como Choreense (com 21 lugares), mas também Souto, Rio Caldo, Balança, Gondoriz (com lugares com um n.º de fogos que variam entre 2 e 13 fogos) e também Cibões (onde os lugares de Cibões, Gilbarbedo e Cabenco tem respectivamente 40, 40 e 30 fogos), Chamoim e Ribeira.

A expressão social por excelência desta realidade humana e de povoamento é a organização da vida religiosa à volta de capelas dos lugares, em regra de administração do povo dos lugares, nas quais e a partir das quais se organiza a vida religiosa festiva e se prestam os serviços religiosos e de sacramentos aos vizinhos e moradores dos lugares, cuja distância e acessibilidade ao lugar da igreja matriz, tornam a prática religiosa difícil.

Estamos, pois, em presença de um padrão de povoamento relativamente desconcentrado por lugares e aldeias no interior das paróquias. Mas naturalmente uma análise mais minuciosa, separando o povoamento das zonas mais pobres e montanhosas da dos vales e ribeira haveria de mostrar em diversidade de povoamento, expresso designadamente nestes últimos casos na constituição de aldeias mais pequenas e a emergência do povoamento por casais dispersos.

**População dos territórios que virão a integrar
o concelho de Terras de Bouro (dados de 1794)**

Jurisdicções e Freguesias	Dignidade do Pároco	Fogos	Almas	Clérigos
Couto de Cibões				
S. Mamede de Cibões	Abade	164	577	5
Concelho de Vila Garcia				
O Espírito Santo de Vila Garcia	Vigário	22	99	1
Concelho de Santa Marta de Bouro				
Santa Isabel do Monte	Cura	35	169	2
Parte de Santa Marinha de Valdozende		64	322	3
Concelho de Terras de Bouro				
Santiago de Chamoim	Abade	78	454	12
Santa Marinha de Vilar	Vigário	69	315	3
Santo André de Moimenta	Vigário	70	324	8
Santa Marinha de ChoreNSE	Abade	107	451	11
S. João Baptista de Balança	Abade	115	416	8
S. Mateus da Ribeira	Abade	59	227	7
Parte de Santa Marinha de Valdozende	Abade	25	110	2
S. João de Rio Caldo	Abade	124	352	9
S. João do Campo	Abade	54	285	7
Santa Marinha de Covide	Vigário	65	275	12
S. Paio de Carvalheira	Abade	87	437	9
Concelho de Pico dos Regalados				
S. Mamede de Gondoriz	Vigário	92	405	6
Couto de Souto				
O Salvador de Souto	Vigário	128	573	7
Concelho de Ribeira de Soaz				
Santo António de Vilar da Veiga	Vigário	94	412	1

FONTE: Arquivo do Museu Militar, *Relação das jurisdições e freguesias da Província do Minho em 1794*, 1.ª divisão, 11.ª Secção, cx. 20, n.º 4 e *Geografia e Economia da Província do Minho nos Fins do Século XVIII. Plano de descrição e subsídios de Custódio José Gomes de Villas-Boas*, recolhidos, anotados e publicados por António Cruz, Porto, 1970.

É possível comparar estes dados fornecidos pelos párocos em 1758 com os recolhidos em 1794, cerca de um quarto de século mais tarde, naturalmente também fornecidos pelos párocos. Estes últimos informes juntam também para além de outros dados, os respeitantes à existência de clérigos e frades²⁸. A comparação de ambos os dados permite concluir que neste curto espaço de tempo o tónus geral quanto às tendências da evolução da população parece ser o de uma certa estabilidade de valores entre 1758 e 1794, isto se considerarmos que o número de clérigos contabilizados em coluna à parte em 1794 se referem a fogos que devemos somar com fogos da 1.^a coluna neste recenseamento. Assim esta população parece ter-se mantido quase estável para Monte, Chorense, Rio Caldo e até Ribeira e Chamoim, com a excepção Brufe/Vila Garcia para a qual a diferença continua negativa. Mas para outras paróquias pode até ter crescido ligeiramente, como em Moimenta, Covide, para além de Souto, Cibões, Vilar, Balança, Gondoriz²⁹.

De qualquer modo, as diferenças para mais e para menos, seguindo o critério de agregar os clérigos aos fogos, mostra uma grande estabilidade senão bloqueamento dos efectivos demográficos para esta etapa final da evolução destas paróquias adentro dos quadros administrativos antigos³⁰.

Não é difícil conhecer em geral os factores de bloqueio do crescimento destas populações de Antigo Regime, que tem a ver, como se sabe, com o seu regime demográfico de forte mortalidade, sobretudo infantil e juvenil, muito condicionado em geral pelas condições de vida

²⁸ Como informam também os homens e mulheres maiores de 14 anos, os rapazes e as raparigas menores de 14 anos, os conventos de frades, os frades, os conventos de freiras, as freiras, as recolhidas e o valor do rendimento dos dízimos por paróquia. *Geografia e Economia da Província do Minho nos fins do século XVIII. Plano de descrição e subsídios de Custódio José Gomes de Villas-Boas*, recolhidos, anotados e publicados por António Cruz, Porto, 1970.

²⁹ Conferir e comparar os dados das *Memórias Paroquiais de 1758* com os de 1794 do *Cadastro de Vilas-Boas*.

³⁰ Os casos da população de Brufe, Cibões e Gondoriz devem ser incorporados com certas cautelas porque se não mantêm em ambos os registos, isto é, contagens de 1758 e 1794 e a separação da contagem dos fogos dos lugares conforme a mesma jurisdição.

económica, fomes, doenças e carestias, que nesta etapa histórica não deixam de se verificar e até acentuar.

Mas neste contexto histórico é importante entrarmos em linha de conta também com as saídas e a emigração mais ou menos temporária, mais ou menos definitiva, para Espanha, para o Brasil e interna para trabalhos sazonais. Infelizmente as informações sobre estes dados são poucas. Taxa de ausência só é possível conhecer para 1758 para a paróquia de Souto onde o pároco contou 33 (pessoas) ausentes.

Gostaríamos de saber responder qual a economia-sociedade que neste contexto melhor resiste e protege a sua população contra as crises agrícolas ou outras dificuldades que se apresentam à sobrevivência da população. Qual é mais vulnerável ou resistente, a economia serrana de forte base pastoril e comunitária, ou a economia e sociedades das paróquias ribeirinhas, mais individualista e de recursos mais variados? E num plano mais vasto: qual o comportamento desta sociedade e economia terrasboureense marcadamente serrana e pastoril no contexto da evolução geral da Província minhota onde se enquadra?

5 Economia

As *Memórias Paroquiais* não sendo particularmente ricas em informação para os mais diversos aspectos que tocam a economia das terras e das paróquias, não deixam de dar importantes informações relativas à cultura e produções dos campos, dos montes e dos rios, de modo a permitir fazer um inventário genérico e caracterização das suas principais culturas e produções.

Já no que diz respeito aos condicionalismos climáticos, económicos e sociais da produção, são muito escassos de informações, ainda que aqui e acolá deixem certas indicações sobre a economia social, designadamente sobre colectivismo e comunitarismo agro-pastoril. Raras são também as informações que permitam uma avaliação ou aproximação



Brufe – Paisagem de montanha até onde se estendem as áreas de cultivo reservadas, é certo, essencialmente ao centeio e algum milho serôdio. A vinha de enforcado e árvores de fruto dificilmente alcançam estas altitudes.

quantitativa às produções, ficando-se em geral as *Memórias* por referências qualitativas ao maior ou menor desenvolvimento das culturas agrícolas, animais, arbustivos, piscícolas e cinegéticos. E mesmo aqui as informações são sempre mais desenvolvidas para as produções dos campos e até dos montes e dos rios e são sempre muito lacunares no que diz respeito à criação de gado, em que as *Memórias Paroquiais* se revelam paupérrimas de informação. Ora este é um elemento muito importante da caracterização e da definição da economia e níveis de vida destas populações e sociedades de Antigo Regime, em especial nestas regiões de longos montes e baldios e pastagens de serra, de Verão e até mesmo de Inverno onde a criação de gado atinge elevado grau de intensificação de Verão e até mesmo de Inverno.

Mas as *Memórias* são também absolutamente omissas no que diz respeito às outras actividades económicas, às mercantis e de trocas e também ao desenvolvimento das actividades dos profissionais que ganham alguma independência relativamente à agricultura.

5.1. Economia dos campos

Estas *Memórias* permitem com algum pormenor uma aproximação às principais culturas agrícolas que suportam e estruturam esta economia antiga que se manteve aliás largamente estável nos seus elementos essenciais e funcionamento até um tempo bem recente neste e outros espaços do território nacional.

A tabela junta reúne as principais informações colhidas nas *Memórias* relativamente aos cereais e feijão, ao vinho e ao azeite, às frutas, aos legumes e às castanhas nas quais se concentram o maior volume de informações veiculadas pelos párocos que deste ponto de vista são também a medida do maior ou menor desenvolvimento e expressão paroquial das culturas e produções. Um tratamento estatístico ao volume de referências conjugado com as informações de natureza qualitativa relativa ao maior ou menor desenvolvimento das culturas permitirá assim construir o verdadeiro quadro paroquial e regional destas culturas.

Com efeito não se pode fazer uma leitura directa e literal das informações dadas pelos párocos. Nuns casos os párocos são largamente



Campos de montanha com os depósitos de estrume aguardando as lavras e as sementeiras. O adubo vegetal e animal é o suporte da produção e produtividade destes solos pelo que a criação animal e a utilização e racionamento dos matos é essencial ao funcionamento e equilíbrio desta agricultura tradicional.

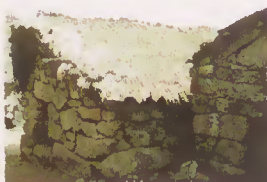
enumerativos das culturas das paróquias, indicando por vezes as de maior desenvolvimento. Quando se alargam nesta enumeração em regra a importância das culturas vai expressa no lugar tomado nessa enumeração referindo-se em primeiro lugar às culturas mais importantes. Noutros casos a enumeração é mais limitada e neste caso vão referidas aquelas culturas de maior importância e dimensão, o que não quer dizer que outras aí se não produzam. Com efeito o facto de num ou noutro caso não se registar em existência de tal ou tal produto, não significa que ele não esteja presente; tem quando muito uma menor importância no conjunto das produções paroquiais, na perspectiva descritiva do pároco.

O quadro geral das referências e observações quantitativas e qualitativas sobre as culturas das paróquias do concelho permite afirmar o seguinte.

A cultura e certamente a produção por excelência do concelho de Terras de Bouro concentra-se então no milho (ou milho grosso), no centeio, na vinha e no vinho e também no azeite. As demais culturas são locais ou marginais. De um modo geral com maior ou menor desenvolvimento global ou relativo todas elas são as mais representativas em quasi todas as freguesias do concelho. As excepções a este quadro geral são os resultantes de condicionalismos geográficos



Os moinhos são essenciais ao funcionamento destas economias rurais antigas, fortemente dependentes do pão de milho (em geral pão de segunda ou mistura de milho e centeio) cujo grão é necessário moer regularmente. A seca dos rios e ribeiros no Verão cria algumas dificuldades ao seu funcionamento pelo que todos os cuidados são colocados para que a água não seja retirada aos moinhos. A estes, mas também aos múltiplos teares domésticos se reduz o essencial da «indústria» e equipamentos transformadores do tempo.



Corte com cobertura de colmo de centeio.

O centeio é ao tempo cultura muito importante no concelho. Nalgumas freguesias de montanha esta é talvez exclusiva. É, pois, fundamental à administração e sustento dos povos, mas a sua palha de colmo é ainda largamente utilizada para enchimento de colchões, coberturas individuais e de habitações, de entre as principais utilizações, a cujo recurso se mantêm presos até uma época muito recente as populações.

decorrentes da altitude e do clima que tornam impossível a algumas freguesias a aclimação de certas culturas mais exigentes e noutras onde as condições climáticas e irrigação propícia permitem o abandono de culturas mais pobres e arcaicas de sequeiro.

No 1.º caso estão as freguesias serranas e de forte altimetria como Brufe, Monte, Gondoriz, sobretudo as duas primeiras, que só permitem a presença do centeio, dificilmente o milho e os demais milhos e muito menos o vinho e o azeite, frutas e certos produtos hortícolas.

Nestes casos as *Memórias* dos respectivos párocos referem-se aos rigores dos frios e das neves de Inverno que não permitem outras culturas que não o centeio. O memorialista de Brufe refere-se até à casa da neve, que «dizem era dos Arcebispos de Braga» e então se achava abandonada³¹. O memorialista de Cibões regista que muitos anos tem acontecido manter-se os gados mais de um mês nas cortes sem poder sair para os pastos e montes.


Estas terras são por isso também das mais pobres. Para além da menor variedade de produções – os Memorialistas não avaliam o valor do gado – eles acentuam também o superior custo dos trabalhos por causa das dificuldades de locomoção e transportes por caminhos íngremes, socialcos altos e campos dependurados pelas encostas dos montes onde todos os transportes tem que ser feitos pelos humanos.



































Expressão desta pobreza e exiguidade das terras e da necessidade de aumento dos recursos é a chamada cultura dos barbeitos, assinalada em diversas paróquias do concelho, designadamente Balança, Cibões, S. João do Campo, Chamoim e Santa Isabel do Monte, mas que deve então ser prática comum a outras paróquias. São as culturas temporárias feitas sobre as terras queimadas e cavadas nos montes a que se referiu já Orlando Ribeiro³², como expressão de pobreza e busca de complementos de recursos destas comunidades serranas e a que se referem também vários Memorialistas: «os moradores de

³¹ Na notícia da freguesia de S. João do Campo, diz-se que no Chão da Fonte, onde nasce o rio que atravessa Vilarinho das Furnas está a casa da neve que mandou fazer o Arcebispo D. Luís de Sousa e se encontrava então em «parte dela demolida», in *Terras de Bouro. Território Museu da Montanha*, n.º 4, p. 15.

³² Orlando Ribeiro, «Milho», in *Dicionário de História de Portugal* (dir. Joel Serrão), Iniciativas Editoriais, 1971, vol. III, pp. 58 e ss.

Referências às produções agrícolas nas paróquias do concelho de Terras de Bouro segundo as *Memórias Paroquiais* de 1758

 Culturas produzidas em maior quantidade

Paróquias	Milho	Milho alvo	Milho miúdo	Painço	Milhão	Milho grosso	Vinho	Centeio	Trigo	Feijão	Fruta de toda a espécie	Alguma fruta	Azeite	Castanha	Referências às produções e sua abundância conforme citação nas <i>Memórias Paroquiais</i> (texto actualizado)
Brufe	X	X													Milho alvo, pouco; feijão muito pouco; maior abundância de centeio.
Monte															Por informações da <i>Memória</i> de Vilar e Rio Caldo.
Balança						X	X		X	X	X			X	
Gondoriz													X		Pela maior parte centeio; milho pouco. Pouco vinho, este muito verde; pouco azeite.
Carvalheira									X	X	X		X		Colhem em maior abundância milho, centeio e vinho; feijão e trigo, pouco.
Vilar			X	X					X	X			X		Colhe-se porém em mais abundância, milho, centeio e vinho, isto no que diz respeito aos lugares da Mota, Outeiro e Paço, próximos à Ribeira. No lugar de Travassos, alto, não produz azeite e trigo.
Vilar da Velga								X		X		X			Os frutos em maior abundância são milho, vinho e azeite; pouco centeio, alguma fruta.
Cibões					X		X	X		X			X		Tudo moderado; algum azeite.
Valdozende		X		X				X							E de todos o que sacia a terra é milho que as mais são em fraca quantidade. Vinho verde bastante quando o há e azeite que alguns lavradores têm para casa e vender.
Campo do Gerês	X		X				X			X		X		X	Porém só de milho e centeio a maior quantidade. Os mais frutos é em pouca abundância. Alguma fruta, pouca e ruim.
Chamoim Lugares ao pé do monte Lugares no monte (Padrós, Santa Comba e Felgueiras)			X	X					X	X		X		X	Fruta de espinho muito boa, peras, maçãs, figos, nozes, ameixas, cerejas, melões, melancias e toda a mais hortaliça. Maior abundância de milho, centeio e vinho. Alguma fruta sem ser de espinho, porém fraca, como também o vinho, muito verde. Maior abundância de milho e centeio.
Choreense															Colhem todo o género de frutos mas em mais abundância é milho, centeio e vinho.
Covide			X	X			X				X		X		Em abundância milho, centeio.
Ribeira								X	X	X			X	X	Em abundância milho, vinho e castanhas.
Rio Caldo								X		X					A maior abundância é vinho verde, milho e centeio pouco, azeite bastante... muita laranja e limões. «terra muito pensionada».
Souto															O que os moradores colhem em maior abundância.

Santa Isabel em rezam de muito frio e geadas lhes devoram o milham, costumam estes cavar alguma terra no mês de Agosto e queimando mato (...) lhe semeiam centeio a que chamam barbeitos...»³³. Em Cibões, refere-se que fazendo queimadas de 10 em 10 anos aos matos, silvas e giestas, aí semeiam algum centeio. O mesmo se faz em S. João do Campo nas cavadas e terra queimada. E relativamente a Chamoim refere-se: «algumas vezes costumam os lavradores pôr fogo aos tojos que a terra produz e das cinzas que lhe serve de aduvios semeiam centeios». A queimada dos montes é, com efeito, uma constante prática destas populações serranas com alguns ganhos mas com muitas perdas e danos na arborização dos montados por causa dos incêndios mais alargados. Estas práticas são em última análise a razão de ser da fraca cobertura e desenvolvimento vegetal e do arvoredado e pobreza geral destes montados serranos que as autoridades mais tarde pretenderam conter. É esta em grande medida a origem da criação da área do perímetro florestal para a serra do Gerês nos finais do século XIX e em consonância com ela da política de povoamento da cultura das árvores, da sensibilização das populações para a defesa e promoção dos seus recursos arbustivos, alicerçado também no estudo das suas práticas económicas, organização pastoril e social³⁴.

Se o termo barbeito, expressão da terra de cultura temporária num sistema de rotação e afolhamento largo ou mesmo ocasional se deve aqui aplicar a estas culturas esporádicas do monte, a toponímia local conserva registos do seu enorme recurso ainda em terrenos próximos e contíguos a áreas de cultivo contínuo.

A influência determinante do clima no andamento das culturas é geral em toda esta economia agrícola, mais forte naturalmente nas terras montanhosas por causa dos frios e neves. Por isso no universo das práticas religiosas das suas terras as devoções e práticas religiosas conduzidas nesta direcção ou o apego a devoções particularmente protectoras das culturas e dos animais estão aqui tão largamente presentes. É significativo que aqui em Terras de Bouro a principal devoção festiva colectiva municipal se realize em S. João do Campo, onde

³³ Na *Memória de S. João do Campo*.

³⁴ Neste contexto escreverá Tude de Sousa as obras mais importantes sobre a Serra do Gerês e o seu comunitarismo (conferir *infra* nota 48).

à capela de Nossa Senhora de Codeceda, se vai em romagem, em estando os frutos salvos e por eles dar graças a Nossa Senhora³⁵.

Mas estas devoções rogativas ou acções de graças estão muito mais generalizada do que o espelham as *Memórias Paroquiais* do concelho embora de um modo geral os Memorialistas se refiram a esta geral implantação dos clamores entre as nossas comunidades rurais portuguesas particularmente desenvolvidas no Arcebispado. Aqui em Terras de Bouro a forte devoção a Santo António é também ele um testemunho deste apego religioso à protecção às culturas e animais.

Expressão por excelência do rigor do clima destas paróquias de elevada altitude e por eles do arcaísmo e pobreza das suas culturas e economia é indubitavelmente a larga difusão e às vezes exclusiva presença do centeio como é também em certa medida a referência à importância económica da castanha. Só em algumas freguesias da ribeira do Cávado e do Homem é que foi possível ultrapassar estes constrangimentos e por isso puderam libertar-se em definitivo da dependência exclusiva da cultura do centeio.

A cultura do milhão ou milho grosso ou milho maiz que como se sabe iniciara a sua expansão no território pelos séculos XV-XVI, não o impedindo o frio, está já em toda a parte.

São já muito escassas as referências aos demais milhos antigos e tradicionais, de sequeiro, o milho alvo, o miúdo, o painço. O mesmo se verifica para o trigo, que todos vão em retrocesso. Algum desenvolvimento tem a referência a cultura do feijão, a testemunhar a importância crescente que tem na economia cuja expansão está muito ligada à «revolução» do milhão, como se sabe.

O vinho está também muito representado e mantém também uma relação muito directa com as áreas de expressão do milhão. Onde há só centeio, aí em regra, não chega também o vinho verde.

Em algumas paróquias, sobretudo da Ribeira do Homem e do Cávado a cultura das frutas – em especial dos citrinos – e dos legumes ganha um particular desenvolvimento que os Memorialistas não deixam de assinalar.

³⁵ *Memória de S. João do Campo.*

Praticamente são inexistentes as referências aos condicionantes e bloqueios do sistema político, da administração da sociedade e regime senhorial no funcionamento desta economia e ao seu papel na libertação maior ou menor de produto líquido da terra e até da fixação de excedentes para o comércio por via dos pagamentos dos foros, rendas e pensões. Tão só uma referência expressa vinda do pároco de Rio Caldo quando se refere que a «terra está muito pensionada» numa referência directa, sem dúvida, ao peso dos foros, censos, dízimos ou outros encargos régios, municipais, senhoriais, eclesiásticos, mas cuja origem e natureza em concreto a partir desta fonte e testemunho não é possível destrinçar nem sequer identificar.

5.2. Economia dos montes e dos rios

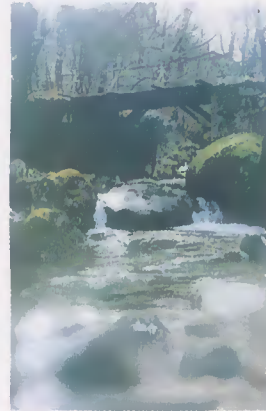
Os montes e os rios têm um importantíssimo papel na economia e sociedade agrária e rural antiga portuguesa.

O funcionamento desta economia rural assenta num equilíbrio bem regulado entre áreas cultivadas e incultas e o desequilíbrio para qualquer um destes campos condena e bloqueia o funcionamento natural das suas diversas componentes.

Cientes desta realidade que a experiência e a memória colectiva conserva, as comunidades rurais protegem cuidadosamente as instituições e os mecanismos sociais que pretendem manter este equilíbrio, que genericamente de definem e cristalizam à volta do comunitarismo.

Pesam porém constantemente sobre o domínio e a propriedade colectiva e comunitária dos montes e dos rios como também sobre os usos e fruições colectivas de campos e veigas as forças cada vez mais fortes e actantes do individualismo agrário e também pastoril que se batem por um uso, partilha e apropriação privada destes espaços e recursos colectivos.

Elas vêm, em regra, dos maiores proprietários que querem retirar os seus campos aos constrangimentos colectivos dos pastos nas restolhas e outras servidões colectivas como em relação com tal querem fazer a partilha dos montes à proporção das terras e fazendas de cada um. Mas podem advir também dos sectores ligados à exploração intensiva da criação de gado ou de outros recursos vegetais, minerais ou



Pelo grande caudal de águas de Inverno o rio Homem e seus afluentes são particularmente ricos de pontes de inegável valor monumental. Algumas delas de marcada produção romana, patenteiam hoje tão só restos e marcas das suas estruturas e arcos, como as que atravessam as ribeiras de Macieira e do Forno, afluentes da secção do alto Homem. A ponte de S. Miguel, em Albergaria terá sido, sem dúvida, a mais importante obra de arte romana, com pelo menos dois arcos de volta perfeita, mandada demolir aquando das Guerras da Restauração de Portugal (1642) para obstaculizar a marcha de exércitos vindos da Galiza.



piscícolas que em seu proveito pretendem limitar os direitos e usos colectivos (como a exploração e fabrico tradicional antigo de carvão).

O capitalismo agrário de origem urbana, em geral de base individualista mas também o movimento de concentração proprietária de base rentística individualista, mas também largamente senhorial e das instituições (religiosas e outros «latifundiários») são as que nesta etapa mais poderosamente se conjugaram para sustentar este individualismo agrário contra as práticas e os usos comunitaristas e colectivistas nos campos e nos montes que parecem afirmar-se com novo ímpeto neste século XVIII pelos anos 30 e reforçaram o seu poder sobre os rios, seus direitos e locais de passagem, pesca e exploração moageira³⁶.

As *Memórias Paroquiais* de 1758 ao inscrever 2 conjuntos de *itens* sobre as serras e os rios no conjunto dos *itens* do Inquérito que até aí nos inquéritos do género se ficava pela economia dos campos, é testemunho da importância que estes espaços têm no funcionamento não só da economia agrária mas também das paróquias e exprime também os interesses e pendências que agora ao longo desta 1.^a metade do século XVIII se jogam mais intensamente sobre o acesso, o domínio e os usos individuais e colectivos destes espaços e destes recursos.

As respostas dadas aos *Inquéritos* permitem por isso uma aproximação importante ao valor e significado destes espaços para a economia e sociedade rural paroquial, ainda que aqui também a informação quantitativa rareie.

Tal facto está certamente em relação com o menor peso e força neste concelho desses agentes do capitalismo urbano e rural bem como os da concentração rentista da propriedade e do foro, pela razão de não existirem ou serem muito periféricos ao território concelhio. E também pela pobreza da terra e também, porque não, pela forte organização comunitária da terra que se desenvolveu em correlação com esta economia.

³⁶ Documentou-se este assalto individualista às terras de fruição colectiva a partir de 1730 na área da Ribeira Limia. José V. Capela, *Política de Corregedores*, Universidade do Minho, Braga, 1997. Por todos sobre o avanço do individualismo agrário nos campos minhotos (e zona de Cávado) – Aurélio de Oliveira, *A Abadia de Tibães, 1630/1680-1813. Propriedade, exploração e produção agrícola no vale do Cávado durante o Antigo Regime*, 2 vols., Porto, 1979 (polic.).

A câmara, ao contrário do que acontece então noutros concelhos de base urbana aonde se concentra a elite política fidalga e burguesa, não é aqui agente nem suporte destes interesses que mal existem; as comunidades eclesiásticas são periféricas ao concelho (Rendufe, Bouro); os ricos beneficiários dos benefícios paroquiais locais próximos das populações parecem conter-se na apropriação destes recursos colectivos que a comunidade frui com elevada pressão e controlo.

Alguns testemunhos desta interferência exterior no concelho, assente no principal polo do «capitalismo» urbano do tempo faz-se a partir de Braga que aqui se manifesta directamente no desenvolvimento da «indústria» de carvão para o fornecimento da cidade e se exprimiu no grande investimento de capitalistas bracarenses traduzidas na implantação da fábrica de vidros de Linhares, em S. João do Campo, perto ao lugar do Vilarinho, para exploração dos seus recursos mineiros e lenhosos para combustíveis³⁷. A exploração carbonífera importante já nesta época mas também alguma pressão individualista na criação de gado, não deixarão de se afirmar sobre os montados deste concelho, o que certamente estará também na origem de um certo reforço dos regulamentos e estatutos deste comunitarismo e colectivismo então assinalado para proteger as velhas e antigas regras de utilização e fruição comunitária que foi preciso fazer reviver e fixar por escrito para que se tornassem mais imperativas.

É o que nos parece revelar o esforço que a partir de então se faz para fixar nos contratos estas regras, a que os párocos memorialistas se não referem mas nós conhecemos pelos actos notariais então feitos para tal salvaguarda. Realizado nesta conjuntura refere-se em concreto, o contrato de 1778 para Rio Caldo, relativo à vezeira. Mas os outros contratos registados para os anos de 1800, 1802, 1811 e 1819 e ainda os meados do século (1841, 1857 e 1861) inscrevem-se neste movimento longo do individualismo e assalto ao comunitarismo, paralelo da crise da Sociedade de Antigo Regime e deste tipo de Economia e Sociedade³⁸.



Na criação de gado graúdo e miúdo assentarão as comunidades rurais e pastoris serranas uma das principais, senão a mais importante fonte de riqueza. Os seus efectivos, em princípio, proporcionais às fazendas de cada um, são-no também à extensão e qualidade dos seus montes e pastos de montanha para provisão dos quais a comunidade agrícola, ou as comunidades pastoris organizam as diferentes vezeiras de gado graúdo, das vacas e dos bezerros e do gado miúdo. Os Regimentos das vezeiras especificam cuidadosamente as responsabilidades de cada proprietário na condução e guarda dos gados, bem como os calendários e os espaços de fruição em função das diferentes épocas do ano e necessidades de protecção e renovo dos pastos.

³⁷ José Viriato Capela, «Os povos da serra do Gerês...», *art. cit.*, Câmara Municipal Terras de Bouro, n.º 3, 2000, pp. 27-38.

³⁸ Um inventário inicial destas escrituras e contratos dos moradores dos lugares e paróquias relativos aos seus usos e costumes, montes e vezeiras, pode ser consultado



A serra do Gerês é depositária de um dos mais ricos e específicos patrimónios arbustivos do território português.

Os Memorialistas, sobretudo das paróquias serranas de Brufe, Covide, S. João do Campo, Vilar da Veiga não deixaram de, nas descrições das suas paróquias, enumerar as espécies vegetais mais comuns mas também as mais singulares, numa expressão de evidência da beleza e riqueza deste património mas também com o designio de comunicar às autoridades superiores todo o manancial de riqueza e património natural destas terras que o Estado iniciara a valorizar (criação do Jardim Botânico, 1728) e que eles também já valorizam.



Mas é já em defesa dos direitos colectivos ameaçados pela vontade de intervenção estadual com a criação do perímetro florestal em 1888 para a serra do Gerês que se inscrevem os contratos redigidos e passados a escrito ao longo do último quartel do século XIX e primeiros anos do século XX (1882, 1884 e 1903) e que dizem respeito sobretudo ao Rio Caldo e Vilar da Veiga³⁹.

Não são, como se referiu, suficientemente expressas as referências a este comunitarismo e colectivismo de base agrícola e pastoril nas *Memórias Paroquiais* de Terras de Bouro.

Aos montes enquanto espaços de pastagem e criação de gado são feitas referências genéricas de que neles se criam e pastam gados vacum, gado miúdo – cabras, carneiros, ovelhas – éguas. Num ou noutro caso refere-se a existência da vezeira de gado vacum guardado à vez nos montes a maior parte do Verão⁴⁰.

Os recursos da caça esses vão também largamente enumerados, em especial nas freguesias mais montanhosas e naquelas da área geresiana, aonde naturalmente os espaços e as espécies são mais largas e abundantes. As espécies enumeradas são bastantes: o lobo, a raposa, o coelho, a perdiz as mais largamente referidas. Mas também o javali, a corça, o veado, o porco bravo, a cabra brava, o gato bravo, a lebre, o texugo, o pato bravo, as cervais e também as aves como a águia real, os açores, galinholas⁴¹.

Os diversos fojos vão descritos: o fojo chamado da Amarela, o fojo de Gondomar⁴².

As serras como também as margens dos rios vão também largamente descritas nos elementos da sua cobertura vegetal e arbustiva: a urge, a giesta, o tojo, mas também na larga série de ervas, plantas de fruto e silvestres muitas delas exclusivas deste habitat serrano,

em Maria Conceição R. P. Capela e José V. Capela, «A gestão do património e actividades económicas nas comunidades agro-pastoris da serra do Gerês. Perspectiva dos regimentos dos séculos XVIII e XIX» in *Terras de Bouro. O Homem e a Serra*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, n.º 2, 1992, pp. 67 e ss.

³⁹ José Viriato Capela, *Os povos da serra do Gerês...*, art. cit., pp. 27 e ss.

⁴⁰ Testemunhos nas *Memórias de Valdozende, Covide*.

⁴¹ Na *Memória* de Gondoriz, Brufe e Cibões.

⁴² António Afonso, «Notícia da freguesia de S. João do Campo...», art. cit., Câmara Municipal de Terras de Bouro, n.º 4, pp. 91 e ss.

como a série enumerada para as paróquias da área geresiana, Campo, Valdozende, Vilar da Veiga, Covide e Rio Caldo que aqui se trasladam nas designações dos Memorialistas:

Carvalhos, cerquinho e verinho, vidoeiros, azereiros, azevinho, pimenteiras silvestres, arandas, ervedeiros, pinheiros («nem são dos mansos nem dos bravos, pois são de folha muito miúda»), teixos, medronheiros, aveleiras, «platanos» («semelhantes a platanos»), figueiras, pradeiros, ciprestes, cerejeiras, macieiras, ameixoeiras, pereiras, pereiras bravas, salgueiros, sobreiros bravos, escalheiros, erva molar, vetónicas, «baldroegas» («erva de imitação de baldroegas»), alhos pequenos, morangos.

Perpassa efectivamente pelas descrições dos Memorialistas das paróquias da área serrana, em particular da área geresiana, uma consciência muito viva da singularidade e variedade desta fauna e flora e dos recursos minerais que os leva por isso mesmo a enumerar de um modo completo as espécies, a partir da sua nomenclatura corrente. Tal está certamente em relação também com o crescimento da curiosidade, da pesquisa e do conhecimento nestes domínios desenvolvidos a partir das comunidades académicas e científicas do século XVIII que para



Cabras do Gerês.

Desenho de João de Almeida
in José Augusto Vieira,
Minho Pittoresco (1886-1887).

além dos temas históricos, literários, arqueológicos, artísticos e monumentais se alarga também aos estudos geográficos em geral e especialmente aos geológicos, biológicos, na descrição física da terra, seus recursos minerais, sua fauna e flora. Os estudos sociológicos, antropológicos, etnográficos, estão também eles na origem de uma atenção mais desenvolvida aos usos, costumes, vida e organização social das populações. O Gerês, que é uma «instância» termal que se torna conhecida no século XVIII com D. João V, que lhe cria condições de acesso, de estadia, de tratamento e saúde pública, volver-se-á também um quadro de estudos privilegiado para estes domínios emergentes – também eles postos ao serviço de cuidados e tratamentos médicos –, onde se evidenciam os estudos e as investigações de um Félix Avelar Brotero, Fr. Cristóvão dos Reis, dos estrangeiros Link e Hoffmanseg e logo depois Júlio Augusto Henriques que abrirá caminho aos múltiplos estudos e investigações dos académicos e cientistas do século XIX e XX⁴³. Para além também do contributo dos médicos partidistas do século XVIII como José Santos Dias⁴⁴ antepassados do largo envolvimento que no futuro os médicos ao serviço das Termas (do Gerês e do Termalismo em geral) mas também outros técnicos prestarão ao estudo e divulgação do Termalismo e outros recursos serranos e geresianos.

Os rios são também largamente descritos nas suas características e potencialidades piscícolas e também como suporte às indústrias moageiras porque no que diz respeito ao seu papel nas acessibilidades, ele é praticamente nulo. Os recursos em peixe conforme o testemunho das *Memórias* são muito curtos e limitados: a truta, a boga, o escalo e também algumas lampreias e salmões.

Importância fundamental têm os rios para além da pesca e da rega, no suporte do funcionamento dos moinhos e azenhas. De valor e interesse hoje praticamente etnográfico, foram até à pouco tempo equipamentos fundamentais em particular os moinhos de pão que produziam a farinha recurso primário para a sobrevivência das populações que diariamente precisam de moer os seus grãos para produzir o pão

⁴³ Ver descrição de A. Lopes de Oliveira, *Terras de Bouro e o seu Concelho*, Edição da Câmara Municipal de Terras de Bouro (s.d.).

⁴⁴ José dos Santos Dias, *Memória histórico-topográfica das Caldas do Gerês*, Câmara Municipal Terras de Bouro, n.º 1, 1991.

de cada dia, que então era alimento omnipresente e de maior peso na ração e alimentação diária das populações, sem o funcionamento dos quais, atentos às dificuldades de transporte e às difíceis acessibilidades, poderia estar comprometida a própria sobrevivência das comunidades.

Nem sempre os párocos se dão ao trabalho de enumerar todas as unidades moageiras que trabalham nos limites da paróquia. Mas mesmo quando o não fazem de um modo suficientemente exaustivo ou enumerativo, sublinham sempre o regime anual do seu funcionamento para referir que muitos deles, no Verão, por secarem os rios, não podem laborar, querendo sublinhar com isso as dificuldades de abastecimento que neste período tem muitas comunidades, sobretudo de montanha. Mas quando são mais atentos e cuidadosos na enumeração dos moinhos ficamos impressionados com o seu enorme desenvolvimento. É o caso do «parque» das freguesias do Campo onde o Memorialista informou da existência de 22 moinhos, em Chamoim de 30 moinhos, em Choreense de 24 moinhos, certamente as paróquias com maior capacidade transformadora instalada.

Devem tratar-se, na generalidade, de moinhos negreiros para milho e centeio, porque como vimos a cultura de trigo era já diminuta de que naturalmente a não referência aos moinhos alveiros é expressão. Além destas refere-se também aos lagares de azeite (3 movidos a bois em Gondoriz) e pisões.

Em relação com os rios são também referidas as principais pontes que os atravessam e existem nos limites das paróquias, embora muitas vezes se alarguem à sua enumeração desde o nascimento à foz, dando-lhe assim uma perspectiva mais ampla da sua implantação e por elas das principais ligações, transversais e não só, da região.

6 Sociedade

6.1. Sociedade eclesiástica

Não são ricas em informações estas *Memórias Paroquias de 1758* sobre a sociedade terrabourense, designadamente no que diz respeito à identificação dos principais elementos ou segmentos que a compõem nos seus diversos níveis em que se distribui esta sociedade antiga, dita de Antigo Regime.

A fidalguia limita-se na descrição dos Memorialistas à figura tutelar regional do fidalgo da Tapada, ao tempo D. Luís, donatário deste e doutros concelhos, que administra através do seu ouvidor a justiça em 2.^a instância, que é também capitão-mor e fronteiro-mor na fronteira de S. João do Campo, mas que nem sequer reside no concelho e se diz reside na Quinta da Tapada em S. João de Rei.

No *item* das figuras ilustres em letras, armas ou virtudes também todas as respostas são vazias relativamente à sua existência, histórica ou actual. Realidade ou desconhecimento dos párcos? ⁴⁵

De modo que o essencial dos ilustres da Terra, lendo nós as informações das *Memórias*, limita-se aos elementos do clero, desde logo os que as escreveram e também algum oficialato municipal que eles não

⁴⁵ Naturalmente, não são muitas as referências. Mas os estudos sobre esta matéria, nesta perspectiva concelhia, não abundam: Ultimamente foi revelada a figura de um ilustre terrasbourense que viveu no século XVI, natural de Balança, Domingos Peres que era Licenciado em Artes e Teologia por Salamanca, aí ensinou Matemática e Aritmética. Desde 1552 foi professor na Corte onde ao serviço de D. Catarina, Duquesa de Bragança, ensinou por cerca de 12 anos, Matemática, Astronomia e Esfera. Foi desde 1570 Abade de S. João de Balança, tendo enriquecido com o ensino e a sua ciência e também com os proventos da Abadia. Institui 2 capelas, uma na Balança outra na Misericórdia de Braga onde viria a ser enterrado em 1609. Institui também, em Braga, o

colocam nesta categoria. Com efeito é significativo que nestas *Memórias*, os párcos praticamente não façam referências aos membros que compõem os juízos, as vereações e as procuradorias das 2 câmaras, Sequeirós-Terras de Bouro, bem como as de Vila Garcia que devem ser recrutados entre as camadas superiores dos proprietários e lavradores locais, que os abades não poderiam, com efeito, classificar entre os ilustres nacionais, nem sequer à escada local.

O clero que está à frente das paróquias é certamente o sector social mais distinto e também mais poderoso destas terras, como é também à volta da administração e vida paroquial e religiosa que se realizam os actos sociais mais significativos, expressivos e envolventes das populações que contribuem para os distinguir. Por isso uma particular atenção se deve prestar a estes benefícios paroquiais, seus titulares e beneficiários para se atingir o cerne desta sociedade.

Através do sistema de padroados, os benefícios paroquiais e por eles os seus titulares articulam-se aos grandes titulares e beneficiários do ordenamento político e social do Reino e à alta sociedade portuguesa do tempo, religiosa mas também civil. Eles são em geral um instrumento muito forte desta integração político-social e em Terras de Bouro ainda mais que noutras partes porque são quasi exclusivos.

Entre os padroeiros dos benefícios paroquiais de Terras de Bouro contam-se no plano da sociedade religiosa, desde logo o Papa (em alternativa ao abade de Chamoim), para a paróquia de Chamoim; o Arcebispo de Braga (para a Balança, Carvalheira, Ribeira Homem, Rio Caldo, os mosteiros de Rendufe (para Vilar), o de Bouro (para Valdozende e Santa Isabel do Monte). E também alguns abades locais: o abade de S. Paio de Carvalheira, padroeiro que apresenta o vigário de Brufe, o vigário de Covide, que são anexas à igreja de Carvalheira; os abades de S. Martinho de Ventosa e S. João da Cova que apre-

Recolhimento das Beatas de Santo António e dos capelães que confiará à administração da Misericórdia. Compôs um «Tratado de música e aritmética» em linguagem portuguesa e traduziu os «seis livros de Euclides... com as medidas de corpos matemáticos e fábricas de relógios para as Princesas Maria e Catarina» – Maria de Fátima Castro, «Breves notas sobre a formação e aplicação do património do Licenciado Domingos Peres, Abade da paroquial igreja de S. João de Balança» in *Terras de Bouro: Passado com História*, n.º 3, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 2000, pp. 39 e ss.



Capela com alpendre dedicada a S. João no lugar de Refonteira, freguesia de Gondoriz, cuja fábrica e administração no testemunho da *Memória Paroquial*, pertence à freguesia. A festa do orago é no dia 24 de Junho.

sentam o cura de Vilar da Veiga que lhes é anexa; o abade de S. Paio de Sequeiros que apresenta o vigário do Souto; o reitor de Valdreu que apresenta o vigário de Gondoriz que lhe está anexa, o abade de Balança que apresenta o vigário de Moimenta. Depois há os padroados laicos onde emerge o Rei que é padroeiro e apresenta o abade de Cibões, o abade de Campo do Gerês, o abade de Choreuse.

De assinalar desde logo neste contexto a relevância que tem a existência de padroeiros locais na figura dos ricos e poderosos abades de Carvalheira, o abade de Chamoim, o abade da Balança que pela sua hierarquia e padroado se inserem social e economicamente no conjunto das poderosas elites eclesiásticas da Sociedade portuguesa de Antigo Regime. Atente-se desde logo no elevadíssimo nível de rendimentos (que se deve tratar de rendimentos líquidos) que lhe proporcionam estes benefícios de entre os mais elevados da hierarquia eclesiástica bracarense do tempo⁴⁶.

⁴⁶ José V. Capela, «Igreja, Sociedade e Estado na partilha dos bens eclesiásticos», *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, vol. II/2, Braga, 1990, pp. 421-488.

Depois destes, colocam-se os outros párocos que não sendo padroeiros, tem também a elevada dignidades de abades, o que nessa circunstância e atendendo ao conteúdo concreto destes benefícios no Antigo Regime, antes da extinção dos dízimos, lhe dão acesso à totalidade ou parte dos rendimentos dízimos anexos ao seu título e benefício, a saber, os abades de Cibões, de Valdozende, do Campo do Gerês, de Chorense, da Ribeira e de Rio Caldo e certamente também o de Balança. São também eles beneficiários de altos rendimentos⁴⁷.

E é possível dizer que dificilmente se encontra em outro tão pequeno território diocesano tão elevada concentração deste tipo de dignidades que são as que à frente das paróquias ou através dos seus coadjutores maior nível de rendimentos auferem, porque em regra têm acesso aos rendimentos dízimos da igreja, no todo ou em parte.

Os demais párocos entre vigários e curas ao pé daqueles recebem pequenos rendimentos assentes na cômputo fixa ou nos rendimentos certos e sobretudo incertos do pé de altar que lhes proporciona um baixíssimo rendimento que os transformam no segmento mais desfavorecido da classe eclesiástica, um quase «proletariado», ao pé da rica sociedade dos abades e outras dignidades eclesiásticas.

As *Memórias Paroquiais* não se referem aos restantes eclesiásticos residentes nas paróquias que não estão afectos a nenhum benefício ou coadjutoria paroquial.

Mas ele é em regra numeroso. E Terras de Bouro no seu conjunto constitui um caso singular em toda a diocese e no país de valores «records» de concentração de eclesiásticos nas paróquias rurais portuguesas. Já o tínhamos notado para o século XIX onde aí tínhamos registado valores de enquadramento paroquial dos mais elevados. Mas estes valores vêm de trás e cremos que a sua explicação terá alguma relação em última análise com o valor referencial e atractivo que deve desempenhar no meio o poder e a riqueza dos seus párocos-abades que auferem e aí fixam importantes receitas dos seus benefícios paroquiais.

Com efeito, em 1794, nas 11 freguesias que então compunham o concelho, 9 das 11 paróquias registam 7 e mais eclesiásticos resi-

⁴⁷ Os bens e rendimentos das igrejas podem ser consultados a partir da sua descrição nos *Tombos* de que há uma série muito antiga para as igrejas do concelho conforme as datas adiante exprimem: Balança de 1500; Ribeira, 1539; Campo, 1540; Rio Caldo, 1542; Chorense, 1545; Valdozende e Vilar, 1548.

Rendimentos dos benefícios paroquiais e sua distribuição segundo as Memórias Paroquiais

Paróquia	Benefício		Renda do Padroeiro (em réis)	Pároco	Pároco / Rendimentos		Observações
	Padroeiro / Apresentador	Côngrua do Pároco (em réis)			Total do rendimento do Pároco (em réis)	Referências / Qualitativas	
Brufe (anexa a Canvalheira)	Abade da Igreja de Canvalheira	50.000	Vigário ad nutum	± 20.000			
Balança	Arcebispo de Braga		Abadia	± 695.000			
Gondoriz (anexa a Valdreu)	Reitor de Valdreu	Comendador de Valdreu	Vigário ad nutum	12.000	Que lhe dá a Comenda de Valdreu.		
Canvalheira (anexa Brufe e Covide)	Mitra de Braga		Abade	800.000 a 1.000.000	De que se paga a um beneficiado João António Pereira de Castro Gomes de Abreu, 200.000 réis/ano.		
Vilar	Religiosos de S. Bento, o D. Abade de Rendufe		Vigário ad nutum, não colado	± 40.000			
Vilar da Veiga (anexa a Ventosa e S. João da Cova)	Abades de S. Martinho da Ventosa e Abade de S. João da Cova		Carta de cura anual	7.000 e o pé d'allar	De renda ou porção.		
Cibões	El-rei		Abade	300.000	Renda do Abade é fora da Patriral.	Leva a Patriral de 9 partes, 4.	
Valdozende	Convento de Bouro		Abade	± 350.000			
Campo do Gerês	Padroado Real		Provinimento e mercê Abade	240.000	«Em razão de muita geada que quase todos os anos faz gravíssima aos frutos antes que cheguem a perfeita maduração».		
Chamoim	Colação ordinária com alternativa a Sua Santidade vagando nos seus meses		Abade de colação ordinária	500.000	Que assim foi dotada por Roma, há pouco tempo.		
Chorense	Padroado Real		Abade	400.000	Destá leva a Patriral as 3 sélimas partes.		
Covide (anexa a Canvalheira)	Abade de Canvalheira	250.000	Vigário	60.000	«certo e voluntário».		
Ribeira Homem	Mitra de Braga		Abade	± 300.000			
Rio Caldo	Eleito por concurso e é de Santa Maria da Sé de Braga		Abade	560.000	Paga de pensão a um sobrinho de Agostinho Marques do Couto, 52.000 réis.		
Souto	Apresentação do Abade S. Paio de Sequeiros	392.000 (b)	Vigário	20.000	De côngrua 20.000 réis mais o pé é do Reverendo Abade anda arrendada em 392.000 réis.		
Itocimta	Abade de Balança			60.000			
Monte	Mosteiro de Bouro						

denes (onde irá certamente contabilizado o pároco ou seu coadjutor). Só Valdozende e Vilar, respectivamente com 5 e 3 párocos, lhe ficam bastante aquém, mas estes são valores médios da diocese. Em contrapartida, valores máximos registam-se em Chamoim, Covide, Choreense, Rio Caldo e Balança, com respectivamente 12, 12, 11, 9 e 8 eclesiásticos.

Percebe-se facilmente o impacto que tal densidade eclesiástico-clerical terá na economia e sociedade local. Desde logo no forte condicionamento da partilha dos bens dos casais a obrigar a fixar ao património de ordenação eclesiástica um significativo volume dos bens da família, naturalmente limitando a parte a distribuir aos demais elementos da casa. Tal distribuição e afectação fará necessariamente circular à volta do clérigo os demais elementos e até casais da casa, que dele ficarão fortemente dependentes. E em relação com tal facto, a reprodução social da casa e da própria paróquia continuará para o futuro muito presa ao ordenamento e ordenação eclesiástico porque em regra os patrimónios e as legítimas dos eclesiásticos devem, por tradição, e quase obrigação, instituir e constituir um outro padre – sobrinho – que continue a ordem e a dignidade da família e da casa ⁴⁸.

Por tal facto, o eclesiástico fica também constituído num dos principais proprietários da terra, cujas propriedades ele próprio grangeia muitas vezes, à falta de outras tarefas próprias do seu estado, recorrendo também ao trabalho da sua família – por cujos elementos muitas vezes as suas terras e bens andam distribuídos – ou dos caseiros e jornaleiros que são abundantes.

Que fazem estes eclesiásticos residentes nas paróquias sem colação ordinária? Naturalmente colaboram com os párocos da terra e terras vizinhas no múnus paroquial e eclesiástico; dedicam-se ao ensino como mestres de primeiras letras, trabalham e administram os seus patrimónios, ligam-se à administração local e também aos negócios. Muitos deles em pouco se diferenciam do comum dos lavradores da paróquia e freguesia no envolvimento nos trabalhos diários da comunidade onde residem e também na sua vida social.

⁴⁸ Martins Capela, *Escritos Dispersos*, Edição da Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992.

Outras indicações relevantes para a identificação dos estratos superiores destas terras podem ser procuradas entre os administradores das capelas de devoções e também no exercício de ofícios «públicos».

No que diz respeito à instituição vincular das capelas, a sua instituição, a sua administração e sustento pelos encargos que envolve, obriga à posse de um certo estatuto e rendimento e são claramente indicadores nesta sociedade, de um estatuto de elite. Para além daqueles, os encargos com os paramentos, a cera, a lâmpada, o pároco, a festa anual, a conservação em geral do edifício obrigam a certas disponibilidades. Por isso muitas vezes os párocos pretendem descarregar nos fregueses a administração e a fábrica das capelas, e muitas delas jazem abandonadas por falta de meios dos titulares ou administradores dos respectivos vínculos, a que as autoridades eclesiásticas não podiam acorrer.

A maior parte das capelas para que temos referência vão administradas pelos moradores ou fregueses (14 em 34), o que traduz o elevado envolvimento das aldeias na gestão destes equipamentos religiosos e são um importante indicador desta estrutura social comunitária. Mas tal facto é compreensível porque muitas delas tratam-se quase da respectiva igreja paroquial tão isoladas se encontram os lugares ou aldeias e são claramente uma manifestação da sua unidade territorial, social e religiosa. Em mais 2 casos, como muitas vezes acontece nas igrejas paroquiais, a responsabilidade é mista com os párocos, ficando a estes à área da capela mor e aos fregueses e moradores o corpo da igreja.

Das restantes 18 capelas, 8 vão administradas pelos párocos e 10 por particulares.

E dentro estes identificarem-se a comenda de Valdreu, alguns padres da terra, um brasileiro, o escrivão proprietário dos orfãos do concelho de Terras de Bouro, morador no lugar do Bárrio da freguesia de ChoreNSE a quem pertence a capela da Senhora da Saúde, cujo lintel da capela regista o seu nome para constar.

6.2. A sociedade política

Que sabemos nós depois sobre a sociedade política destes concelhos (Sequeirós e Vila Garcia) e sobre a sociedade rural em geral?

Por estas *Memórias Paroquias* muito pouco e é necessário para tal recorrer a outras fontes e a outros testemunhos.

A sociedade política é sobretudo composta pelo oficialato eleito, nomeado e de propriedade que exerce funções nos 2 principais concelhos, na câmara e também nos ofícios públicos das sisas e outros e também nos militares das Companhias das Ordenanças. Para além de outros ofícios públicos – professores, médicos – com ordenados assentes nos rendimentos das sisas.

Sobre o funcionalismo camarário, designadamente sobre a sua origem social e geográfica pouco se sabe para o caso do concelho de Terras de Bouro, embora se possa compaginar a sua extração e origem social com o que é conhecido para o concelho de Vila Garcia. Para este concelho foi com efeito possível identificar os oficiais eleitos da câmara e do concelho para 2 períodos distintos no século XVII e no século XVIII, este muito próximo da data da redacção das *Memórias*. Aqui os cargos de juizes, vereadores e procuradores da câmara são exercidos pelos «homens bons» da terra, naturalmente proprietários e



Vilarinho – S. João do Campo.

Reunião da Junta ou Acordo que nos termos do Regimento da freguesia delibera sobre as matérias tocantes à comunidade. Aqui como em muitos outros lugares serranos, por força do seu comunitarismo e colectivismo, à administração civil (ou civil-religiosa) junta-se também a organização para a administração comunitária, que muitas vezes sobreleva e absorve até aquela.

lavradores. Os cargos exercem-se em grande rotatividade e representação por lugares, circulando-se sem qualquer constrangimento entre todos os postos, designadamente entre juizes e vereadores.

Em Terras de Bouro a origem social deste oficialato não se deve ter afastado do perfil do de Vila Garcia. Dado o seu maior desenvolvimento social um ou outro letrado ou militar pode ter integrado os órgãos electivos, para além dos das escrivanihas e postos militares que são seu território exclusivo. A forte rotatividade dos cargos é certamente também a regra, embora seja admissível que algumas paróquias, como a de S. João do Campo, pelo que dissemos acerca da sua ascendência «política» no concelho, podem pretender exercer um certo predomínio na câmara e no concelho.

A base social e a distribuição territorial do domínio concelhio não permitiu aqui o desenvolvimento de um poder municipal forte, reservado a certas elites nem em benefício da cabeça de concelho, onde sedeia a câmara, como é a regra deste municipalismo de Antigo Regime, que governa para estas elites e para os seus núcleos urbanos. A marca rural do concelho, mas também a força organizativa de algumas das suas comunidades, designadamente as serranas, impediram também a concentração do poder político-administrativo e económico (das rendas e das coimas) nos cofres municipais, porque elas mesmas são em grande medida senhoras da definição desta «encoimação» e aí ficavam com a totalidade ou a maior parte das receitas produzidas por esta via, que eram investidas e fixadas localmente.

O poder e a ordem camarária é aqui pois largamente repartido com o poder e a ordem comunitária das paróquias/freguesias do concelho.

6.3. A paróquia e a organização comunitária

A estrutura social do governo das paróquias e freguesias aqui por força do seu comunitarismo e colectivismo é bem mais complexa do que na generalidade das paróquias rurais portuguesas. Aqui à administração civil (ou civil e religiosa) junta-se também a organização para a administração comunitária.

Aqui a administração civil parece estar entregue como em muitos casos acontece à organização das *Confrarias do Subsino* que tratam

Lugar de Brufe da paróquia de Brufe na margem direita do rio Homem, situada nos limites do povoamento que a serra permite, vendo-se ao fundo as serranias do Gerês. Integrava ao tempo o concelho de Vila Garcia, extinto.



também as questões da paróquia e da igreja. Quando tal se não verifica as freguesias elegem os seus *eleitos* e *jurados* para o governo exclusivamente civil da paróquia que são nomeados e empossados pela câmara. Nas paróquias e lugares de Gilbarbedo o governo dos lugares é completado e substituído pelos 6 *homens das governanças* (um para cada lugar) que representam e fazem a ligação da câmara aos lugares.

A organização do governo comunitário propriamente dito acrescenta a estas estruturas político-religiosas gerais, a do seu próprio governo económico e social, que às vezes pela sua extraordinária força e representatividade se substituem àquelas outras estruturas, podendo confinar-se a espaços limitados do território paroquial ou da freguesia (o lugar), a grupos de lugares em relação com a função de um determinado território – os montes ou baldios pertencentes a um dado número de lugares – ou a grupos sectoriais específicos, como os que se configuram em volta da organização das diferentes vezeiras, do gado graúdo (vacum) ou miúdo (rêz das cabras ou carneiros e ovelhas).

Naturalmente que esta maior ou menor complexidade organizativa, de estruturas representativas, é o espelho e o resultado do maior ou menor desenvolvimento social e económico da terra, do maior ou menor desenvolvimento da sua organização comunitária, em regra em relação com o peso e a dimensão que na paróquia e terras tem os recursos colectivos, em especial as servidões vicinais, as águas e sobretudo os incultos e baldios e a criação de gado, graúdo e miúdo e respectiva organização de pastagens, compáscuos e vezeiras.



Abrigo pastoril de montanha.

Por isso esta organização na sua globalidade ou na sua expressão comunitária, aparece-nos particularmente desenvolvida e expressiva nas paróquias serranas, de largos baldios e pastoreios, quer as social e economicamente mais limitadas e pobres, como Brufe, Campo e Covide ou as mais desenvolvidas e ricas como Rio Caldo, Vilar da Veiga e Valdozende.

Essas organizações muito similares na sua composição e funcionamento geral podem assumir diferentes tipologias organizativas, que têm sido já larga e cuidadosamente descritas e onde em regra se refere a *Junta* ou o *Acordo*, a assembleia geral, ou dos moradores, moradores proprietários, vezeiros, onde estão representados todos os que integram a situação. O *Acordo* é também o órgão que está à frente dos destinos do lugar, composto pelo juiz, o procurador, um número variável de homens bons eleitos. Esta organização de base comunitária muitas vezes dialoga com a câmara, substituindo-se pois a qualquer outro corpo ou órgão religioso ou civil a que nos referimos nos seus domínios de actuação, falando então em nome de toda a paróquia e tomando então a designação, o juiz, juiz do Subsino (ou da igreja) e os homens bons de eleitos, como nas demais paróquias rurais portuguesas. Neste caso não existem, pois, juízes de vintena, jurados e quadrilheiros que coexistem por vezes com os da igreja em muitas outras paróquias/freguesias portuguesas só para a administração civil e municipal.

No seu conteúdo e objectivos sócio-económicos e no seu funcionamento largamente autónomo relativo, estes órgãos estão em grande medida à margem de estruturas judiciais e «administrativas» municipais e do Reino⁴⁹. As investigações e os estudos que pretendem interpretar o sentido e os objectivos desta organização paroquial acentuam o papel que elas pretendem atingir na promoção e protecção das



Malhada na eira, enquadrada pelo canastro ou espigueiro.

⁴⁹ Tude de Sousa, «Regimen pastoril dos povos da Serra do Gerêz» in *Portugália*, t. II, fasc. 3, Porto, 1907 e Idem, *Gerez*, Notas etnográficas, arqueológicas e históricas, Lisboa, 1927; Jorge Dias, *Vilarinho das Furnas*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.ª edição, Lisboa, 1981; Manuel Azevedo Antunes, *Vilarinho das Furnas. Uma aldeia afundada*, A Regra do Jogo, Edições (1985); Luís Polannah, «A propósito do comunitarismo da serra do Gerês», in *Terras de Bouro. O Homem e a Serra*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992, pp. 57-65 e Maria da Conceição P. Capela e José V. Capela, «A gestão do património...», *art. cit.*, pp. 67-111.

potencialidades das terras e montes em geral que tem que ser cuidadosamente protegidas para que se não rompam equilíbrios que podem pôr em causa a sobrevivência económica do grupo. E por ele também o ideal de autarcia e independência comunitária face aos adventícios (ou avendícios como se diz localmente), aos poderes e ameaças exteriores, mas também em defesa bem regulada das posições e interesses de cada um nesta sociedade que tem as suas hierarquias e também as suas lógicas individuais de família e de casa a proteger, no quadro das interdependências sociais e familiares da aldeia e dos vizinhos⁵⁰.



Arruamento do lugar da Seara, freguesia de Santa Isabel do Monte, do concelho de Terras de Bouro.

⁴⁹ Maria da Conceição P. Capela e José V. Capela, «A gestão do património...», *art. cit.*, pp. 67 e ss.

7 Equipamentos religiosos e devoções

7.1. Igrejas e capelas

O essencial do equipamento de suporte à vida religiosa destas populações assenta nas suas igrejas e capelas.

De um modo geral nem aqui nem nas demais *Memórias Paroquiais* os párocos cuidam muito de descrever o edifício ou edifícios paroquiais a não ser quando se tratam de monumentos de vulto ou espécie patrimonial de particular relevância. Uma aproximação à sua dimensão e até riqueza é possível de atingir de um modo indirecto, atentando no número dos altares que vão registados e até nas devoções e invocações que eles suportam, para além dos padroeiros, dos párocos e dos respectivos rendimentos que como é de prever para além da dimensão demográfica da paróquia pode manter alguma relação com a estrutura e sobretudo a dimensão monumental da igreja ou capela.

Na falta de informações mais directas, como se referiu, o número de altares da igreja e capelas é um indicador em regra seguro para uma certa aproximação à dimensão do edifício.

Encontramos no território igrejas de 3, 4 e 5 altares, estas últimas, sem dúvida, as de maior dimensão. Com 5 altares (5 em 14 com identificação dos altares) assinalam-se as igrejas de Balança, Chorense, Rio Caldo e Souto que marcam efectivamente a diferença em dimensão e também mobília e decoração relativamente às demais.

A sua maior dimensão tem, como se pode verificar, também uma relação directa com a dimensão das paróquias porque todas elas se situam em paróquias com níveis de população superior a 100 fogos. As outras paróquias de elevada população, mas dispersa por lugares, podem compensar tal facto com o recurso às capelas de lugares que até certo ponto desconcentram o culto ou pelo menos os investimentos



A devoção à Benditas Almas do Purgatório é uma das devoções mais profundamente arraigadas nos sentimentos e religiosidade do povo português que se expandirá imenso no contexto da Contra-Reforma ou Reforma Católica e se organizará em confrarias. As tábuas ou painéis pintados com as Almas estão muitas vezes presentes no interior das igrejas – onde se constituem altares das Almas – mas sobretudo espalhadas em nichos de pedra, as Alminhas, que ladeiam os caminhos, os largos dos lugares ou salpicam as estradas e caminhos inter-vicinais.

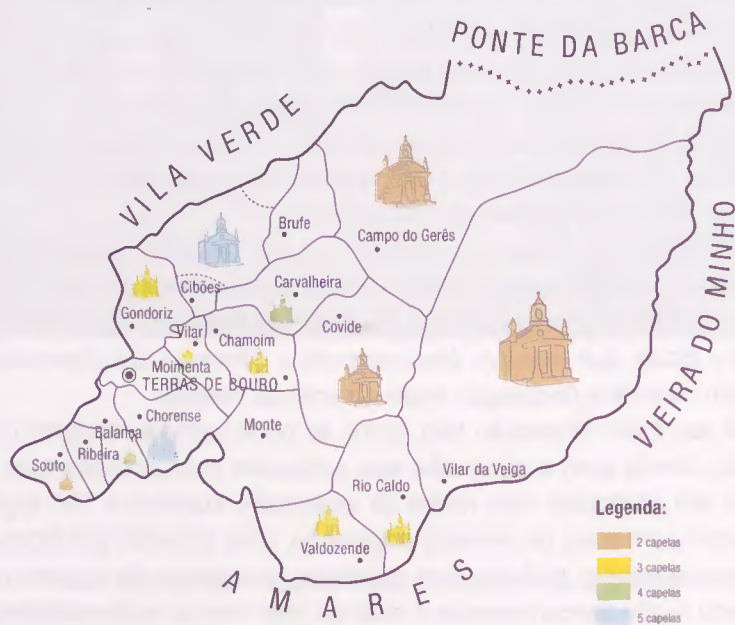


em equipamentos. As restantes igrejas são edifícios de mais pequenas dimensões, à medida, pois, da dimensão das suas comunidades paroquiais.

Singular é o elevado número de capelas com serviço do público, a que nos temos já referido largamente. Os párocos não entraram em linha de conta com as capelas particulares anexas às casas grandes da terra, que são muitas. Não porque a terra seja particularmente rica, capaz de investir e vincular propriedades, rendas e foros à sua fábrica e sustento, mas porque o volume de padres residentes é muito elevado o que leva a que as famílias lhe instalem local do exercício das suas ordens que a família, quando pode, gosta de ostentar.

Algumas paróquias chegam com efeito a atingir 4 e 5 capelas de serviço público e vemos neste facto o peso do elemento clerical mas também o sistema de povoamento e as dificuldades de comunicação entre a aldeia e a igreja matriz, a impor uma organização mais próxima à respectiva aldeia.

Número de capelas nas paróquias referenciadas nas *Memórias Paroquiais* de Terras e Bouro em 1758



Oragos, dedicações e Invocações da paróquia, Igrejas, capelas e altares

Orago e Paróquia	Altars na Igreja Matriz			Capelas			Observações
	N.º	Dedicação do altar	Outras devoções no altar	Localização	Dedicação da Capela	Outras invocações da Capela	
Esprito Santo de Brule	4	Esprito Santo (A.M.) Nome de Deus Nossa Senhora do Rosário					
S. João Baptista da Balança	5	S. João Baptista (A.M.) Senhor Crucificado Nossa Senhora do Rosário Santo António S. Bento	S. Caetano S. Francisco Santíssimo Sacramento Santa Luzia Menino Deus Santa Quitéria	Monte de S. Sebastião Lugar da Pena Fora do Lugar Fora do Lugar	S. Sebastião Santa Catarina Nossa Senhora do Amparo Três Reis Magos		Fabricada pelos fregueses. Fabricada por José Machado. Fabricada por Inácio da Silva, António Dias e José Araújo. Fabricada por Manuel Pereira Fajardo.
S. Mamede de Gondoriz	4	S. Mamede Nome de Deus Nossa Senhora do Rosário Nossa Senhora dos Remédios (a)		Ermiã Ermiã Ermiã	Santo Amaro (b) S. Miguel (b) S. João (c)		(a) Administrador João Soares de Refonteira. (b) Fabricadas pela Comenda de Valdeu, para a administração dos sacramentos. (c) Administrada pela freguesia.
S. Paio de Carvalheira	4	Santíssimo Sacramento Nossa Senhora do Rosário Nome de Deus Santo António		Lugar de Paredes Lugar de Cabaninhas Lugar de Ervedeiros Lugar de Infesta	S. Caetano S. Pedro Santa Bárbara S. Sebastião		Dos moradores. Dos moradores. Dos moradores. Fabricada pelo abade da freguesia. Em todas se canta uma missa no dia do orago e conorre gento da freguesia e vizinhas.
Santa Marinha de Vilar	4	Santa Marinha (A.M.) Nossa Senhora Santo António Menino Deus		Fora do Lugar Lugar de Travassos	Nossa Senhora do Livramento S. Bento Nossa Senhora da Piedade	Santo Eilbon Santa Efigênia	Administrada pelos Religiosos de Rendufe, da Ordem de S. Bento. Instituída pelo abade José da Silva Tavares e contigua às casas de morada do administrador actual, Dr. António Gomes de Abreu.
Santo António de Vilar da Veiga	3	Santo António Santinha S. Sebastião		Caldas do Gerês Lugar de Ermiã	Santa Eufémia Santa Marinha		É de Sua Magestade que apresenta o capelão.
S. Mamede de Cibões	3	S. Mamede (A.M.) Santo António S. Sebastião	Senhor Jesus Nossa Senhora do Rosário	Vergaço Gilbarbedo Cavenco Figueiredo Cotele	Santa Maria Madalena S. Tomé Nossa Senhora do Amparo S. Tiago S. Domingos		Perfence aos moradores. Para administrar os sacramentos aos enfermos. Perfence aos moradores. Para administrar os sacramentos aos enfermos. Perfence aos moradores. Para administrar os sacramentos aos enfermos. Perfence aos moradores. Serve para a administração dos sacramentos ao dito lugar e da Lama e Leveda. Tem um caixão com reliquias de Santa Úrsula, Santa Eufémia e Santa Catarina. Instituída há 100 anos pelo brasileiro Domingos Pereira Viana com um capelão para dizer missa e escola aos rapazes da freguesia.
Santa Marinha de Valdozende	4	Santa Marinha Nossa Senhora do Rosário S. Sebastião Santo António		Lugar de Parada de Enxerigo Lugar de Vilar a Monte Lugar de Vilarinho	S. Tomé S. Gonçalo S. Caetano		Administrada pelo abade, comum aos fregueses. Administrada pelo abade, comum aos fregueses. Administrada pelo abade, comum aos fregueses.
S. João Baptista do Campo do Gerês	3	S. João Baptista (A.M.) Nossa Senhora do Rosário Santo António		Vilarinho	Bom Jesus Nossa Senhora da Codeceda		Administrada do arco para cima pelo pároco da freguesia e o corpo da capela pelos fregueses. Administrada pelos fregueses.
S. Tiago de Chamoim	4	S. Tiago (A.M.) Senhor Crucificado Nossa Senhora do Rosário S. Gonçalo		Próxima do Lugar de Sequeiros Lugar de Pergum Lugar de Padrós	Nossa Senhora da Conceição S. Bartolomeu S. Lourenço		Fábrica de alguns moradores do lugar. Fábrica dos abades de Chamoim e de S. João do Campo. Fábrica dos moradores de Padrós.
Santa Marinha de Chorense	5	Santa Marinha (A.M.) Nossa Senhora do Rosário Ecce Homo Senhor Crucificado das Chagas Santo António	S. José S. Caetano S. João Marcos Santa Ana S. Francisco S. Roque Santo Amaro Menino Deus Santa Luzia	Lugar de Salm Lugar do Barro Lugar de Emaús	Senhora do Bom Sucesso (a) Nossa Senhora da Saúde (b) S. Gregório (c) Nossa Senhora da Nazaré (d) S. Sebastião (e)		(a) Perfence ao Padre João Dias Simões que de novo a fez, do lugar de Emaús. (b) Perfence a António José da Silva Leita, escrivão proprietário dos oratórios deste concelho, do lugar do Barro. (c) A quiz um visitador impular ao abade, mas conforme a documentação perfence aos moradores do lugar de Salm. No dia da festa acorre algum povo. (d) A ela não acode povo, só sim da freguesia de Chorense e a de Santo André oitava da Flassos. A fábrica perfence a António Rodrigues da Silva do Gondelo. (e) Perfence ao povo da freguesia a sua redificação.
Santa Marinha de Covide	4	Santa Marinha (A.M.) Nossa Senhora do Rosário S. Sebastião Almas		Estrada de Rio Caldo Covide Lugar de Freitas	Santa Eufémia S. Silvestre		Fábrica perfence aos moradores e a jurisdição dela aos párocos. Fábrica, metade de baixo aos moradores; metade de cima ao abade de Carvalheira.
S. Mateus da Ribeira de Homem	3	S. Mateus Nossa Senhora da Conceição Santo António	Santa Luzia (a) Santa Bárbara (a) S. Sebastião (a) Menino Deus (a)				(a) Não differencia os altares nem onde estão collocados..
S. João Baptista de Rio Caldo	5	Senhor Nossa Senhora do Rosário Santo António Nome de Deus S. Sebastião	Santíssimo Sacramento	Lugar da Seara Lugar de Matabacas Lugar de S. Pedro	S. Bento Santa Luzia S. Cristóvão		Perfence ao pároco da freguesia. Perfence ao pároco da freguesia. Perfence ao pároco da freguesia.
S. Salvador do Souto	5	Senhor (A.M.) Nome de Deus Nossa Senhora Santo António Senhor Crucificado		Lugar de Santa Cruz Lugar da Igreja	Santa Cruz S. Roque		

Capelas e sua administração segundo as *Memórias Paroquiais* de 1758

Paróquias	Número de capelas	(Com referência à administração)			
		Particulares	Pároco	Freguesia	Outro
Brufe	0	—	—	—	—
Balança	4	3	—	1	—
Gondoriz	3	2 (a)	—	—	—
Carvalheira	4	—	1	3	—
Vilar	3	2 (b)	—	—	—
Vilar da Veiga	2	—	—	—	—
Cibões	5	2 (c)	—	4	—
Valdozende	3	—	3	—	—
Campo do Gerês	2	—	—	1	1 (d)
Chamoim	3	—	1	2	—
Chorense	5	2	—	2	—
Covide	2	—	—	1	1 (e)
Ribeira	0	—	—	—	—
Rio Caldo	3	—	3	—	—
Souto	2	—	—	—	—

Observações

- (a) Uma comenda de Valdreu.
- (b) Uma de Rendufe.
- (c) Um brasileiro.
- (d) Pelo pároco e fregueses.
- (e) Pelos fregueses e particulares.

7.2. Devoções e invocações. As confrarias

O panorama das devoções e invocações instaladas nas matrizes e capelas em cuja enumeração os párocos nos parecem rigorosos, fornece uma ideia da inclinação e desenvolvimento dos sentimentos religiosos das populações e paróquias concelhias ao tempo, muito esclarecedora.

Grupos de devoções e invocações nas igrejas e capelas do concelho de Terras de Bouro (*Memórias Paroquiais de 1758*)

Paróquias	Nossa Senhora	Santas, Virgens e Mártires	Almas	Palhão	Santíssimo Sacramento	Santos	Trindade
Brufe	Nossa Senhora do Rosário (f)						Espírito Santo (f) Nome de Deus (f)
Balança	Nossa Senhora do Rosário (f) Nossa Senhora do Amparo (c)	Santa Luzia (f) Santa Quitéria (f) Santa Catarina (c)		Senhor Crucificado (f)	Santíssimo Sacramento (f)	S. João Baptista (f) Santo António (f) S. Bento (f) S. Sebastião (c) S. Caetano (f) S. Francisco (f)	Menino Deus (f)
Gondoriz	Nossa Senhora do Rosário (f) Nossa Senhora dos Remédios (f)					S. Mamede (f) Santo Amaro (c) S. Miguel (c) S. João (c)	Nome de Deus (f)
Carvalheira	Nossa Senhora do Rosário (f)	Santa Bárbara (c)			Santíssimo Sacramento (f)	Santo António (f) S. Caetano (c) S. Pedro (c) S. Sebastião (c)	Nome de Deus (f)
Vilar	Nossa Senhora do Livramento (c) Nossa Senhora da Piedade (c) Nossa Senhora (f)	Santa Marinha (f) Santa Efigénia (c)				Santo António (f) S. Bento (c) Santo Eleibom (c)	Menino Deus (f)
Vilar da Veiga	Senhora (f)	Santa Eufémia (c) Santa Marinha (c)				Santo António (f) S. Sebastião (f)	
Cibões	Nossa Senhora do Rosário (f) Nossa Senhora do Amparo (c)	Santa Maria Madalena (c) Santa Úrsula (f) Santa Eufémia (f) Santa Catarina (f)		Senhor Jesus (f)		S. Mamede (f) S. Sebastião (f) Santo António (f) S. Tomé (c) S. Tiago (c)	
Valdozende	Nossa Senhora do Rosário (f)	Santa Marinha (f)				S. Sebastião (f) Santo António (f) S. Tomé (c) S. Gonçalo (c) S. Caetano (c)	
Campo do Gerês	Nossa Senhora do Rosário (f) Nossa Senhora de Codeceda (c)			Bom Jesus (c)		S. João Baptista (f) Santo António (f)	
Chamoim	Nossa Senhora do Rosário (f) Nossa Senhora da Conceição (c)			Senhor Crucificado (f)		S. Tiago (f) S. Gonçalo (f) S. Bartolomeu (c) S. Lourenço (c)	
Choreense	Nossa Senhora do Rosário (f) Nossa Senhora da Nazaré (c) Nossa Senhora da Saúde (c) Senhora do Bom Sucesso (c)	Santa Marinha (f) Santa Ana (f) Santa Luzia (f)		Ecce Homo (f) Senhor das Chagas (f)		Santo António (f) S. José (f) S. Caetano (f) S. João Marcos (f) S. Francisco (f) S. Roque (f) Santo Amaro (f) S. Sebastião (c) S. Gregório (c)	Menino Deus (f)
Covide	Nossa Senhora do Rosário (f)	Santa Marinha (f) Santa Eufémia (c)	Almas (f)			S. Sebastião (f) S. Silvestre (c)	
Ribeira	Nossa Senhora da Conceição (f)	Santa Luzia (f) Santa Bárbara (f)				S. Mateus (f) Santo António (f) S. Sebastião (f)	Menino Deus (f)
Rio Caldo	Nossa Senhora do Rosário (f)	Santa Luzia (c)			Santíssimo Sacramento (f)	Santo António (f) S. Sebastião (f) S. Bento (c) S. Cristóvão (c)	Nome de Deus (f)
Souto	Nossa Senhora (f)			Senhor (f) Senhor Crucificado (f) Santa Cruz (c)		Santo António (f) S. Roque (c)	Nome de Deus (f)

- (f) Instalada na igreja.
(c) Instalada nas capelas.
(f) Relíquias, em capela.

Elas permitem verificar desde logo que se está em presença de um leque de invocações e devoções muito variado, apesar de a amostragem se limitar a estes espaços de religiosidade pública, as igrejas e as capelas. Porque se fosse possível alargá-lo às capelas e oratórios particulares e outros suportes devocionais – pintura, estandartes, livros e estampas impressas, entre outros – a que recorrem as populações, certamente o leque alargar-se-ia e enriquecer-se-ia mais ainda.

De qualquer modo, desde logo é possível verificar que no quadro das igrejas e capelas dos lugares se elegeram entre um mínimo de 3 invocações (caso de Brufe) e um máximo de 18 devoções/invocações públicas e colectivas (caso de Chorense).

A variedade é grande de paróquia para paróquia, embora se verifiquem alguns casos individuais de devoções ou conjunto de devoções mais eleitas e comuns aos moradores.

A análise estatística dos dados das devoções e invocações referida às igrejas e paróquias permite constatar que a eleição vai para o conjunto das invocações dos Santos (44,5%), seguida da devoção a Nossa Senhora (19,3%), às Santas, Virgens e Mártires (15,1%), à Paixão (8,4%) e Santíssima Trindade (8,4%). Com um valor menor vai assinalada a invocação das Almas e do Santíssimo Sacramento, como se pode verificar pela distribuição do seguinte quadro estatístico:

Grupos de devoções e invocações nas igrejas e capelas
(*Memórias Paroquiais de 1758*)

Grupos de Devoções/Invocações	Na igreja	Na capela	Total	%
Nossa Senhora	15	9	24	19,3%
Santas, Virgens e Mártires	10	11	21	16,9%
Almas	1	—	1	—
Paixão	7	2	9	7,2%
Santíssimo Sacramento	3	—	3	2,4%
Santos	32	23	55	44,3%
Trindade	10	—	10	8,0%
Outros	1 (a)	—	1	—
Total	79	45	124	—
%	63,7%	36,2%	—	—

(a) Três Reis Magos.



Balança. Arranjo do altar-mor com o sacrário tendo à sua volta pedras com inscrições de obrigações.

A devoção ao Santíssimo Sacramento e a sua instalação nas igrejas e paróquias sob o modo viático é fortemente estimulada pela Igreja e pelas Constituições Sinodais bracarense, designadamente as impressas pela primeira vez em 1697, mas que vêm de 1639 quando foram ordenadas pelo Arcebispo Matos e Noronha. A devoção organizou-se em confrarias que se implantaram por todas as paróquias para assegurar o culto, a lâmpada continuamente acesa, a devoção nos lausperenes, o acompanhamento nas saídas do viático, a constituição de ricas tribunas nos retábulos das capelas-mores e até dos ricos lampadários. A *Memória* de Chamoim regista a antiquíssima Confraria do Santíssimo de 1606.

O local destas devoções e invocações é por excelência a igreja matriz (65,5%) mas as capelas públicas (34,4%), não lhe ficam muito aquém. Nestas veneram-se sobretudo os Santos, mas também Santas Virgens e Mártires e a Virgem, com excepção naturalmente dos padroeiros que esses cabem naturalmente a honra do altar-mor da igreja matriz.

Espanta, certamente, a fraca representatividade nestas *Memórias*, de certas devoções entre elas a das Almas e do Santíssimo Sacramento, devoções por excelência destes tempos que vem em grande crescimento e expansão por todo o lado depois do Concílio de Trento (1545-1563) e no âmbito da Contra-Reforma, devoções particularmente estimuladas e impostas aos párocos e paróquias pelas autoridades eclesiásticas.

No que diz respeito às Almas, pode acontecer que os párocos não enumerassem os altos relevos, as pinturas que ocupam as igrejas e capelas porque não tomam forma imaginária. Porque é certo e sabido, a enorme devoção às Almas do Purgatório expressa nas múltiplas «alminhas» espalhadas pelas paróquias do concelho muitas delas já existentes à data da redacção das *Memórias* (1758), mas às quais, por se não encontrarem nas igrejas e capelas, a estas os memorialistas não tinham que fazer referência.

O outro caso é a baixíssima referência à devoção ao Santíssimo Sacramento. Só 3 párocos lhe fazem referência. Naturalmente entendemos que a devoção está sub-registada, porque o *Registo Geral* de Braga assinala pelo menos as seguintes obrigações à fábrica do Santíssimo Sacramento nas igrejas do concelho pela seguinte ordem de instituição: Souto, 1710; Campo, 1718; Carvalheira e Choreense, 1728; Balança, 1729, Valdozende, 1741; Ribeira, 1757; Gondoriz, 1765 e, finalmente, Moimenta, 1774. Em Chamoim a respectiva *Memória*, assinala, aliás, a instituição em 1606 da Confraria do Santíssimo Sacramento. Talvez pelo facto de ela se impôr em todas as igrejas cujos sacrários se vão colocando desde o do século XVI⁵¹, transformado em culto eucarístico por excelência dos fregueses que os párocos não sentiram necessidade de evocar.

⁵¹ Não é porém assente que todas as igrejas já tivessem sacrário nesta altura como muitas vezes se pensa.

Aliás estas devoções vão ser objecto de especial devoção e culto por parte das populações e comunidades expressa no desenvolvimento do movimento de confrarias que se organizará à volta deles, expressão, por excelência, da particular militância da piedade, culto e religiosidade dos fiéis. Pensámos até que estas devoções – Santíssimo Sacramento, Almas, Nome de Deus (Trindade), Nossa Senhora (estas duas últimas sobre variadas invocações) estão presentes em todas as paróquias e igrejas como devoções estruturantes da religiosidade mais oficial eclesiástica e diocesana destes tempos ⁵².

Mais variada, porque mais próxima da religiosidade paroquial e popular, são as restantes devoções com Santos, Santas.

Nas devoções aos Santos onde se localizam cerca de 53 invocações a maioria vai para o Santo António (11 invocações), S. Sebastião (15 invocações). Todos os demais Santos não ultrapassando no caso mais elevado 3 invocações, ficam-lhe a grande distância.

O peso da devoção ao Santo António e S. Sebastião, comum aliás ao devocionário português e diocesano, explica-se naturalmente pela especial atracção que têm sobre os sentimentos das populações tendo em vista as igrejas que advogam e as situações a que ocorrem. S. Sebastião, advogado contra a peste, mas também a fome e a guerra, devoção muito antiga na diocese, cujo inicial desenvolvimento se deveu às condições de vida das populações, mas sempre presente no quotidiano, agora mais a fome – por causa das crises cíclicas e da emergência de maus anos agrícolas e carestia – mas ainda como ameaça sempre presente a doença, a peste e a guerra.

Santo António tem ainda na alma e no coração dos portugueses um lugar mais destacado, invocado em todas as circunstâncias, em todos os perigos e tentações em quem se confia e espera nas situações extremas a solução milagrosa.

Entre as devoções às Santas há uma grande variedade, com maior concentração em Santa Marinha e Santa Luzia. E nas Senhoras a primazia absoluta para a Senhora do Rosário que só por si tem tantas invocações quantas as demais sob cujos diferentes nomes se



Santa Luzia, cuja devoção e invocações se encontra muito arreigada no concelho designadamente nas paróquias de Balança, Chorense, Ribeira e Rio Caldo



Cristo transportando a Cruz. Interessante alto relevo lavrado em pedra, de artista local, da Via-Sacra da paróquia de Souto, no caminho da igreja.

⁵² João Francisco Marques, «Rituais e manifestações de culto», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Circulo de Leitores, 2000, pp. 517 e ss.; Idem, «Oração e devoções», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Circulo de Leitores, 2000, pp. 603 e ss.

invoca a Virgem. Santa Marinha, especialmente invocada, padroeira de algumas igrejas, com o seu percurso martirológico associado ao território local é por isso muito invocada; Santa Luzia pela sua especial protecção na visão. Nossa Senhora do Rosário essa é também uma das grandes devoções da Contra-Reforma portuguesa que ao lado da devoção ao Santíssimo Sacramento mais se procurará enraizar nas práticas e nos hábitos devocionais dos portugueses com a devoção à reza individual ou colectiva do rosário ou do terço e a veneração e lausperene ao Santíssimo.

O movimento confraternal exprime, sem dúvida, o especial empenho e militância à volta de determinadas invocações e cultos para os quais a igreja dá a particular organização de confraria e irmandade para desenvolver certas devoções e atingir alguns objectivos exprimindo deste ponto de vista organizacional e religioso a completa integração das paróquias nas orientações diocesanas.

As Constituições Sinodais Diocesanas em vigor ao tempo⁵³ que recolhem o pensamento e as orientações fundamentais da Diocese e sua hierarquia religiosa, no que diz respeito às políticas e devoções religiosas, determinavam efectivamente especial devoção e enquadramento confraternal para a devoção ao Santíssimo Sacramento e Nome de Deus ou Almas. Tal orientação está perfeitamente plasmada em 1758 nas paróquias do concelho no testemunho das *Memórias*. A devoção às Almas com pelo menos 7 confrarias, logo seguida da do Santíssimo Sacramento 5, são os mais numerosos, logo seguida da do Nome de Deus. Cremos aliás que daquelas duas primeiras confrarias devem estar presentes já em todas as paróquias mas que alguns párocos omitiram nas suas descrições.

No seu conjunto a organização confraternal parece estar razoavelmente desenvolvida no concelho. Naturalmente o maior ou menor número de confrarias existente na paróquia é a expressão para além do fervor do sentimento religioso, de particular manifestação do desenvolvimento social e económico das terras. Porque a sustentação da confraria obriga a encargos e entre eles financeiros, de esmola e outros

⁵³ *Constituições sinodais do Arcebispado de Braga. (...) mandadas imprimir (...) em Janeiro de 1697.*

**Cristo preso.**

Alto relevo lavrado em pedra, trabalho de artista local, peça da Via-Sacra do caminho da igreja da paróquia de Souto.

No seu conjunto estas devoções e invocações inscrevem-se dentro do quadro do culto das respectivas paróquias, integrando-se nos movimentos gerais devocionais da diocese, mas venerando também aquelas devoções e invocações próprias das paróquias e lugares que contribuem para distinguir a respectiva comunidade.

Algumas das devoções de algumas das capelas têm então, particular desenvolvimento, extravasando os seus cultos e devoções os limites das respectivas paróquias.

À romagem à capela do Bom Jesus a 23 de Agosto de S. João do Campo já nos referimos, onde os povos da terra e concelho vão em procissão geral por efeito da imposição das autoridades municipais de Terras de Bouro.

Mas para além desta, duas outras devoções e romagens que hoje têm particular desenvolvimento já ao tempo se apresentavam em termos de irradiação supra-paroquial e até regional. É o caso de Nossa Senhora do Livramento na paróquia de Vilar e S. Bento em Rio Caldo.

Ao Livramento acudiam muitos povos no dia da festa e ao longo do ano e a ela vêm os povos de várias freguesias acompanhados pelos seus párocos e seguindo as respectivas cruzes. A S. Bento acorrem também quer no dia da festa quer ao longo do ano muitos devotos, diz o Memorialista de Rio Caldo, isto «pelos muitos milagres que obra em sua imagem».

Transcreve-se aqui o assento do *Registo Geral de Braga* (ADB/UM – *Registo Geral*, 12, fols. 131-132) de 29 de Junho de 1615 em que se manda construir uma ermida na Seara em honra de S. Bento e aí levantar altar e dizer missa:

«Petição e promessa per que se dá licença que se diga missa na hermidia de São Bento sita na freguesia de São João de Rio Caldo.

Diz João Roiz⁵⁴, abbade de São João de Rio Caldo que visitando a dita igreja o anno proximo passado de mil e seiscentos e quatorze o R.^{do} conego Manuel Pinheiro Figueira deixou no livro da visitação da dita igreja o capitolo seguinte: mando ao abbade que faça hũa hermidia



S. BENTO DA PORTA ABERTA.
ESTE SE VEMERA NA IGJ. DE RIO CALDO SUBORDINADO DO CEGRÉS

⁵⁴ Nos livros de assentos de Rio Caldo o pároco assina João Rodrigues. (ADB/UM – *Mistos de Rio Caldo*, n.º 1.

na Seara da Forcadella pera administração dos Sacramentos por ser lugar remoto da igreja e de grande distancia de caminho por ser muito necessario e do serviço de Nosso Senhor o que cumprirá até o Natal, armando-a de todo o necessário com pena de mil réis. A qual hermidia está muito bem acabada de fermosa parede e bem caiada com seu enchaxo na parede de seis palmos em alto lavrado de esquadria com suas folhages e seu campanario muito bem feito; está bem emmadeirada do nivel e toda forrada; com suas portas principal e travessa de esquadria; os portaes e o telhado mui bem concertado e todas as telhas com cal. A invocação do P.^e São Bento que está feito de vulto de quatro palmos e meo em alto mui bem pintado; ornamentos pera missa e altarirão da dita igreja que tem bastantes pera tudo pello que pede a vossa mercê lhe mande passar licença pera dizer missa na dita hermidia e recebera mercê.

[Despacho] [...] que se possa alevantar altar e dizer missas na hermidia de São Bento [...] e nella fazer todos os mais officios divinos não prejudicando porem em cousa algũa os direitos da igreja matriz em cujos lemites a dita hermidia está situada.

Dada em Braga, sob o nosso sello e sinal do muito R.^{do} Doutor Aleixo de Moraes, governador e provisor do nosso Arcebispado aos vinte e nove dias do mes de Junho [...] de mil e seiscentos e quinze annos [...]»⁵⁵.

Além destas, os párocos assinalam com devoção que extravasa os limites da paróquia na igreja da Balança, a devoção à Nossa Senhora; em Cibões, a S. Tomé em Gilbarbedo e S. Tiago em Figueiredo, com clamores e com resadas; em Valdozende a S. Gonçalo também com clamores de fora (Santa Isabel e Rio Caldo); em Chamoim, a S. Bartolomeu de Pergoim; em ChoreNSE, a S. Gregório; em Moimenta a Santo André, em Covide a S. Silvestre de Freitas em Souto a Santa Cruz.

⁵⁵ A actual igreja de S. Bento, é de construção recente: iniciada em 1880 e concluída por 1895. Molho de Faria, *S. Bento da Porta Aberta*, Braga, 1947; Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, *Senhora da Abadia*, Edição da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, 1.^a ed., 1977.

8 Bibliografia

- AFONSO, António – «Notícia da freguesia de S. João do Campo que mandou o Dr. Vigário Geral aos 9 de Junho de 1736», in *Terras de Bouro. Território Museu da Montanha*, n.º 4, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 2001.
- ANTUNES, Manuel Azevedo – *Vilarinho das Furnas. Uma aldeia afundada*, A Regra do Jogo, Edições (1985).
- CAPELA, José Viriato e BORRALHEIRO, Rogério – *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Barcelos, 1998.
- CAPELA, José Viriato e BORRALHEIRO, Rogério – *Boticas nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Boticas, 2001.
- CAPELA, José Viriato e BORRALHEIRO, Rogério – *Vieira do Minho nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Vieira do Minho, 2000.
- CAPELA, José Viriato – «Igreja, Sociedade e Estado na partilha dos bens eclesiásticos», *Actas do IX Centenário da Sé de Braga*, vol. II/2, Braga, 1990.
- CAPELA, José Viriato – «O antigo concelho de Vila Garcia», in *Terras de Bouro. O Homem e a Serra*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992.
- CAPELA, José Viriato – «Os povos da serra do Gerês em luta contra a Mata e os Serviços Florestais (1888-1910)», in *Terras de Bouro. Passado com História*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, n.º 3, 2000.
- CAPELA, José Viriato – *A Revolução do Minho de 1846*, Governo Civil de Braga, 1997.
- CAPELA, José Viriato – *O Minho e os seus municípios. Estudos económico-administrativos sobre o município português nos horizontes da reforma liberal*, Universidade do Minho, Braga, 1995.

- CAPELA, José Viriato – *Política de Corregedores*, Universidade do Minho, Braga, 1997.
- CAPELA, Maria Conceição R. P. e CAPELA, José Viriato – «A gestão do património e actividades económicas nas comunidades agro-pastoris da serra do Gerês. Perspectiva dos regimentos dos séculos XVIII e XIX», in *Terras de Bouro. O Homem e a Serra*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, n.º 2, 1992.
- CAPELA, Martins – *Escritos Dispersos*, Edição da Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992.
- CASTRO, Maria de Fátima – «Breves notas sobre a formação e aplicação do património do Licenciado Domingos Peres, Abade da paroquial igreja de S. João de Balança», in *Terras de Bouro. Passado com História*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, n.º 3, 2000.
- CRUZ, António – *Geografia e Economia da Província do Minho nos fins do séc. XVIII. Plano de descrição e subsídios de Custódio José Gomes de Villas-Boas*, recolhidos, anotados e publicados por..., Porto, 1970.
- CUNHA, Cón. Arlindo Ribeiro da – *Senhora da Abadia*, Edição da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, 1.ª ed., 1977.
- DIAS, Jorge – *Vilarinho das Furnas*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.ª edição, Lisboa, 1981.
- DIAS, José dos Santos – *Memória histórico-topográfica das Caldas do Gerês*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, n.º 1, 1991.
- FARIA, Molho de – *S. Bento da Porta Aberta*, Braga, 1947.
- GONÇALVES, Iria – «Entre a Peneda e o Barroso: uma fronteira galaico-minhota em meados de duzentos», in *As relações de fronteira no século de Alcanices, IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Actas, vol. I, Porto, 1998.
- MARQUES, João Francisco – «Oração e devoções», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Círculo de Leitores, 2000.
- MARQUES, João Francisco – «Rituais e manifestações de culto», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Círculo de Leitores, 2000.
- OLIVEIRA, A. Lopes de – *Terras de Bouro e o seu Concelho*, Edição da Câmara Municipal de Terras de Bouro (s.d.).

- OLIVEIRA, Aurélio de – *A Abadia de Tibães, 1630/1680-1813. Propriedade, exploração e produção agrícola no vale do Cávado durante o Antigo Regime*, 2 vols., Porto, 1979 (polic.).
- POLONNAH, Luís – «A propósito do comunitarismo da serra do Gerês», in *Terras de Bouro. O Homem e a Serra*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992.
- RIBEIRO, Orlando – «Milho», in *Dicionário de História de Portugal* (dir. de Joel Serrão), Iniciativas Editoriais, vol. III, 1971.
- SILVA, Domingos M. da – *Entre o Homem e Cávado em meados do séc. XVIII – Memórias Paroquiais*, Braga, 1985.
- SILVA, Domingos M. Silva – *A fronteira da Portela do Homem e os privilégios de Terras de Bouro*, Braga, 1984.
- SOARES, António Franquelim Sampaio Neiva – *A Arquidiocese de Braga no séc. XVII. Sociedade e mentalidades pelas visitas paroquiais (1500-1700)*, Braga, 1997.
- SOUSA, Armindo de – «Fronteira e representação parlamentar na Idade Média Portuguesa», in *As relações de fronteira no século de Alcanices, IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Actas, vol. I, Porto, 1998.
- SOUSA, Tude de – «Regimen pastoril dos povos da Serra do Gerês», in *Portugália*, t. II, fasc. 3, Porto, 1907.
- SOUSA, Tude de – *Gerez, Notas etnográficas, arqueoológicas e históricas*, Lisboa, 1927.
- VIEIRA, José Augusto – *Minho Pittoresco*, 1886-1887.
- VIEIRA, José Carlos Alves – *Vieira do Minho. Notícia histórica e descritiva*. Edição fac-simile da edição de 1925, Ed. «O Jornal de Vieira», Braga, 2000.

**AS MEMÓRIAS PAROQUIAIS
DE 1758
DO ACTUAL CONCELHO
DE TERRAS DE BOURO**

1. Identificação da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
2. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
3. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
4. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
5. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
6. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
7. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
8. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
9. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.
10. Descrição da Igreja Paroquial, nome, localização, data de fundação, etc.

Edição das *Memórias*

Para a publicação destas *Memórias* das terras do concelho de Terras de Bouro seguimos as seguintes **regras de transcrição**, que adaptamos das regras já seguidas na edição das *Memórias Paroquiais* do concelho de Barcelos¹:

1. Suprime-se o uso de consoantes duplas, salvo quando entre vogais;
2. As vogais duplas iniciais ou finais, equivalentes a uma vogal aberta, transformam-se numa só vogal acentuada. Exemplo: **pee** = pé; **soo** = só;
3. As letras **i** e **j**, **l** e **y**, **c** e **ç**, **u** e **v**, transcrevem-se segundo o seu valor na respectiva palavra;
4. O **n** final converte-se em **m** e o **m** antes de consoante converte-se em **n** exceptuando-se quando antes de **p** ou **b**; o **s** e o **z** finais convertem-se para o uso do português actual;
5. A forma **u** nasalado é convertida em **um**;
6. Transcrições especiais:
 - a) **Su** = **S**. Sua Senhoria; **Sua A.** = Sua Alteza;
 - b) Reposta passou a resposta;
7. Actualizam-se as maiúsculas e as minúsculas segundo o português actual;
8. Desdobram-se as abreviaturas seguindo-se a forma mais frequente no texto. Corrigem-se os lapsos de escrita evidentes;

¹ José Viriato Capela, Rogério Borralheiro – *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Barcelos, Barcelos, 1998.

9. Ligam-se as partes fraccionadas da mesma palavra: **a cerca** = à cerca;
10. Separam-se as partes unidas diferentes: **dis seque** = disse que; hifemizam-se as palavras quando necessário;
11. Acentuam-se de um modo geral os vocábulos agudos polissilábicos e actualiza-se a acentuação existente;
12. Usa-se o apóstrofe em casos como os seguintes: d'Este; d'Ajuda;
13. Insere-se dentro de parêntesis rectos a reconstituição ou suplecção hipotética de letras ou palavras ilegíveis ou omissas no documento;
14. Actualiza-se a pontuação e introduz-se a paragrafação necessária. Aplicam-se os sinais da pontuação considerados indispensáveis à melhor leitura e compreensão do texto;
15. Não se transcrevem frases ou palavras repetidas.
16. Actualizaram-se as grafias das fórmulas verbais.

Os casos não contemplados nestas normas, incluindo dúvidas de leitura, falta de elementos e casos particulares serão devidamente assinalados em nota de rodapé, visando o seu esclarecimento.

Não se publicam as *Memórias* de Santa Isabel do Monte e Santo André de Moimenta porque não existem.

A publicação das *Memórias* segue a ordem alfabética.

Juntam-se no final de cada *Memória Paroquial* as *Referências* documentais contidas no *Registo Geral da Sá de Braga* (Igrejário) do ADB/UM que interessam ao aprofundamento do estudo da história das paróquias do concelho.

BALANÇA

IAN/TT – *Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso*
Vol. 6, memória 9, pp. 51 a 56



Igreja Matriz da Balança.

Freguezia de Sam Joam Baptista da Balança

Por vertude de huma hordem do Munto Reverendo Senhor Doutor Francisco Fernandes Coelho, Provizor e Vigario Geral nesta Corte e cidade Primaz de Braga, Sede Vacante e de Sua Excelencia Reverendissima o Senhor D. Aleixo de Miranda Henriques, vigario capitular e Bispo eleito do Bispado de Miranda, me foi entregue huma hordem reduzida por capitulos a cual me foi entregue a vinte e três de Março de mil setecentos e sincoenta e outo annos e dos ditos capitulos hé o seguinte:

1º – Fica esta terra na Provincia de Entre Douro e Minho, hé do Arcebispado Primaz de Braga, comarca de Vianna, concelho de Terras de Bouro, freguezia de Sam Joam da Balança.

2º – Desta terra hé senhor Luiz Manoel de Azevedo Sá Coutinho, donatario apresentado por Sua Real Magestade que Deus guarde.

3 – Tem de vizinhos cento e treze e pessoas coatrocentas e sin-cuenta e sete, presentes e abzentes.

4 – Está esta freguezia em hum vale com alguns montes de permeio; della se descobrem dezoito freguezias ou mais que dista duas leguas do Nacente a Poente.

5 – A este nada.

6 – Tem de lugares: Alevandeira, Avilla, Barral, Espozende, Aramis, a Penna, Sam Pantaliam, Quintans, Agua Levada, Moure, Serdeira, Carrazedo e o Assento.

7 – O orago desta freguezia hé Sam Joam Baptista da Balança. Tem sinco altares, o primeiro ou altar maior onde está Sam Joam Baptista, Sam Caetano e Sam Francisco e o sacrario com o Santissimo Sacramento e nos colletrais está o Senhor Crucificado, Santa Luzia e o Menino Deus. E em outro Nossa Senhora do Rozario e no outro Santo Antonio e em outro Sam Bento e Santa Quiteria.

8 – Esta freguezia hé abadia e tem abbade e hé apresentada pello senhor Arcebispo de Braga. Renderá seiscentos e noventa e sinco mil réis, mais ou menus.

9 – A este nada.

10 – A este nada.

11 – A este nada.

12 – A este nada.

13 – Tem huma capela de Sam Sebastiam que hé fabricada pelos freguezes e setuada em hum outeiro que se chama o monte de Sam Sebastiam e ao pé da dita capella está huma lrangeira, está distante de lugares. Tem a capela de Santa Catharina no lugar da Pena, fabri-

cada por Jozé Machado. Tem outra capella de Nossa Senhora do Emparo, fora do lugar é fabricada por Ignacio da Silva e Antonio Dias e Joze de Araujo. Tem a capela dos Três Reis Magos fabricada por Manoel Pereira Fajardo e fora do lugar.

14 – Há nesta igreja huma Nossa Senhora que appareceu haverá dezaceis anos de traz de hum altar colatral nos primeiros seis anos concurreo munta gente e fez muntos milagres e agora só concorre pouca gente.

15 – Nesta freguezia se colhe milham groço, centeio, trigo, feijam, vinho, castanha e fruta de toda a cualidade.

16 – Tem juizo hordinario, camera e tudo do mesmo concelho.

17 – Hé concelho de Terras de Bouro.

18 – Desta igreja sahio pera Bispo do Porto hum abbade.

19 – A este nada.

20 – Nam tem correio. Se serve de Braga que são três leguas grandes de distancia.

21 – Está esta freguezia distante da cidade de Braga três leguas grandes e da cedade de Lisboa secenta e duas.

22 – Tem este concelho hum privilegio confirmado por Sua Real Magestade que Deus guarde, unido à praça da Portela de Homem pela sustentarem os moradores do dito concelho dela defenderem o inimigo à sua custa com polvura e bala.

23 – A este nada.

24 – A este nada.

25 – A este nada. Só no Terremoto cobrou a Cruz da capela mor.

26 – A este nada.

A serra

- 1 – Esta serra se chama a Seixeira.
- 2 – Tem de comprido cinco leguas e em parte tem largura meia legua. Tem seu principio na freguezia da Crasto e finda na freguezia de Covide, junto ao Gerez.
- 3 – A este nada.
- 4 – A este nada.
- 5 – Estão ao longo da serra o lugar da Levandeira, o lugar da Villa, o lugar do Barral, lugar de Aramis e por cima deles passa a Jeira dos Romanos antigos e tem hum padram deitado no cham.
- 6 – A este nada.
- 7 – A este nada.
- 8 – Nesta terra se semeia centeio e hé a dita serra hé abundante de tojo e giesta.
- 9 – A este nada.
- 10 – Hé esta serra de seu temperamento munto fria.
- 11 – Há nesta lobos, porcos montezez, eguas, bois, vacas, rapozas, perdizes, coelhos,, galinholas e aves reais.

Rio

- 1 – O rio Homem, se chama assim, passa por esta freguezia e nasce em Lamas d'Homem, entre Galiza e Portugal.
- 2 – Nace logo caudulozo e corre todo o anno.
- 3 – Nam tem navagaçam senam huma barca de passar gente no Emverno.

4 – Neste sitio entra hum ribeiro, mas nam corre todo ano e parte com a freguezia de Muimenta e outro piqueno que corre pelo meio desta freguezia que alguns anos seca no Vrão.

5 – No sitio desta freguezia corre sereno hum coarto de legua.

6 – Corre do Nacente a Poente.

7 – Cria trutas, bogas, escallos e alguns anos lampreias e trutas mariscas e a maior abundancea são bogas.

8 – No mês de Junho, Julho e Agosto se pesca com maior abundancia.

9 – O que se pesca hé livre pera quem o calha em todo o rio.

10 – Tem arvores pela beira que dão vinho e campos de bomas nuidades.

11 – As aguas são frias e comunas.

12 – Sempre teve e tem o mesmo nome.

13 – Morre e feneliza no Vau do Bico.

14 – Tem sinco levadas e cachueiras que rapughnam o ser navegavel nestas partes

15 – A este nada.

16 – Tem duas azenhas neste sitio que moi todo o ano.

17 – A este nada.

18 – A este nada.

19 – Tem este de cursso pouco mais ou menus seis ou sete leguas, passa pelo Campo, Carvalheira, Chamoim, Vilar, Muimenta, Sam Joam, Souto, Sequeiros, Caldelas, Fescal, Rendufe, Lago e Vau do Bico aonde falanize (por finaliza).

Nam achei mais que descobrir a respeito da minha freguezia e seu distrito.

E por verdade fiz esta por minha mam propria que assigno com dois abbades vezinhos de Santa Marinha de Chorenci e Sam Matheus da Ribeira.

Hoje, outo de Maio de mil e setecentos e sincuenta e outo annos.

O abbade Francisco Botelho Mouram e Faria

Abbade João Philippe de Araujo Soares

Abbade Vasco Marinho Falcão, abbade da freguezia de Sam Matheus.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Tombo da Igreja*, 1500, Livro 5, fl. 268;
- *Obrigaçãõ à fábrica do Santíssimo Sacramento*, 1729, Livro 101, fl. 229v;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Capela da Quinta da Pena, invocação de Santa Catarina*, 1722, Livro 129, fl. 394;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Capela dos Três Reis Magos*, 1585, cx. 252, n.º 7;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Capela do Senhor do Calvário*, 1790, Livro 191, fl. 17;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Ermida de Nossa Senhora do Amparo*, 1646, Livro 21, fl. 20; 1666, Livro 39, fl. 270.

BRUFE

IAN/TT – *Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso*
Vol. 7, memória 79, pp. 1271 a 1277



Igreja Matriz de Brufe.

Em os dez de Março de mil e settecentos e cincoenta e oito annos, me foi entregue huma ordem que emanou do Nosso Rei Cerenissimo e Fedilicimo Senhor Dom Joze que Deos guarde e mandada pello Muito Reverendo Senhor Doutor Provizor da cidade e Corte de Braga Primaz, para efeito de dar as noticias que nos enterogatorios se me ordena. O que tudo reverentemente aceitei para com toda a individuação não só dar as noticias do que de propria ciencia tenho conhecimento, mas também me enformar com pessoas fidedignas e homens velhos meus freiguezes para com toda a verdade e clareza possa responder por ordem a cada hum dos enterogatorios, o que respondo na forma seguinte:

1 – Acha-se esta minha freguezia do Espirito Santo de Brufe no concelho de Villa Gracia, Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebis-

pado de Braga, comarca de Vianna. Este concelho dizem que antigamente se chamava couto de Villa Gracia.

E consta só de duas freiguezias que vem a ser o Espirito Santo de Brufe e Sam Mamede de Siboims e nam consta de mais.

O juiz que nelle serve hé feito pela emleição costumada do mesmo povo do concelho, de três em três annos, porém o mesmo juiz serve no civil, crime, almotacel e juiz dos orfons. Capitão mor faz audiencia de quinze em quinze dias e tem hum só escrivão que vem do concelho de Pica de Regalados donde há coatro e vem alternadamente cada hum seu anno, que fica distancia de duas legoas e as sentenças dadas pello juiz se appellam para o corregedor da commarca.

2 – Hé esta freiguezia com o titulo de vigario, aperzentação da igreja de Sam Paio da Carvalheira, chama-se ao padroeiro desta freiguezia que atualmente se acha nela o reverendo Antonio Pereira Bacelar, a coal aprezentação hé de vigarios *ad nuto* e fica na distancia huma da outra hum coartto de legoa; o padroeiro dela tem a residencia da sua freiguezia no concelho de Terra de Bouro, do mesmo Arcebis-pado e comarca.

3 – Tem esta freguezia vinte e oito vezinhos, tem pessoas entre maiores e menores e ausentes cento e sette.

4 – Está citta em hum vale junto a huma veiga e montte e della não se descobre povoações, porém das cazas da residencia onde mora o reverendo parcho se descobrem três legoas de poboações, de freguezias e logares e por antre estas corre o rio Homem da parte direita esta freguezia de Sam Mamede de Sibois e a freiguezia de Sam Mamede de Gondoriz e a freiguezia de Sam Salvador de Baldreu e a freiguezia de Sam Martinho de Balbom e a freiguezia de Sam Pedro de Balbom e a freiguezia de Santa Marinha de Oriz e a freiguezia de Sam Bicente de Caldellas e pella parte esquerda se descobre a freiguezia de Sam Paio de Carvalheira e a freiguezia de Santiago de Chamoim e a freiguezia de Santa Marinha de Billar e a freiguezia de Santo André de Moimenta e a freguezia de Santa Marinha de Chorence e a freiguezia de Sam João de Balança e a freiguezia de Sam Matheus e a freiguezia de Sam Salvador de Souto e a freiguezia de Sam Paio de Sequeiros e a

freiguesia de Santiago de Caldellas e inda dahi para baxo se descobre mais três ou coatro legoas de poboações emté junto ao mar e não sei os nomes.

5 – Não tem esta freiguesia termo, tem somente dois lugares hum, se chama Cortinhas que tem treze vezinhos, o outro se chama Brufe que tem quinze vezinhos.

6 – Está esta igreja fora do lugar.

7 – O orago hé o Espirito Santo de Brufe. Tem coatro altares: o mor do Espirito Santo, outro do Nome de Deos, outro de Nossa Senhora do Rozario. Não tem naves e tem outro altar na costam da igreja. Tem huma irmandade de confrades do Santicimo Rozario colocada pelos religiozos de Sam Domingos. Tem mais outra irmandade das Almas.

8 – O parochó hé vigario *adenutu* (por *ad nutum*), rende para o padroeiro cincoenta mil réis e para o parochó vinte mil réis, pouco mais ou menos.

9 – Não tem esta freguesia beneficiados.

10 – Não tem conventos de religiozos nem reliogizas.

11 – Não tem espirital.

12 – Não tem caza de mezericordia.

13 – Não tem ermidas.

14 – Nada.

15 – Os frutos desta terra hé milho e centeio, milho alvo pouco, feijão muito pouco, a maior abundancia que colhe os lavradores hé centeio e sendo o anno frio muito pouco de todos estes frutos se colhe.

16 – Tem juiz e camara que hé a do concelho.

17 – Algum dia se chma couto, oje se chama concelho.

18 – Não há memoria que dela sahisem ou florececem por vertudes, letras ou armas, homens ensiguenes.

19 – Não tem feiras esta freiguezia.

20 – Não tem esta freiguezia correio e serve-se do correio de Braga que parte na Sesta Feira e chega no Domingo e distancia desta freiguezia cinco legoas e serve-se também do correio da vila da Barca que parte na Coarta Feira e chega na Segunda Feira, distancia desta freiguezia duas legoas e meia.

21 – Dista desta freiguezia a cidade capital de Braga cinco legoas e dista à cidade capital de Lisboa sesenta e coatro legoas.

22 – Tem este concelho hum privilegio de guoardar à sua custa o posto chamado da Amarela e por isso não dão soldados pagos.

23 – Não há nesta freiguezia nem perto dela fonte nem lagoa celebre.

24 – Não há nesta freiguezia portto de mar.

25 – Não hé esta terra morada.

26 – Não padeceo ruina no Toromoto de mil setecentos e cincoenta e cinco.

27 – Não há nesta freguezia mais alguma cousa de memoria que possa dizer.

Serra

1 – Há nesta terra huma serra chamada da Amarella, principia na freiguezia de Sam Mamede de Sibonis e acaba em Galiza, que terá de comprido três para coatro legoas e de largo duas e meia.

2 e 3 – O braço direito precípua na costa de Brufe e o esquerdo na freguezia de São Bicente de Gilmil e de São Silvestre de Ermida. Dentro dela nace dois regatos hum chamado o Porta-Lage e outro se chama o Porto Palheiro e se mete no rio Homem no sitio chamado do Pontido. De Enverno tras muita agoa e de Bram pouca.

Nesta serra pastam bacas, carneiros, cabras, reixelos. Há hum fojo para nele se caçar e matar os lobos que todos os Sabados da Caresma e todos os Sabados dêa Pascoa emté o Espírito Santo este concelho e a freiguezia de Sam Silvestre de Ermida e a freiguezia de Lindoso fazem montaria para os matar e todas as vezes que há noticia que elles fazem dano.

5 – Junto a ella está a freiguezia de Sam Silvestre de Ermida e a freiguezia de Lindozo e o lugar de Vilarinho de Furnas.

6 – Não tem fontes nem lagoas do porpiadades.

7 – Não tem minas de metais, nem cantaria de pedra.

8 – Hé cultivada a serra de urzes, giestas, carqueja, tojo.

9 – Nam há na serra mosteiros nem igrejas de romaje.

10 – É a serra de seu temperamento muito fria que nella persevera a neve vinte ou trinta dias.

11 – Há na serra criaçois de lobos, rapozas, porcos bravos, coelhos, perdizes, cervais. Há nela huma casa da neve que dizem hera dos Arcebispos de Braga a qual se acha arroinada.

12 – Não tem lagoa. Tem hum fojo como acima fica dito.

13 – Não há nela mais que dizer.

Rio

1 – O rio que corre junto desta freiguezia se chama rio Homem. Nasce em Lamas de Homem em dois olheiros junto agoas dentre Galliza e Portugal e corre todo o anno. E não hé navegavel por ser de curso arrebatado.

2/3 – Entram nelle os dois regatos que corre por esta freiguesia no sitio chamado Pontido.

4 – Não hé navegavel de embarçaõis.

5 – Hé de curso arebatado emté à freguesia de Santa Marinha de Vilar, entra mais nele outro rio que nace na freiguesia de Sam João do Campo o coal corre por entre a freiguesia de Sam Paio de Carvalheira e a de Santa Marinha de Cobide e entra nela no sitio chamado a Porta Ribeira, freiguesia de Santiago de Chamoim.

6 – Corre de Sul para as partes do Poente e nelle se criam trutas, bogas, escallos.

8 – Nelle se pesca todo o anno.

9 – As pescarias são livres e nalgumas partes tem caneiros que são particulares.

10 – Tem alvorede de fruto silvestre.

11 – Nam tem bertude as suas agoas.

12 – Concerva sempre o mesmo nome emté o Bau do Bico.

13 – No Bau do Bico se mete no rio Cavado e anbos se mete em Fam no mar.

14 – Tem penedos e fragas enthé à freguesia de Santa Marinha de Vilar.

15 – Tem pontes de pedra huma chamada a ponte de Caldelas, outra chamada a ponte de Carvalheira e duas sitio do lugar de Vilariño de Furnas.

16 – Tem moinhos e azenhas.

17 – Não consta que em tempo algum se tirase ouro de suas areas.

18 – Os povos uzam libaralmente de suas agoas pera a cultura dos campos sem pensão alguma.

19 – Donde nace athé se meter no mar poderá ter dez para doze legoas, no que respeita às poboações já acima fica dito enthé Caldelas. Dahi para baixo não conheço.

20 – Não tenho de que dar mais noticia.

Esta hé a informaçam que posso dar que vai com toda a verdade e emformaçoens que tomei com pessoas meus freiguezes tementes a Deos de quem faço confidencia e com suas verdades me conformo. E por asim ser verdade passei esta como fiel capelam de El Rei meu. Senhor que Deos goarde muitos annos.

Esperito Santo de Brufe, Abril, trinta de mil e setecentos e cincoenta e oito annos que assino.

O vigario Domingos de Carvalho

Vai confremada e assinada pello reverendo abade de Sam Paio de Carvalheira, Antonio Pereira Bacelar

O abbade de Chamoim José Coelho da Silva.

CAMPO DO GERÊS

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 8, memória 78, pp. 521 a 539



Igreja Matriz de S. João do Campo
(ou Campo do Gerês).

Aos dezasete dias do mês de Março deste presente anno de mil e setecentos e cincoenta e oito annos me foi entregue huma ordem a qual emanou de Sua Real Magestade que Deos guarde, remetida ao Reverendo Doutor Provisor do Arcebispado Primaz, a fim de se responder aos enterrogatorios que com ella vinham os coais por mim, Custodio Joseph Leite, abbade desta parochial igreja de São João do Campo do Gerez, vistos e examinados e a cada hum delles em particular com toda a clareza e verdade respondo o que se me offrece dizer na forma seguinte:

1 – Esta freguezia de São João do Campo do Gerez, ultima do Reino que confina com a Galliza se acha no Arcebispado de Braga Primaz, comarca de Viana, concelho de Terras de Bouro, Provincia de Entre Douro e Minho.

2 – Nella me acho provido por mercê que della me fez o Serenissimo Senhor Dom Joseph primeiro, cuja vida o mesmo ceo prospere e augmente e tendo por noticia e muito certo ser esta apresentação de tempo imomerial do mesmo Real Padroado.

3 – Tem esta freguezia vizinhos cincoenta e coatro e pessoas de sacramento cento e noventa e oito e menores sete.

4 – Está situada em campina rezão porque se chama São João do Campo, não se descobre della povoaçam alguma por estar circunvallada de montes e poderão distar de huns montes a outros pouco mais de meio coarto de legoa.

5 – Nam hé termo, hé concelho de Terras de Bouro que comprehende onze freguezias que vem a ser: esta parochia de São João do Campo, Santa Marinha de Cobide, São Paio de Carvalheira, São João de Rio Caldo, Santa Marinha de Valdozende, Santiago de Chamoim, Santa Marinha de Villar, Santo André de Mumenta, Santa Marinha de Choreense, São João da Ballança, São Matheus da Ribeira.

6 – A parochia está proxima ao mesmo lugar e não tem mais aldeas esta rezidencia, excepto o lugar de Villarinho de Furnas, que também hé desta freguezia que dista da rezidencia quoasi meia legoa e o lugar do Campo com a igreja a si proximo se chama pello mesmo nome.

7 – Hé o seu orago São João Batista. E tem três altares: o maior do mesmo Santo, os dous hum delles Nossa Senhora do Rozario e o outro Santo Antonio. Não tem naves, nem irmandades. Tem sim a confradia do Nome de Deos e a de Santo Antonio.

8 – Hé o parochio della abbade pelo provimento e mercê de Sua Magestade que Deos guarde e poderá render hum anno por outro duzentos e quorenta mil réis em razão da muita geada que quasi todos os annos faz gravissima aos frutos antes que chegem à perfeita maduraçam.

9 – Não tem beneficiados.

10 – Não tem conventos de religiosos ou religiosas.

11 – Não tem hospital.

12 – Não tem casa de misericórdia.

13 – Tem duas capellas sitas no lugar de Vilarinho, a primeira do Bom Jesus distante do lugar um tiro de espingarda, a segunda de Nossa Senhora de Codessedra distante do lugar dois tiros. A do Bom Jesus do arco para cima administrada pello parochio desta freguezia e corpo della pellos freguezes e a de Nossa Senhora administrada pellos mesmos freguezes.

14 – A capela do Bom Jesus hé frequentada de algum povo principalmente no dia vinte e três de Agosto que hé ocasião em que o juiz do conselho e mais officiais delle vem de romagem ao mesmo Bom Jesus a que chamam procissão geral fazendo preces com as onze cruces do concelho a que acompanha hum clérigo cantando a ladainha e se observa esta procissão por tal sorte que se hé o rol das freguezias condenando as casas adonde não vier huma pessoa dellas, porém, também não só nesta mesma ocasião vem povo do mesmo concelho chamado de Terras de Bouro, mas também por sua devoção concorre do concelho de Santa Martha de Bouro, mais ainda do couto do Souto. Na capella de Nossa Senhora de Codeseda não tem romagem certa hé só colhendo-se os frutos da freguezia vão todos fregueses della dar graças à mesma Senhora.

15 – Colhem os lavradores desta freguezia milho, centeo, feijão, milho meudo, castanha e vinho, porem, só de milho e centeo a maior quantidade que os mais frutos hé em pouca abundancia, também se colhe alguma fruta mas muito pouca e roim.

16 – Tem juiz ordinario o ditto concelho de Terras de Bouro, que comprehende as referidas onze freguezias e dous vereadores e seu procurador. Hé hum juiz com jurisdição no cível e crime feita a eleição na forma da Ordenação asestindo a ella o corregedor da commarqua de Vianna e na falta delle o juiz que finda tem coatro escrivaees que escrevem também no couto de Souto e hum delles alternadamente hé escrivão da camera no concelho de Bouro e as causas que correm deante do juiz vão apeladas à ouvidoria de São João de Rei adonde hé ouvidor Manoel de Azevedo Sá Coutinho, este mesmo hé donatario do concelho de Bouro dos coatro tabeliaes que apresenta.

17 – Hé concelho e tem sua caza em que se fazem as audiencias no lugar de Sequeirós, freguezia de São Tiago de Chamoim a que chamam foral.

18 – Nam há memoria de que sahissent santos beatificados, pessoas algumas desta freguezia, nem tam pouco algumas por letras ou armas de que possa haver memoria.

19 – Não tem feira.

20 – Não tem correio. Serve-se do correio de Braga que dista desta freguezia cinco legoas e de Braga a Lisboa sesenta e parte o dito correio na Sexta e chega no Domingo.

22 – Tem este concelho de Terra de Bouro o privilegio de se não fazer nelle soldados, concedido este conforme informação que se me deu pelos senhores Reis de Portugal Dom Dinis e Dom Manoel que Deos Santa Gloria haja, o quoaal privilegio delle se aproveitam os do concelho de Santa Martha de Bouro, que estes também tem o mesmo nome e os do couto de Souto, isto por contrato honoroso em que se obrigaram a defender à sua custa a Portella de Homem com todo o necessario para segurança do inimigo.

23 – Não há fonte de especial virtude, nem lagoa de que se possa fazer menção.

24 – Nam hé porto de mar.

25 – Nam hé freguezia murada. Tem sim hum muro na Casa da Guarda chamado o Corpo da mesma guarda e outros lhe dão o nome de Trincheira, reparado há pouco tempo. E este hé o lugar adonde os concelhos de Terra de Bouro, Santa Martha de Bourro, couto de Souto fazem o seu corpo da guarda.

Não tem torres, nem castellos, porém proximo ao dito muro distancia de meio quarto de legoa se acham penhas de bravos penedos tam fortissimos e inexpugnaveis à maior violencia dos inimigos e logo ao pé da mesma Trincheira está huma caza que serve de recolhimento aos que guardam a passaje e passando a via militar da Geira entre a dita

Trincheira e a Portella de Homem está hum muro aruinado por ser mudado este para melhor furtificação no sitio onde de presente se acha.

26 – Não padeceo ruina alguma no Terremoto de mil setecentos e cincoenta e cinco, nem tam pouco as terras de que tenho conhecimento.

Serra

1 e 2 – Chama-se do Gerez, terra montoosa e brava de comprimento seis legoas e corre do Oriente athé entrar nas primeiras povoaçoens a que chamam Barroso. Nestas seis legoas não há povoação, nem cultura mas tem algumas campinas. Cortando de Norte a Sul dêa a freguezia de Vilar da Veiga athé entrar em São Paio do Araujo no Reino da Galliza, coatro legoas. Desta serra sahe um braço que corre pera a parte do Poente e Norte e vai por Lindoso à Senhora da Peneda este braço da serra em Galliza corta o famoso rio Lima na freguezia de São Salvador de Manim.

3 – Os nomes dos principaes braços della são muitos como bem a saber: Costa do Barrosão, Chão da Fonte, Chão de Lionte, Lamas de Homem, Portela de Homem, Borrageiras, Cabril tudo isto no Reino de Portugal. Em Galliza Mouroazes, Senhora do Gerez que hé huma capella que fica no alto da serra e outros mais que por serem no Reino de Galliza não tenho conhecimento.

4 – O principal rio della hé o Homem, que nasce em huma lagea no centro da mesma serra. Corre este huma legoa de Nascente a Poente incorporando em si muintas fontes e bem a cahir a Cham de Homem, aqui volta a corrente de Norte a Sul e corre mais apresado e furioso porque no espasso da mesma legoa recebe agoas de quinze regatos, nove de Nascente e quatro de Poente, digo, os regatos são só treze. Neste sitio da Portella de Homem passa o dito rio a via militar coatro vezes adonde se achavam coatro pontes romanas primorosamente obradas chamadas ponte de Monção, ponte do Arco, ponte de São Miguel, ponte de Albergaria, as coais a meu parecer foi obra de Vespasiano quando abriu a dita via militar que de Braga caminha para Astorga. E caminhando o dito rio por hum sitio chamado Palheiros

recebe agoa de outro regato assim chamado, o qual nam tem ponte nem os de cima pois só aparece os alicerces dellas com rezão de que no tempo das Guerras com Castela se demoliram com o receio do inimigo e levando o seu curso pello Cham de Linhares que hé huma planice que terá de comprimento pouco mais de coarto de legoa e sempre entre penedos bem cahir proximo do lugar de Vilarinho de Furnas, aqui recebe agoa deste rio também com o nome de Furnas o coal terá de comprimento huma legoa sempre por terra despenhada correndo pela parte do Oriente do dito lugar para o Poente. Todos estes rios criam truitas, porém o chamado Homem cria também vogas e escalos athé junto donde estavam as duas pontes e dahi para cima só truitas excepto meio coarto de legoa ao principio das suas origens e asim unido com o rio Homem fenece em a freguezia de São Vicente de Vico, incorporando-se com o Cavado que em algum tempo se chamou Cellano.

E nesta freguezia de frente da residencia nascem três regatos hum delles chamado Cerdeira, cendo sua origem pera o Sul, outro chamado Fonte a Mão com o seu principio no Nascente e outro de São João com o seu principio pera a mesma parte juntando-se na Veiga de São João. Passam a ponte dos Eixõens ou das Rodas, tomando aqui este nome correndo arebatadamente distancia de huma legoa se junta com o Homem na freguezia de São Thiago de Chamoim em o sitio chamado Porto Ribeira. E não tem propriedade alguma suas agoas athé este lugar. Cria trutas e escalos.

5 – Não tem villas nem lugares em parte alguma delle.

6 – Há varias fontes sem propriedade alguma. Só sim pella informaçõ que me deu o padre Joseph de Matos Ferreira, meu parochiano que foi que no alto da serra Amarella adonde os Arcebispos de Braga tinham a sua Caza da Neve havia huma fonte tam frigidissima que ninguem se atrevia a dillatar a mão nella por espaço de huma Ave Maria sem que a mão ficasse paralizada, como em algumas pessoas tinha por atrevidas sucedido.

7 – Nam há minas de metais nem de matrial algum. Só algumas canteiras de pedra naturalmente feitas e outros varios feitios que parece artificiosamente obradas. Porém tudo de pedra muito brava e dura.

8 – Hé esta serra do Gerez abundante de muintas penhas e nos altos cabeços de monte com varias campinas ao pé delles que criam ervas em abundancia adonde os agricultores trazem os seus gados a pastar a maior parte do anno. Hé juntamente povoada a dita serra de muitas arvores silvestres com bem a ser carvalhos, cerquinhos e verinhos e alguns pinheiros que nam são dos mansos nem dos que chamamos bravos, pois criam huma folha muinto miuda; há também teixos, medronheiros, azereiros, pradeiros, vidueiros, aveleiras e outras que parecem platanos e algumas figueiras mas piquenas, ciprestes mas não cresce muito, pereiras, cirijeiras, macieiras, ameixeeiras o que tudo produz fruta silvestre.

Cria erva a que chamam molar e outras muitas às coais se não sabe o nome. Só se tem conhecimento de vetonica que hé excelente com hum cheiro admiravel. O mesmo padre Joseph de Mattos Ferreira me tinha ditto, pois este foi o que explorou os lugares mais desertos desta serra, que havia huma erva de imitação de baldroegas que posta nas pessoas que padeciam do figado de repente as curava e outra que pizada em quem tinha verrugas instantaneamente desapareciam o que experimentou em hum seu criado que a arte dos cirurgions não pode remediar, há também alhos mais pequenos, morangos, outra fruta que nasce em humas ervas de pouca altura que perdem a folha a quoa dá um fruto que chamam arandos de muinto bom gosto huns brancos e outros pretos e o fruto de tamanho de uvas medianas, violeta brava. Não hé esta serra cultivada, porem, me dizem que em algum tempo se deitava fogo ao monte adonde cavada a terra semeavam centeo.

9 – Nam há mosteiros, igrejas de romagem ou imagens milagrosas.

10 – Hé o seu temperamento frigidissimo, portanto são poucos os meses do anno sem que nos mais altos della deixe de cair neve.

11 – Há nella muitas criaçoens de gados vacuns, cabras e carneiros mas são pequenos. Hé também abundante de perdizes, coelhos. Tem algumas levres, javaliz, lobos os maiores que se criam por estas partes, teixugos, raposas, cabras bravas de extremada grandeza de que poso ser testemunha de huma que nesta rezidencia se me aprezentou, veados e outros lhe chamam corssos, mas pequenos; águias com excesso grandes pois estas arrebatam em suas garras os novos

cabritos. O mesmo padre me deu por noticia que em hum lugar da serra no anno de mil e seiscentos e cincoenta, em hum sitio chamado a Quelha da Urça se matara huma destas feras ao que dou credito em rezão de eu ocularmente ter visto alguns ou varios rapados de altura mais de quinze palmos e outros por cima de penedos por causa desta fera destruir os cortiços das abelhas os coais levando-os ao rio nos braços e afogadas lhes lhe comiam o mel. Também me deu por noticia que Lucas Gonçalves, homem rustico e grande caçador matara um bicho o qual levou aos religiosos Bernardos e estes o conheceram por tigre e Francisco Domingues meu fregues, achando-se junto das Caldas do mesmo Gerez de que logo darei noticia viu hum bicho morto que mataram huns caçadores, o qual bicho, o muito povo que nas Caldas se achava não souberam conhecer, o fucinho de jabali, mãos de gato do tamanho de hum grande cão com varias listas ao cumprido por todo o corpo, humas azuis escuro e outras pretas o que succedeo ainda à poucos annos. Também há lobos cervais que estes não comem a carne dos animais que matam só lhes chupam o sangue conforme a informação que se me deu. E no alto das Borrageiras se cria huma casta de perdizes a que chamam charrelhas mas pequenas da mesma sorte açores, bufos, corujas, minhotos e não há cegonhas.

E hé esta serra munto capaz de criar estas caças, porquanto em humas partes se não pode subir em rezão da grande iminencia da munta altura e lhes ser difficil a subida, em outras, ainda que planas o munto fragueado sem ordem pera poder admitir caminho e os outros o riguroso frio do mais sutil vento que na maior parte do anno continuamente está soprando.

Os mais altos desta serra são Chão da Fonte, Cabril, Borrageiras e destes sitios se descobrem varias terras conforme a noticia que me tinha dado o dito padre que bem a ser do alto de Borrageiras se vê terras de Vianna, Barcelos, Ponte de Lima, terras de Braga, de Guimaraens, de Amarante, Vila Real que distam ao de mais longe doze a quinze legoas. Também se vê terras de Galiza, distancia de oito e nove legoas. E ainda que as Caldas do Gerez senão achem no distrito desta freguezia mas sim no do Villar de Veiga darei contudo a noticia que dellas souber.

Sem embargo de serra do Gerez ser frigidissima, contudo se acham os banhos pera os enfermos em lugar bastantemente calido

porque naquele sitio se está fora mais acomodado em terra plana, poderia haver todo o genero de frutos que bem o mostra alguma porção de terra reduzida a agricultura.

São estas Caldas, segundo a informação que tenho, as melhores do Reino, adonde concorre gente de varias partes e ainda da cidade de Lisboa, achando pera tudo comodo bastante e não são muntos os annos que começaram a ter fama, por coanto a gente que a ellas vinha se acomodavam por barracas. E hé padroeira dellas a milagrosa Virgem Santa Eufemea que perto daquelle sitio padeceo o martirio. Era filha de Caio Atilio e sua mulher Calcia, foram nove as irmas e todas nascidas daquelle felicissimo parto e todas santas batizadas por Santo Ouvidio, Arcebispo de Braga. E foi roubado o corpo desta Santa por Pedro Siquilio, Bispo de Orensse, Reino de Galliza e se acha colocado o corpo da dita Santa em hum dos altares coleterais da mesma Sé de Orense.

12 – Nam tem lagoa, mas sim tem na serra da Amarella hum grave fojo que parte com Lindozo e caça muintos lobos e jabaliz.

O Rio

1 – Fiqua dito a origem do rio Homem que nasce na lagoa chamada Lamas de Homem.

2 – Nasce logo caudalozo e corre todo o anno.

3 – Fica dito os rios que entram nelle.

4 – Nam hé navegavel, nem capaz de embarçoens, apenas em algum pequeno tanque poderá atravessar hum barco não indo elle com a maior inundação.

5 – Hé de curso arebatadissimo em toda ou quasi toda a sua distancia, de tal sorte, que os mesmos javaliz se acham mortos muntas vezes pellas suas margens.

6 – Corre na sua origem como se dice de Nascente e Poente e chegando a Cham de Homem volta a corrente de Norte a Sul.

7 – Cria como já dice truitas, bogas e escalos, mas isto se entende dê que o dito rio vem caminhando duas legoas e meia, pouco mais ou menos e toda esta variedade de peixes hé em abundancia e igoal quantidade. As trutas são excelentes gosto, como também os mais e são pequenos porque me disse pessoa de quem posso fazer confidencia que no discurso de trinta annos que pescaria no rio nunca caçara truita maior que dous palmos, nem boga ou escalo maior de palmo. Tudo isto se entende athé chegar à freguezia de São Thiago de Chammoim aonde se encorpora com o rio das Roda, chamado Porto Ribeira, como acima se dice, distancia da sua origem coatro legoas pouco mais ou menos, porquoanto daqui para diante pesca-se nelle truitas, bogas, escalos, truitas marisquas, iris, relhos, salmons, enguias e pouco mais abaixo lampreas.

8 e 9 – Não há pescarias só algumas poucas redes de arco se armam os rapaces caneiros de varas de salgueiro o que pescam quando o rio não corre com a maior inundaçãõ. E não há pesqueira alguma de algum senhor particular.

10 – Suas margens se cultivam pouco que a bem a ser, Cham de Linhares e Currolos e daqui para cima athé a sua origem não faltam carvalhos, medronheiros, pereiras bravas, azereiros e alguns freixos.

11 – Não tem virtude particular em suas agoas e são frigidissimas.

12 – Sempre conserva o mesmo nome, nam há memoria que em outro tempo o tivesse diverso.

13 – Fenece este rio em São Vicente do Bico, distancia de sua origem oito legoas pouco mais ou menos. E chegado a esse sitio se encorporam com o Cavado que sem embargo deste ser mais abundante de agoas o Homem como mais valente o faz retroceder.

14 – Todo este rio hé arabatado com grandes cachoeiras. Tem huma levada com que os lavradores de Vilarinho regam os seus campos e nem lhes faz perjuizo ao ser navegavel porque o dito rio o não admite.

15 – No sitio desta freguezia se acham coatro pontes todas no rio Homem a saber: junto ao lugar de Vilarinho de Furnas a ponte do Couço feita de cantaria; na Cham de Linhares outra chamada Ponte de Cham, junto ao extremo de Galiza huma de pao chamada Alvergaria. Neste sitio estava em algum tempo huma de pedra, obra dos Romanos que foi demolida com as outras três, como já se dice. Tem mais sim outra de pao também junto ao dito estermo chamada ponte da Portela e no lugar de Vilarinho tem outra de pedra que ha poucos anos foi obrada pela qual passa o rio de Furnas. E no rio da Roda que passa proximo a esta residencia tem outra chamada dos Eixoens também obra nova por onde passava a via militar que algum tempo teve outra de pedra obra romana que hum grande madeiro arruinou.

16 – Tem o rio Homem cinco moinhos, isto se entende dentro desta freguezia e no rio de Furnas da mesma freguezia se acham doze e no rio de Rodas da mesma freguezia cinco e não tem lagares de azeite, pizoens, noras, nem engenhos.

17 – Não há memória de que no tempo presente se tirasse ouro de suas areas, nem tão pouco no passado.

18 – Livrementemente uzam os povos de suas agoas pera cultura dos campos sem pensão alguma.

19 – Principia o rio Homem como já disse, em Lamas de Homem chega ao lugar de Vilarinho desta freguezia continua por São Paio de Carvalheira vai correndo por terra de Spirito Santo de Brufe, São Tiago de Chamoim, Santa Marinha de Villar, Sam Mamede de Sibões, S. Mamede de Gondoriz, Santo Andre de Moimenta, Sam Salvador de Valdreu, Santa Marinha de Chorense, São João de Balança, São Martinho de Balbom, Sam Matheus da Ribeira, S. Pedro de Balbom, São Miguel de Paçô, São Salvador de Souto, Santa Marinha de Oriz, S. Miguel de Oriz, São Paio de Siqueiros, acho que são os sitios por onde passa o rio de que tenho noticia pois me fica em distancia de três legoas. Sei sim como já dice morre o dito rio em Sam Vicente do Bico onde se une com o Cavado que dista à sua origem oito legoas.

Esta igreja de São João de Campo que se acha proxima à residencia teve algum dia o seu principio na veiga de São João da qual foi

mudada para o lugar donde se acha pela informação que me deu o dito padre o qual dizia a assentaram naquele sitio os cavaleiros Templarios e ainda hoje se acham no mesmo sitio paredes e tijolos tudo proximo à via militar por donde se acham quantidade de padrons de pedra, huns inteiros e outros levantados com seus caracteres que odito padre copiou com a declaração do que deziã que remeteo ao Dom Jeronimo Contador de Argote dando noticia de toda estrada que pessoalmente andou athé chegar à cidade de Lugo do Reino de Galliza.

Fim

Fiz toda a diligencia que me foi possivel para responder aos interrogatorios tudo o que neles se me mandava com toda a veneraçã respondo não como a minha vontade desejava para por tudo com esta clareza e vão conforme a minha capacidade e por mim declaro que não indo com aquella clareza e aliás perfeição que se deve não hé por minha omissão ou falta de diligencia, porém sim por alguma equivocação.

E assim com a ampla vontade e como mais obrigadissimo estou prompto para que nos termos em que seja nessessaria alguma declaração ou diligencia que pesoalmente faça estou prompto e tomando por alívio e honra para tudo o que se me mandar.

São João do Campo e Maio, 9 de 1758.

Vão assignados os dous parochos meus vezinhos, a saber, abbade de São Paio de Carvalheira e vigario de Santa Marinha de Cobide.

Abbade Antonio Pereira Bacellar

O vigario Antonio Rodrigues de Sousa

O abbade Custodio Joseph Leite

Referências documentais do ADB/UM:

- *Tombo da Igreja*, 1540, cx. 239, n.º 3; 1768, Livro 188, fl. 17v;
- *Obrigaçã à fábrica da Capela de S. Sebastião*, 1718, Livro 45, fl. 136;
- *Obrigaçã à fábrica da Capela de Santo António*, 1617, Livro 28, fl. 70v.

CARVALHEIRA

IAN/TT – *Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso*
Vol. 9, memória 174, p. 1191 e ss.



Igreja Matriz de Carvalheira.

Interrogatorios que Sua Magestade que Deos guarde, o Senhor Dom Jose primeiro mandou remeter ao Provisor de Braga para que este mandasse aos parochos deste Arcebispado.

Aos dezoito dias do mês de Março de setecentos e cinquenta e oito annos, me foi entregue huma ordem ambulatoria com vinte e sete interrogatorios [para que respondesse a cada hum delles o que convinha] ^(a).

Ao primeiro respondo que fica esta freguezia de Sam Paio de Carvalheira, Entre Douro e Minho, hé pertencente ao Arcebispado de Braga, comarca de Vianna, concelho de Sequeirós.

^(a) Memória em muito mau estado a dificultar a leitura.

Ao segundo respondo hé esta igreja data da Mitra de Braga e nam de donatario.

Ao terceiro respondo na mesma igreja dezassete vizinhos (*sic*, por fogos ou casais?) [...] quatrocentas pessoas de sacramento.

Ao quarto respondo estar esta igreja situada em hum monte muito bem alto e della se descobre munta povoaçam de que nam sei dar relaçam [...] distancia de quatro legoas.

Ao quinto respondo que nam há termo nesta igreja.

Ao seisto respondo que esta parochia está no meio do lugar e tem cinco lugares – o primeiro hé este de Carvalheira onde a igreja está cituada; o segundo Paredes, o treceiro hé Cabaninhas, o quarto hé Ervedeiros, o quinto hé Infesta.

Ao setimo respondo que o orago hé Sam Paio e tem a igreja quatro altares, o primeiro hé o do Santissimo Sacramento, o segundo o de N^a Senhora do Rozario, o treceiro o do Nome de Deos, o quarto hé o de St^o Antonio. E nam tem naves. Tem a irmandade do Nome de Deos e a de N^a Senhora.

Ao oitavo respondo que o parochio hé abbade da apresentaçam pella Mitra de Braga. Tem de renda oitocentos mil réis para um conto, do qual se paga a hum beneficiado em cada anno duzentos mil réis cujo beneficiado se chama Joam Antonio Pereira de Castro Gomes Abreu, *in quocunque statu* e por Bullas Apostolicas. E neste interrogatorio respondi ao nono.

Ao dessimo respondo que nam há convento, nem hospital, nem caza de misericordia.

Não tem resposta a undecimo e duodecimo.

Ao decimo terceiro respondo que tem esta freguezia quatro ermidas ou capellas. A primeira no lugar de Paredes Sam Caetano e está situada na entrada do lugar, hé pertencente aos moradores do mesmo.

A segunda hé de Sam Pedro no lugar de Cabaninhas, hé pertencente aos moradores e está situada na entrada do sobredito lugar. A terceira hé de Santa Barbara [à entrada] do lugar de Ervedeiros, pertencente aos mesmos moradores. A quarta hé de Sam Sebastiam situada no lugar de Infesta à entrada do lugar, e fabricada pello abbade da freguezia e também tem esta igreja anexas Santa Marinha de Covide e o Spirito Santo de Brufe e fabricadas pello abbade de Sam Paio de Carvalheira. Em todas se canta huma missa no dia do orago e alguma gente concorre a ella da freguezia e vezinhas. [Neste interrogatorio se responde ao desimo quarto].

Ao decimo quinto respondo que os frutos que os moradores colhem em maior abundancia hé milham e senteio e vinho e feijam, pouco azeite e trigo também pouco. As frutas em alguns lugares se colhem ordinarias peras, maçans [...] isto só no lugar de Infesta e Cabaninhas e nos mais por altos se colhe alguma pera de amorim e alguma castanha em alguns annos em abundancia.

Ao decimo sexto respondo que há juiz ordinario e camara os quoaes elege o corregedor da comarca de Vianna de três em três annos e há quatro escrevaes isto se entende no sobredito concelho os elegem desta freguezia.

Ao decimo setimo respondo que hé do concelho chamado Sequeirós – Terras de Bouro.

Ao decimo oitavo, nam sei que ouvesse pessoa alguma que floreira em algumas das Virtudes, Letras ou Armas.

Ao decimo nono que nam tem feira nesta freguezia.

Ao vigesimo respondo que esta freguezia e concelho nam tem correio, porém serve-se do correio da villa da Barca que dista desta freguezia três legoas, o qual parte na Quinta Feira e entra na mesma Quinta Feira.

Ao vigesimo primeiro respondo que esta freguezia dista da cidade de Braga, capital do Arcebispado cinco legoas e da capital do Reino que hé Lisboa sessenta e quatro legoas.

Ao vigesimo segundo respondo que este concelho tem só hum contrato feito com os senhores principes de Portugal de defenderem à sua custa a Portella de Homem a que chamam privilegio e nam dão homens para outras praças.

Ao vigesimo terceiro responde que nesta freguezia nam há fonte, nem lagoa se descobre digna de memoria. Só em Santo Antonio de Villar da Veiga, comarqua de Guimarães há três fontes com seus tanques cubertos para tomar banhos a que chamam as Caldas do Gerez aonde concorrem muitos homens e mulheres infermos em Julho, Agosto e Setembro adonde há medico e sirurgiam aos quoaes dizem que Sua Magestade que Deos guarde paga e capella de Santa Eufemia com seu capellam e tudo situado de casas e comodos para se alugarem a quem nellas quiser adestir, adonde andam dous homens com huma cadeirinha levando os enfermos ao banho.

Ao vigesimo quarto respondo que nam tem porto de mar.

Ao vigesimo quinto que nam tem muros, nem torres, nem praça de armas. Só na freguezia de Sam Joam do Campo que parte com Galiza há huma Caza de Goarda deste concelho e outra do de Santa Martha de Bouro que tem preparada huma trincheira velha para defenderem a Portella de Homem pello contrato asima dito.

Ao vigesimo seisto respondo que nam há memoria que nesta terra ruina alguma no Terremoto de 1755.

Ao vigesimo setimo que nam há mais couza digna de memoria alem do que consta dos interrogatorios.

Declaro o como se chama a serra e do que nella há.

Serra da Carvalheira que principia da banda de quá (por cá) do rio, them de comprido the à povoaçam do logar de Vilarinho, freguezia de Sam Joam do Campo huma legoa e seus arvoredos são carvalhos. E tem a sua caça são perdizes e coelhos e rapozas e alguns [...] e

porcos bravos [...]. Chama-se a esta serra em que vivo a serra Amarella e costa de Brufe por donde corre sempre hum rio caudolozo que em partes se mete por debaixo da terra e penedos a distancia de curso de huma espingarda, chamado este sitio o Pontido, o qual rio tem huma ponte de esquadria por onde passam os moradores desta freguezia a cortar lenha da giesta e urze para seu remedio. Não hé rio que nelle se navegue por causa dos penedos e rochas que tem ao longo desta freguezia adonde nascem duas lagoas e nasce em Lamas de Homem na Nacente e vem correndo o Poente e se junta com o rio Cavado e vila de Tamel em distancia de quatro legoas ao longo e de largo em partes quatro vracas; o pescado são bogas e escalos.

E nesta serra pastam os reixelos manços e cabras dos mesmos labradores e bacas as quais dão muita abundancia de manteiga para seu remedio.

Nam tem villas, está no destrito della há o lugar de Villarinho de Furnas, povoado com trinta vezinhos, situado entre estas duas serras.

Nam há minas de algum metal. Há nestas serras muinta [...] se faz muito carvão.

Nam há nella mosteiros nem imagens.

Hé muito fria e a maior parte [...] coberta de neve.

Há nella em algumas [...] de cabras e reixelos bravos [a pastar e livres].

Nam há neste citio em que vivo, lagoa, [há] porém alguns fojos [...] da Portella como declarei.

Declaro que a respeito dos interrogatorios dos rios ou [...] tudo asima declarei e não tenho mais que declarar o que tudo descrevi bem e fielmente com verdade como fiel capellam de Sua Magestade a que Deos Nosso Senhor guarde por muitos e dilatados annos. E assignei em

Sam Paio de Carvalheira, de Abril vinte e oito dias do mês e na era de setecentos e sincoenta e oito.

O abbade António Pereira Bacelar.

Vai confirmado e comferida pello vigario da minha anexa do Spirito Santo de Brufe, Domingos Carvalho e pello reverendo abbade de Chamoim, José Coelho da Silva.

O vigário Domingos Carvalho

O abbade Jozé Coelho da Silva.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Obrigaçãõ à fábrica do Santíssimo Sacramento*, 1728, Livro 101, fl. 175;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Capela de S. Caetano*, 1688, Livro 40, fl. 37;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Capela de S. Pedro*, 1682, Livro 32, fl. 153v.

CHAMOIM

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 10, memória 288, pp. 1981 a 1993



Igreja Matriz de Chamoim.

Pella ordem que emanou de Sua Magestade que Deos guarde, remetida a esta igreja pello reverendo Doutor Provizor do Arcebispado Primaz, para se responder aos interrogatorios de tudo o que nelles se faz menção estes ficaram em meu poder que reverentemente aseitei, expondo com toda a verdade e clareza possivel tudo o que se me oferece dizer e hé o seguinte:

1º – Acha-se esta freguezia situada na provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, comarca de Vianna e concelho de Terras de Bouro.

2 – E hé donatario delle, Luis Manoel de Azevedo Sá Coutinho, cuja assistencia do dito donatario hé em São Joam de Rei.

3 – Item esta freguezia com avocação de Sam Tiago de Chamoim, fogos ou vizinhos cento e quatorze, item de pessoas coatrocentas e setenta e cinco.

4 – Está esta mesma freguezia em hum valle, junto do rio Homem à parte do Sul em hum lugar chamado do Assento, adonde rezidem os proprios parochos com oito vizinhos proximos a ella e por causa de ficar ao pé do monte se nam descobre mais do que a freguezia de São Mamede de Siboins, parte da de São Paio de Carvalheira, parte da de Sam Mamede de Gondoriz e parte da de Santa Marinha de Villar e parte da de Santa Marinha de Covide e parte do Espirito Santo de Bruffe, que tudo em ambito poderá ser ao muito três legoas.

5 – E a mesma freguezia hé do concelho de Terra de Bouro como assima já dice e nam hé termo, hé só concelho que compreende onze freguezias.



Capela de S. Lourenço
no lugar de Padrós, Chamoim.

6 – A parochia está no lugar do Assento como assima se dice, tem oito lugares. O primeiro do Assento, com oito vezinhos; o segundo da Carreira, com coatro vizinhos; o terceiro da Lagoa com vinte e dous; o quatro o de Sequeirós com vinte e seis vizinhos; o quinto Pergoim com vinte vezinhos; o sexto Padrós com quatorze vizinhos; o setimo Santa Comba com dez vezinhos; o oitavo Felgueira, com nove vizinhos.

7 – Hé o seu orago S. Tiago de Chamoim, como assima se declara. Tem coatro altares: o da capella maior o mesmo orago, o altar da parte da Epistola do Senhor Crucificado, do Evangelho Nossa Senhora do Rosario e da mesma parte o de Sam Gonçalo. Nam tem naves, nem irmandades, mas sim confradias: a primeira do Santissimo Sacramento que foi instituida a cinco de Abril do anno de mil e seiscentos e seis, sendo Arcebispo Dom Frei Agostinho de Jesus e abbade Antonio da Fraga, a segunda Sam Gonçalo e a terceira a do Subsino.

8 – Hé o proprio parocho abbade da dita igreja e de colaçam ordinaria, com alternativa com Sua Santidade, vagando nos seus meses e nam hé padroado. Tem de renda quinhentos mil réis que assim foi lotada para Roma há pouco tempo na renuncia que della se me fez.

9 – Nam tem beneficiados.

10 – Nam tem conventos.

11 – Nam tem hospital.

12 – Nam tem casa de misericordia.

13 – Tem três capellas. A primeira de Nossa Senhora da Conceiçam, a qual se acha proxima ao lugar de Sequeirós e só no dia da Senhora vem algum povo de romaria; a segunda de S. Bartolomeu, sita no lugar de Pergoim e no dia do Santo vai gente de romaria de varias partes; a terceira de São Lourenço sita no lugar de Padrós adonde acode algum povo mas nam em muinta quantidade. A primeira de Nossa Senhora a fabricam alguns moradores do mesmo lugar de Sequeirós, a segunda fabricam os abbades de Chamoim e de Sam João do Campo, a terceira os moradores de Padrós.

14 – Só nos dias dos Santos como fica dito é que a gente vem de romaria.

15 – Produz esta freguezia pellos lugares que estão ao pé do monte, milham, senteio, trigo, painço, milho albo, vinho, azeite, feijam, castanha, fruta de espinho muito boma, peras, maçans e figos e nozes e ameixas e serejas, meloins e melancias e toda a mais hortalice. E de todos os frutos asima mencionados a maior abundancia bem a ser milham, senteio e vinho. Os lugares que ficam no monte que são Padrós, Santa Comba e Felgueira em pouca distancia, só produzem milham, senteio, painço, milho miudo, vinho, feijam, castanha, alguma fruta sem ser de espinho, porém fraca como também o vinho muinto verde. A maior abundancia hé milham e senteio.

16 – Tem juiz ordinario no civel e crime este hé feito por pelouro em que preside o corregedor da comarca e também para os mais ofeciais que são dous veriadores e procurador e das sentenças do juiz se apela para o donatario ouvidor de Sam João de Rei, Luis Manoel de Azevedo Sá Coutinho que hé o que apresenta coatro tabaliains do dito concelho de Terras de Bouro.

17 – Nam hé couto, porém a caza onde se costumam fazer as audiencias hé no lugar de Sequeirós adonde vem tratar de suas cauzas onze freguezias que tanto compreende o dito concelho.

18 – Nam há memoria de que florescessem ou dela saissem homens insignes em letras ou armas e nem tidos por santos ou beatificados.

19 – Nam tem feira.

20 – Nam tem correio, mas sim se serve do de Braga que fica em distancia de coatro legoas.

21 – Coatro legoas são as que dista desta freguezia a cidade de Braga e de Braga a Lisboa secenta.

22 – Tem este concelho hum privilegio concedido pellos senhores Reis de Portugal pera nelle se nam fazerem soldados nem darem

Apesar da chegada há pouco tempo à paróquia de Chamoim onde diz ter chegado a 11 de Janeiro de 1758 — escreve esta Memória a 29 de Abril do mesmo ano — o recém-chegado abade José Coelho da Silva

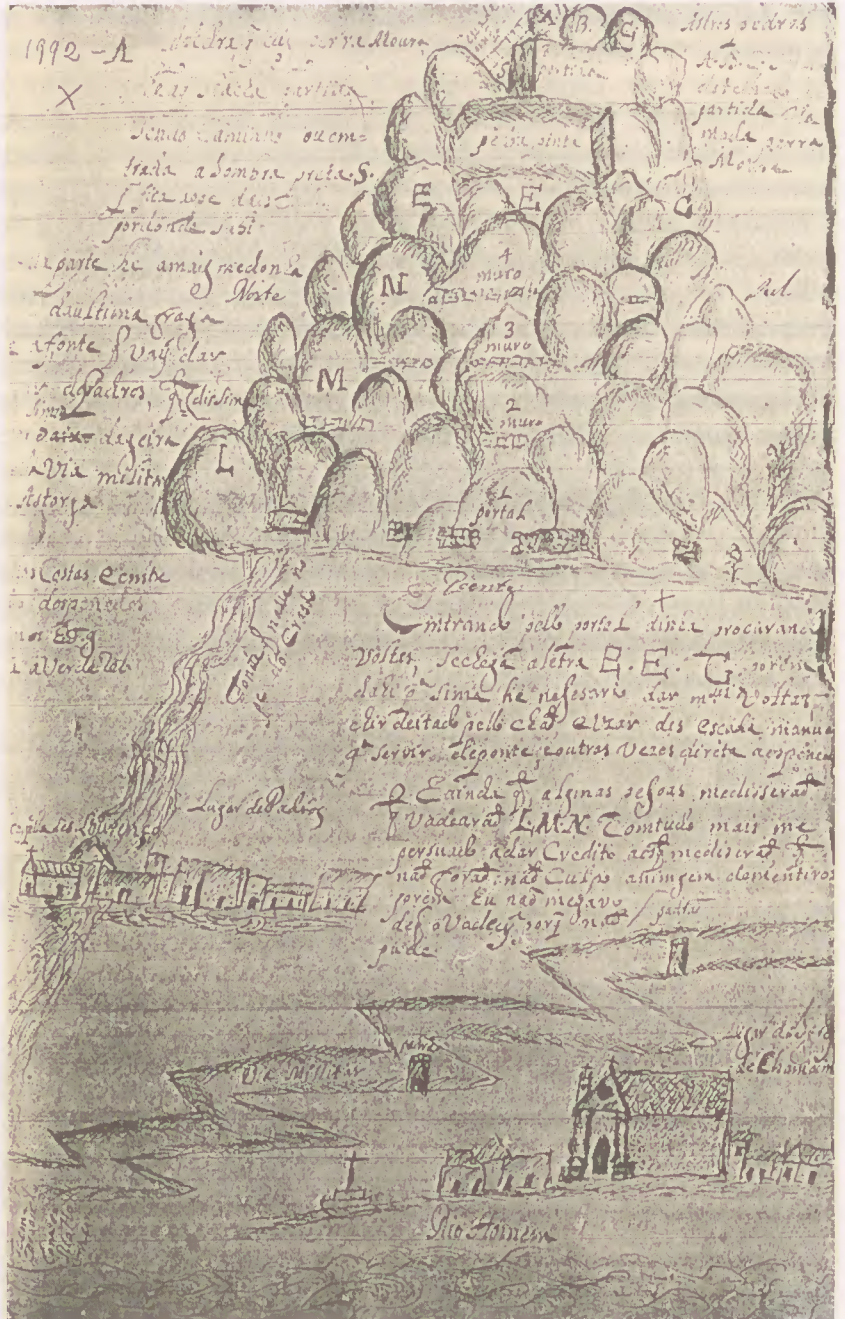
fornece-nos uma das Memórias mais completas e interessantes do concelho e até do Arcebispoado, de quantas já conhecemos.

O pároco em estreita obediência ao mandato impresso tratou de recolher as informações e verificar *in loco* o que havia a informar.

Para dar mais firme informação das antiguidades e arqueologia da paróquia não deixou de subir ao Monte Crasto a vistoriar a «fortaleza» de que nos deixa uma descrição interessantíssima acompanhada da «efigie» do desenho-esboço do Crasto e de todos os lugares da sua paróquia, do traçado da Geira com seus marcos miliares e do rio Homem. Até ao momento é o único desenho que conhecemos a ilustrar uma Memória escrita descritiva das paróquias. Descreveu em pormenor as pedras, as estruturas, os circuitos da fortaleza; registou-lhe os restos de brelhos e tijolos que pôde descobrir, percorrendo-lhe todos os espaços com o apoio de escadas e rastejando «de gatinhas».

Está presente certamente a vontade de contar e descrever com rigor, mas certamente está patente também a curiosidade científica modelada pela sua cultura que o leva a atribuir, tão rude residência, certamente à «nação bárbara dos Maometanos», de que comunga provavelmente o povo da paróquia e cuja lenda perdurará.

A grandeza do território da fortaleza exprime-se também na sua altitude. Posição altaneira e por elas das vistas que alcança, que é como quem diz, das terras que domina que se alargam em todas as direcções, 8, 9, 10, 15 e quase 20 léguas em direcção a Viana, Monção, Montalegre, Marão e Vila Real, Amarante, Braga, Vila do Conde até quase a Aveiro!



palha, nem verde em rezam do mesmo concelho se obrigar a defender à sua custa a Portela de Homem com polvora e vala e tudo o mais necessario pera defesa da dita Portela.

23 – Nada.

24 – Nada

25 – No mais alto do monte, por cima da Geira que de Braga caminha pera Astorga, caminho da via militar, se acha hum pinhasco distante desta residencia três coartos de legoa a quem os moradores desta freguezia chamam Crasto, feito este pello Autor da Graça e Natureza, Christo bem nosso, que terá de circumferencia mais de meio coarto de legoa levantado no mais eminente da serra por sima do lugar de Padrós com muinta abundancia de penedos, sem ordem porque huns atravessados, outros em pé muinto proximos uns dos outros e diversos todos ou quazi todos na forma.

E de tal sorte compostos que pella parte do Norte se nam pode vadear e risco quem se meter pellas cavernas delles, porque fazendo hum deficultoso labirinto de penedos e por baixo delles medonhas grutas subterraneas porem pella parte do Nacente se pode vadear excepto os ultimos penedos, simalha ou remate da penha, porque a este lugar só com escada manual se pode e com muinto trabalho subir. Porém o meu animo me nam concentio que deixace de explorar tal admiraçam; fui pessoalmente à mais ultima pedra valendo-me da industria de em partes atravessar a escada ao modo de ponte pera passar de huma parte pera a outra, sem embargo da profunda altura que ocularmente se me expunha, caminhando de gatinhas, segundo a frase vulgar mais expressiva, outras vezes com a escada direita e outras dando volta ao redor das fragas por lugares tam angustos que em muntas partes se me dificultava a entrada, porém dando muntas voltas cheguei a ter a felicidade de conceguir o que pretendia. Achei hum penedo a quem os rusticos daquelle lugar de longe deram o nome de Lage Pinta do Crasto. Hé esta toda plana tem de comprimento cento e vinte e seis palmos e de largo sesenta e hum ficando pouco mais acima outro penedo de excessiva grandeza. E ajudado do homem de quem me vali pera a condução da escada que posta esta a outra fraga

de penedo em penedo fui continuando o meu entento adonde achei o ultimo de todos que nam menos antes mais do que o do que asima fica dito se acha este partido pello meio que pella lisura e igualdade da pedra se fizera artificiosamente ficando entre huma e outra a metade cinco palmos de largo cobrindo este caminho ou apartamento três penedos muinto grandes que ao modo de telhado defendem os chuueiros das agoas. Destes se descobre terra de Viana em distancia de oito legoas e a Monçam oito legoas pera a parte do Norte e pera o Nacente se descobre terra de Monte Alegre que são nove legoas. E ve-se juntamente a serra do Maram por sima de Villa Real que são quinze legoas e continuando o Maram para a parte do Sul se descobre terra de Amarante que são doze legoas e outras mais serras que nam achei quem dellas me decem noticia nem eu ter dellas conhecimento em rezam tanto por ellas nam ter andado como também pello pouco tempo que tenho de residencia deste beneficio pois tomei posse em onze de Janeiro deste presente anno.

E pella parte do Poente se descobre a vila de Barcellos, terra de Espozende que são oito legoas e a por do sol se está vendo o mesmo mar e juntamente Braga ou terra della, Vila do Conde que são dez legoas e o que me parece até junto de Aveiro que poderão ser vinte legoas, porém isto se não descobre por terras plainas mas sim entre serras.

E se acha este Crasto em partes com sinal de muro de obra tosca e outras os mesmos penedos lhe servem de fortificaçam. Tem a entrada pella parte do Poente, indicios de hum mal concertado portal e mais por sima outros alicerces de três muros da mesma ordem.

O alto hé bastantemente ameno porque ainda no maior rigor do Estio está cuberto de huma verde relva nacendo nella subterraneamente huma fonte a qual vai sem aparecer por vaixo do fraguedo pera a parte do Norte e só se faz patente tanto que delle hé saída e em todo o tempo continua tanto que favorecida de poucas e limitadas fontes que em distancia de pouco mais de meio coarto de legoa se acha hum moinho que moe grande parte do anno.

Nam achei casas nem alicerces dellas, porem examinando com miudeza e mandando cavar alguma terra pera com verdade dar noticia do que me hé mandado, achei alguns brelhos ou tijolos tam duros mais que da propria pedras. Também achei em huma alta fraga hum buraco feito a picam redondo com largura de palmo e meio e outro tanto de

altura o que tudo parecia ao modo de segurar trave pera outro penedo que fronteiro fica. Nam possa vir no conhecimento que naçam de gente poderia abitar em terra tam fria e dezamparada, só sim a naçam barbara dos Mahometanos no tempo em que estavam senhores de muitas terras desta Provincia. Vai a efigies da penha do Crasto que como esta terra esteja longe de povoados, nam vai com a perfeiçam que devia mas pello modo que foi possivel.

26 – Nam padeceo ruina no Terremoto de mil e settecentos e cincoenta e cinco.

27 – Nada.

Trata-se da serra

1 e 2 – Chama-se a esta serra que fica pera a parte do Sul, Santa Isabel do Monte e principia em o lugar de Santa Cruz, freguezia de Salvador do Souto e corre pera o Nascente duas legoas e meia enthé Santa Marinha de Covide, principio da serra do Gerez por donde continua a via militar que vai pello meio da serra edificada esta via por Vespasiano e por baixo de Felgueiras se acha hum padram com esta inscriçam:

BRAC. AVG.

M. P. XXII

E no atalho de Cabaninhas e Pergoim

DGMVVAL

CICINIANO

CICINLONN

ORI

(Os pontos deram o lugar das letras que com o tempo se acham consumidas).

E terá de largura huma legoa a dita serra.

3 – Nam tem braços pois nam hé como a do Gerez.

4 – Nam tem rios, mas sim quatro regatos que nadem na serra e fenecem no rio da Roda dous e dous no rio Homem tudo destrito desta freguezia. Nam criam peixes pello muinto arevatado das agoas e nam tem propriedade alguma e correm de Sul a Norte.

5 – No destrito desta freguezia nam tem villas, só os lugares já dittos, Felgueiras, Santa Comba e Padrós.

6 – Tem varias fontes, porém sem propriedade alguma.

7 – Nam há minas de metais, nem cantarias de pedras, nem outros metais de estimaçam.

8 – Nam tem plantas, nem ervas medicinais, produz os frutos de comestivel que nos três lugares fica dito no interrogatorio quinze, algumas vezes costumam os lavradores por fogo aos tojos que a terra produz e das sinzas que lhe servem de aduvios semeiam senteio.

9 – Nam há mosteiros no distrito desta freguezia, nem igrejas de romagem só a de Sam Lourenço de Padrós no seu dia como já fica ditto, nem imagens milagrosas.

10 – A qualidade do seu temperamento hé frigidissima tanto dos ares, como por respeito da neve que por muintos dias se dilata.

11 – Tem criaçoins de bois e vacas e cabritos e algumas egoas mas poucas. Há criaçam de perdizes, coelhos e nam há lebres.

12 – Nam tem fojo, nem lagoa.

13 – E nam há mais.

Trata-se do rio

1, 2 e 3 – Proximo a esta igreja pera a parte do Norte corre arevatadamente o rio Homem dois tiros de musquete e de distancia a seu nacimiento mais de coatro legoas tendo o seu principio em huma lagoa

chamada Lamas de Homem donde suponho tumou o seu nome, adonde se criam coantidade de cabras bravas, por ser no centro do Gerez, terra muito aspera e medonha e nam consta que em outras partes se criem os ditos animais.

Parte este distrito com Sam João do Campo e Barroso que hé donde se criam os ditos animais e corendo o rio até à Portella de Homem que devida Portugal de Galliza se lhe ajuntam três rios que vem a ser, rio da ponte do Arco, rio da ponte de Monçam, rio da ponte da Albergaria e mais outro de Sam Miguel, em os quais havia coatro pontes primorozamente fabricadas que no tempo das antigas guerras, os do concelho de Terra de Bouro as demoliram com receio do enemigo, tudo obra romana, por onde passava o caminho da via militar e decendo pella Cham de Linhares, juntando-se-lhe varios regatos chega a Villarrinho de Furnas e junto com o rio da Fecha de Moverra e rio do Forno, rio de Sendra e o de Furnas chega à Porta Ribeira distrito desta freguezia onde se junta o rio da Roda chamado vulgarmente o rio de Pergoim que nace na freguezia de Sam Joam do Campo que vem a ser rio da Serdeira, rio de Fonteamam, rio de Sam Joam o fazem mais soberbo e caudelozo ambos estes por terras arevatadas e bravas penhas correndo todo o anno com agoa em avundancia.

4 – Nam admitem as muintas penhas o poder-se navegar.

5 – Todo elle hé arevatadissimo até se encorporar no Vau do Bico onde se junta com o rio Cavado e com a sua grande torrente o faz arimar, sem embargo de ser o Cavado mais abundante de agoas.

6 – Corre de Nascente a Poente.

7 – Cria trutas, vogas, escalos, todos em igual abundancia e também enguias, alguns salmoins, iris e truitas mariscas e relhos, lampreas nam as há e poderia have-las se acaso nam fora huma grande penha chamada o Salto de Villar, distancia de meio coarto de legoa desta igreja que lhe impede a passage.

8 – Há nelle pescarias no Janeiro e passado o Sam Joam.

9 – Pescarias são livres no que respeita aos possos pois se nam acha algum senhor ou pessoa particular exceto hum caneiro que está no cacham do posso a que chamam Nadadouro e por vaixo do dito Caneiro fica hum posso chamado da Caldeira pertencente a esta igreja onde ninguem pode caçar sem licença dos abbades e no fim deste e principio do posso de Cachafozil tem huma pisqueira adonde somente caça ou rede de arco onde ninguem lá pode caçar e destas há algumas aonde algumas pessoas metem naças mas nam tem posso particular.

10 – Pella veira do mesmo rio se cultivam suas margens e tem bastante arvoredado de carvalhos com vides ao pé que produzem vinho que se chama de emforcado.

11 – Nada.

12 – Nada.

13 – Fenece no rio Cavado distante desta freguezia três legoas e meia.

14 – Fica dito no interrogatorio coarto a rezam que empede o navegar-se.

15 – Tem duas pontes o rio da Roda que é o que se encorpora com o rio Homem, as quaes pontes tem hum só arco e nam são de perfeçam e ficam nos limites do lugar de Pergoim desta freguezia.

16 – Por rios e regatos desta freguezia tem trinta moinhos e de azeite dous, pisoins, noras, engenhos nada.

17 – Nada.

18 – Usam os povos de suas agoas para cultura dos campos livremente; porem algumas sam repartidas entre elles mas sem pençam.

19 – Nasce no distrito de Barroso, passa pella freguezia de Sam Joam do Campo, Sam Paio de Carvalheira, por esta freguezia, Santa

Marinha de Villar, Santo Andre de Momenta, Sam Joam da Balança, Sam Matheus, o Salvador do Souto, Sam Paio de Sequeirós isto hé da parte do Sul. E da parte do Norte pelo Espirito Santo de Brufe, Sam Mamede de Siboins, Sam Mamede de Gondoriz, o Salvador de Baldreu, Sam Martinho de Babõ, Sam Pedro de Babõ e pello pouco tempo que asisto nesta igreja nam tenho pleno conhecimento das freguezias que abaixo se segue, as legoas são mais de sette e meia como asima fica dito.

20 – E nam acho outra cousa de que possa dar noticia.

E vai tudo conforme a minha capacidade e enteligencia pode alcançar porquanto humas foram de sciencia propria e outras por informaçoens particulares, porque assim era preciso por nam ter andado todas as terras de que fiz mençam e se alguma cousa nam for em tudo ponto certo, declaro nam foi por meu descuido nam falta de deligencia nem tam pouco me persuado que as pessoas que me emformaram me enganassem pois são de quem faço muinta confidencia o que se poderá atribuir mais à equivocaçam do que a querer-me falar ou dizer menos verdades.

E sendo necessario mais alguma declaraçam munto pronta e obdientemente fico certo para tudo o que se me ordenar.

Em fé de verdade, hoje, em Sam Tiago de Chamoim, 29 de Abril de 1758.

O abbade José Coelho da Silva.

O abbade de Carvalheira Antonio Pereira Bacellar.

O vigário Cleto Pereira Castro.

CHORENSE

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luis Cardoso
Vol. 11, memória 306, pp. 2127 a 2132



Igreja Matriz de Chorense.

Por virtude de huma ordem deambulatoria do Muito Reverendo Senhor Doutor Provizor deste Arcebispado, por Sua Excellencia Reverendissima Senhor Dom Frei Alleixo de Miranda Henriques, vigario capitular e governador deste Arcebispado de Braga Primaz das Espanhas, a qual me foi entregue no dia vinte e dous de Março proximo passado deste presente anno com huns interrogatorio aos quaes o que posso responder hé o seguinte:

Esta terra hé da Provincia de Entre Douro e Minho deste dito Arcebispado, comarca de Vianna do Minho, concelho de Terras de Bouro e freguezia de Santa Marinha de Chorense e a maior parte della hé dizima a Deos e o que hé de prazo humas são foreiras a esta igreja de que hé senhora directa; outras ao convento de Santa Maria de Bouro, religiosos de Sam Bernardo e ao covento de Rendufe relegiosos Bene-

ditinos e ao couto e comenda de Valdreu e à comenda de Consieiro (por, Coucieiro) e os dos montes baldios são de Sua Magestade Fidelissima o senhor Dom Jozé primeiro que Deus goarde.

Desta terra hé senhor donatario Luis Manoel de Azevedo Sá Coutinho, fidalgo de Sua Magestade Fidelissima e dos concelhos de Sam João de Rei e das honras de Frazão e outras capitam mor dos ditos concelhos e fronteiro mor da Portella de Homem, senhor de apresentar os escrivães do publico e dos eventos dos ditos concelhos passados seis mezes.

Tem esta freguezia vizinhos cento e trinta e sette e pessoas quatrocentas e sessenta e oito. Hé ribeira situada em vales das fraldas dos montes da Seixeira que fica para a parte do Sul e de Arnaçós que fica para Nascente e do Agudo que fica entre o Norte e Nascente. Do alto dos ditos montes se descobrem a cidade de Braga, que desta dista três legoas, a villa de Barcellos que desta dista cinco legoas e o povo do Prado que dista três legoas e o povo de Pica de Regalados que desta dista legoa e meia e se descobrem também as agoas salgadas para a



Interior e capela-mor da igreja de Chorense.

parte do Poente e ao todo se descobrem mais de doze legoas de distancia. E da residencia da dita parochia se descobre só o sitio do povo da Pica de Regalados que desta dista legoa e meia.

Hé do dito concelho de Terras de Bouro. Comprehende vinte e hum lugares aos quais chamam: Assento, Muinho, Venada, Barrio, Fojo, Subribas, Quintella, Real da Fenteira, Deveza, Maúz, Fonte, Penella, Aldeia, Souto, Cham, Lage, Pretos, Casal, Passos, Gontado, Sahim. Tem os ditos vezinhos asima.

A parochia se acha fora do lugar e tem os ditos lugares asima esta freguezia debaixo dos ditos nomes já declarados.

O orago della hé Santa Marinha de Choreense. Tem cinco altares como vem a saber: o mor tem a padroeira, Sam Jozé, Sam Caetano e Sam João Marcos e colateral da parte do Evangelho tem a Senhora do Rozario e Santa Anna e o segundo da mesma parte tem o Senhor Ecce Homo, Sam Francisco, Sam Roque, Santo Amaro. O primeiro da parte da Epistola tem o Senhor Crucificado das Chagas e o Menino Deos e o segundo tem Santo Antonio e Santa Luzia. Tem quatro irmandades: a do Santissimo Sacramento e a das Santas Chagas, de Nossa Senhora do Rosario, Santo Antonio e a Ordem Terceira de Sam Francisco sujeita aos religiozos de Sam Bento dos Arcos de Valdevez.

O parocho desta freguezia hé abbade cuja apprezentação hé de Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde e pelo dito senhor foi apprezentado. Rende quatrocentos mil réis que desta leva a Exelentissima Patriarchal as tercias septimas partes.

Aos interrogatorios dez, onze e doze nada tem esta terra.

Tem cappellas nos limites da dita freguezia cinco como vem a saber: Sam Sebastiam, a Senhora da Nazaret, Sam Gregorio, a Senhora da Saude, a Senhora do Bom Sucesso das quaes só se acha esta dentro do lugar de Maús e pertence ao padre João Dias Simoens que de novo a fez. Como também a da Senhora da Saude pertence a Antonio Joze da Silva Leite, escrivão proprietario dos orfãos deste dito concelho e ambos desta mesma freguezia, aquelle do lugar de Maús e este do Barrio. A de Sam Gregorio a quiz hum vezitador imputar ao

abbade, sendo que contra si tem alguns documentos dos meus perdedores que pertence aos moradores do lugar de Sahim onde fora delle está e no dito dia a ella acode algum povo de romagem. E à de Nossa Senhora da Nasaret a ella não acode povo, só sim esta freguezia e a de Santo Andre de Momenta vão a ella de procissão duas vezes no anno, huma no dia cinco de Agosto e outra na segunda oitava da Paschoa, cuja fabrica pertence a Antonio Rodrigues da Silva do Gontado desta freguezia. A de Sam Sebastião pertense ao povo desta freguezia a rehedeficação della.

Os moradores desta freguezia colhem de todo o genero de fruitos mas em maior abundancia milho, centeio e vinho colhem.

Tem juiz ordinario cujo paço do concelho hé Sequeirós da freguezia de Sam Tiago de Chamoim e camera tudo elleito em bolo pelo corregedor de Vianna do Minho.

Aos interrogatorios decimo septimo, decimo oitavo e decimo nono nada tem esta terra que se diga.

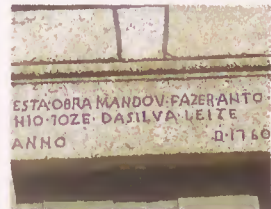
Nam tem correio, mas de ordinario se serve do de Braga que desta terra dista três legoas e da cidade de Braga, capital deste Arcebispado dista três legoas e da de Lisboa, capital deste Reino dista sessenta e quatro.

O privilegio que tem esta terra hé ser izenta de dar soldados a Sua Magestade Fidelissima, por ser obrigada com todo o concelho de Terras de Bouro, Santa Martha de Bouro, couto de Bouro e couto de Souto de defenderem à sua custa na praça da Portella de Homem a polvora e bala o inimigo do Reino de Galiza cujo lemite se divide por terra cujo capitam mor hé o dito fidalgo da Tapada.

Ao vigesimo terceiro interrogatorio, e vigesimo quarto e quinto nada tem esta terra.

No Terremoto do anno de mil e settecentos e cincoenta e cinco padeceo ruina a igreja desta freguezia na Cruz da cappella mor a qual se acha já reedeficada.

Nesta parte hé o que se me offerece digno de se annunciar.



Capela da Senhora da Saúde, em cujo lintel, o proprietário, o escrivão dos órfãos do concelho, mandou gravar o seu nome.

Quanto o que posso dizer da serra hé o seguinte:

Esta freguezia pela parte do Sul e Nascente tem huns montes intitulados a Seixeira, Pessouro, Arnaçós e Monte Agudo que todos terão de comprimento e largura hum quarto de legoa, mas a elles se seguem outras serras das quaes poderão dizer os parochos de Santa Izabel do Monte, Santa Marinha de Covide e o de Sam João Baptista de Rio Caldo por todos participarem das ditas serras.

Ao terceiro, quarto, quinto, sexto e septimo não há cousa que se diga.

Pelo alto do monte encostado à serra vai huma estrada larga intitulada a Geira, fabrica, dizem, que fizeram os Romanos com varios padroens redondos pello decurso della a qual principia em Santa Anna na cidade de Braga e acaba, dizem, em Sam Tiago de Galiza.

Ao oitavo e nono nada há que se escreva.

Os ditos montes que ficam nos meus limites são de temperamento frio e nelles se criam gados, cabras, coelhos, rapozas e perdizes e no Inverno são abundantes de aguias.

E não há couza mais digna de escrever-se.

Quanto ao que posso dizer do rio desta terra hé o seguinte:

Nesta freguezia não há rio algum grande, nem pelos lemites della passa. Só sim há regatos dos quaes o primeiro nasce na fralda do monte da Seixeira e corre de Sul para Norte. Não cria em si casta de peixe alguma e tem moinhos que de presente moem vinte e três, não fallando em muitos mais que estão arruinados. Na fralda do monte do Pesouro nasce outro, que corre de Sul para entre Norte e Poente e a elle se juntam outros que nasce mais abaixo chamado os Campos de Arnadello e outro que nasce asima do Carvalho Verinho e todos se juntam ao Seixedo e fazem hum regato que em si recebe outro que

nasce em Candaes Velhos na fralda do monte para entre Nascente e Sul e corre para entre Poente e Norte e todos juntos tem em si vinte e quatro moinhos que todos juntos se vão metter ao rio Homem dos quaes o poderão dizer com individuação os parochos de Santo Andre de Momenta e São João da Ballança em cujos lemites se metem no dito rio Homem.

Destes regatos uzão livremente os moradores desta freguezia para regarem e limarem os seus campos. Terão de comprimento desde o seu nascimento até onde acaba meia legoa.

E por não ter couza mais digna de escrever-se, nem notavel senão o referido asima, me assigno com os meus reverendos parochos vezinhos.

Hoje, Santa Marinha de Choreense, 17 de Abril de 1758.

O abbade João Philippe de Araujo Soares

O vigario encomendado da freguezia vezinha de Momenta, o padre Francisco de Abreu Oliveira

O reverendo abbade de S. Joam da Balança e vezinho, Francisco Botelho Mouram e Faria.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Tombo da Igreja*, 1545, cx. 239, n.º 8;
- *Assento da Igreja*, 1696, Livro 22, fl. 226; 1744; Livro 119, fl. 326; 1762, Livro 85, fl. 197;
- *Obrigação à fábrica do Altar de Santo António*, 1657, Livro 6, fl. 278A;
- *Obrigação à fábrica da Capela de N.ª S.ª da Saúde*, 1656, Livro 16, fl. 21;
- *Obrigação à fábrica da Ermida de N.ª S.ª da Nazaré*, 1610, Livro 12, fl. 207;
- *Obrigação à fábrica da Ermida de S. Sebastião*, 1572, cx. 251, n.º 13.

CIBÕES

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 11, memória 321, pp. 2207 a 2214



Igreja Matriz de Cibões.

1 – Descrição da freguezia de Ciboens da Provincia do Minho, do Arcebispado de Braga, comarca de Vianna, termo de Piqua de Regallados.

2 – Hé termo de El Rei e não tem outro senhor nem donatario.

3 – Tem esta freguezia vizinhos ou fogos cento noventa. Tem pessoas de comunham quatrocentas oitenta e seis, menores dezoito, abzentes da freguezia sessenta e oito.

4 – Está situada em huma costa de hum monte que faz o tal monte costas ao Norte e os lugares todos da Ladeira para baixo virados ao Sul. Descobre-se desta freguezia toda a Ribeira de Homem que consta de muntas freguezias para a parte do Poente athé à povoação de Fam pegado no mar e desta freguezia ao mar são sete legos.

5 – Hé do termo da villa de Piqua de Regallados, o lugar de Ciboens que consta corenta moradores e do concelho de Villa Garcia que tem os lugares seguintes: Gilbarbedo que tem corenta moradores, Cavenco que tem trinta moradores, o lugar de Figueiredo que tem dez moradores, a Lama que tem seis moradores, a Levada que tem seis vizinhos, o lugar de Cotello que tem vinte vizinhos, o lugar de Vergaço sojeito ao termo da villa de Ponte da Barca, que consta de vinte vizinhos. E vem esta freguezia a ser governada por três varas de juizes ordinarios, a saber: o juiz da Piqua, o de Villa Garcia e o da Barca no civil, crime e orphaos.

6 – A parochia está fora do lugar de Ciboens pera a parte do Sul, distante do lugar hum tiro de mosquete em hum altinho cercada de oliveiras, arvores de fruto, carvalhos e outras arvores com vista para o Sul de huma serra chamada de Santa Isabel, para o Norte defronte da serra de Vergaço, pera o Nascente defronte do Gerez duas legoas, para Poente desviada do mar sette legoas.

7 – Hé o orago desta freguezia Sam Mamede de Ciboens. Tem a igreja três altares: o da capella mor e dous das bandas. Este da capella mor do santo do orago, os das banda, o da mão direita com as costas ao Sul do Senhor Jesus, o da esquerda com as costas ao Norte, da Senhora do Rozario. Estão mais dous para se fazerem pella mesma ordem hum para Santo Antonio, outro para Sam Sebastiam. Não tem naves. Tem a confraria do Santissimo Sacramento e a irmandade de Santo Antonio e Almas.

8 – O parocho hé abbade apprezentado por El Rei Nosso Senhor. Tem de renda trezentos mil réis, por quanto dos frutos da renda leva a santa Patriarchal de nove partes coatro. A renda do abbade hé fora da Patriarcal.

9, 10, 11, 12 – Nam tem beneficiados, nem conventos de callidade alguma, não tem hospital, nem caza de mizericordia.

13 – Tem no lugar de Vergaço, fora do lugar, para a parte do Sul huma ermida de Santa Maria Magdalena que pertence aos moradores do dito lugar, a administraçam e reparo della para administrar os

sacramentos della aos enfermos nas necessidades. Não concorre povo a ella, tem no seu dia huma missa cantada que pagam os vezinhos do lugar.

14 – Tem outra cappella no lugar de Gilbarbedo da invocação de Sam Thomé, fora do lugar para a parte do Sul, também dos moradores e reedificada à sua custa para a administração dos sacramentos nas necessidades e no seu dia se lhe canta huma missa que pagam os moradores do mesmo lugar e nesse dia vem ahi o clamor da freguezia do Espirito Santo de Brufe e na quarta Sesta Feira da Quaresma se fazem também ahi dous clamores, hum desta freguezia de Ciboens, outro da freguezia de Sam Mamede de Gondoriz vezinha desta.

Tem no lugar de Cavenco a cappella de Nossa Senhora do Amparo, na entrada do lugar para a parte do Norte que hé reformada à custa dos moradores do mesmo lugar, para administração dos sacramentos nas necessidades dos mesmos moradores, canta-se-lhe no seu dia huma missa que elles pagam. Não tem freguezia de povo.

Tem no lugar de Figueiredo a cappella de Santiago, antiga, que serve para a administração dos sacramentos do ditto lugar e da Lama e da Levada reedificada à custa dos moradores destes três lugares que tem huma missa cantada no seu dia à custa dos mesmos moradores. Nesta capella se juntam os moradores desta freguezia de Ciboens a fazerem duas rezadas pella tençam dos moradores da mesma freguezia, a saber: huma na primeira oitava da Paschoa da Ressurreição, outra ao outro dia depois do dia de Sam Bartholomeu. E em cada huma destas rezadas vai de cada casa huma pessoa cabeceira e ahi rezam sete terços por cada cabeceiro da freguezia onde o juiz da igreja os chama por rol, condenando em cincoenta réis cada hum que falta, aplicado para as funsoens da freguezia. E gasta-se em cada rezada sete cantaros de vinho que bebem os moradores que vão à rezada, o qual vinho levam os seis da freguezia em huns odres às costas pago dos rendimentos da mesma freguezia.

Vão a esta cappella os moradores da freguezia de Ciboens na terceira Sesta Feira da Quaresma fazer hum clamor onde vai o parcho com os freguezes e vão também ahi no mês de Maio os moradores dos montes da freguezia de Valdreu fazer outro clamor. E em o altar desta capella se acham em hum caixamzinho pequeno as reliquias de huns

Santos: Santa Ursula, Santa Eufemia, Santa Catharina e mais de dous Santos que para ahi mandou hum devoto e o vizitador as vezita quando vem de vesitar à igreja.

Tem no lugar de Cottello huma cappella da invocação de Sam Domingos que instituhio há dez annos o brasileiro Domingos Pereira Vianna, feita e redificada à sua custa à qual pôs fabrica em dinheiros que tem em Lisboa em padroens reais e nella pôs hum capellam a quem dá cada anno sessenta mil réis por dizer cada semana por sua alma coatro missas e entrando as dos dias santos e dar escolla aos rapazes da freguezia e dando-lhe papel para elles aprenderem e dar-lhe cartilhas e dando mais elle instituidor vinte mil réis ao administrador com obrigação de lhe fazer huma festa em dia de Sam Domingos para o que lhe deixou em cada anno oito mil réis.

15 – Os fructos que os moradores colhem são: milham, centeio, feijam, vinho; tudo moderado, algum azeite.

16 – O juiz ordinario dos moradores do lugar de Ciboens hé o do concelho de Piqua de Regallados e dos moradores de Vergaço, hé o do concelho da Barqua, o dos moradores de Gilbarbedo, Cavenco, Lugarinhos de Figueiredo, Lama e Levada e Cottello hé o juiz de Villa Garcia.

17 – Não hé couto nem concelho mais que os lugares de Villa Garcia concelho separado.

18 – Nam sahiram nunca desta freguezia homens de Letras, nem Virtudes, nem Armas.

19 – Nam tem a freguezia em si feira alguma.

20 – Nam tem correio, serve-se do correio de Braga que parte na Sesta Feira e entra no Domingo e dista desta freguezia coatro legoas.

21 – Dista da cidade de Braga coatro legoas e de Lisboa sessenta.

22 – Tem huns privilegios que izentam os moradores de dar soldados, palhas, egoas e pagar para engeitados por serem obrigados a defenderem à sua custa a praça da Amarella, raia seca entre Portugal e Galiza para a parte do Norte.

23 – Nam tem em si nem perto fontes, lagoa, nem agoa que tenha virtude especial.

24 – Nam tem porto de mar, nem torre, nem praça, nem castello, nem hé murada.

26 – Nem nesta freguezia há cousa digna de memoria, nem cousa mais que se diga allém do referido.

1 – Chama-se esta freguezia Sam Mamede de Ciboens.

2 – Principia no penedo do Meijoeiro, da parte do Norte, acaba na ponte de Brufe. Tem de comprido três coartos de legoa do Nascente para o Poente e de largura de Sul para o Norte tem meia legoa. Do Sul para o Norte principia nas vinhas da Telheira, acaba para o Norte na cruz de Vergaço. Isto que tenho dito hé da freguezia.

Serra que corre por cima della

1, 2 – Chama-se a serra de Vergaço que está por cima da freguezia pella parte do Norte. Esta principia na Portella de Bade e finda na Portella de Homem na parte do Nascente. Tem de comprido de Nascente a Poente três legoas, de largura de Sul para Norte huma legoa.

3 – Os nomes dos braços della são: Portelinha, Campello, Curveiro pello Sul e pello Norte Sam Miguel do Castello, Marco do Fojo e Galinheira e Sobrecotello e Amarella.

4 – Na Portella da Lagoa principia o ribeiro chamado o regato das Lameiras de Porta Abril, corre para o Norte e fenece no rio Lima.

5 – Tem no cimo da serra o lugar de Vergaço e Cottello.

6 – Nam tem fontes de que se falle com propriedade.

7 – Nam tem minas, nem pedras de estimação.

8 – Nam tem plantas, nem ervas medicinais. Só tem giestas e silvas que cortando de dez ou mais annos e queimando-se dá algum centeio.

9 – Nam tem mosteiros, nem igrejas, nem romagens.

10 – A calidade do seu temperamento hé muita fria, sojeita a neve, códos e giadas.

11 – Não tem criaçoens de gados mais do que no Vram, pasto para os gados e alguma caça de coelhos e perdizes e ahi aparecem alguns lobos e porcos montezez que criam em outra banda e rapozas.

12 – Tem em si o fojo de Gondomar e o da Amarella onde com montaria se apanham alguns lobos. Nam tem lagoa alguma.

Descrição do rio

1 – Corre pella parte do Sul desta freguezia o rio de Homem que tem seu principio no Gerez, onde chamam Lamas de Homem.

2 – Nasce em terra plaina e por aqui corre com vehemencia aonde chamam o Pontido por baixo dos penedos três tiros de espingarda, onde chamam o Salto por baixo de penedos hum tiro de espingarda, corre todo o anno.

3 – Aqui não entra nelle rio algum mais que o ribeiro de Brufe e do Crasto e da parte de Sul o rio pequeno que vem de Cobide.

4 – Nam hé navegavel, nem tem embarcação.

5 – Hé de curso arrebatado de tal maneira que desde o lugar do Campo e Villarinho da Furna athé o sitio de Vão de Sam Martinho não tem descanso sem que corra com vehemencia.

6 – Corre de Nascente a Poente.

7 – Não cria outra calidade de peixes mais que trutas, bogas e escallos.

8 – Nam tem pescarias mais que no Vram pescar-se com alvi-tanas, barredouras e chumbeiras de malha meuda, barrendo com estas

as poças e de noute armando algumas redinhas em que às vezes de manhã se acham algumas bogas, trutas ou escalos pequenos e os maiores serão de dous palmos.

9 – Nam tem pescarias proprias, hé comum.

10 – Nam tem margens, tem junto a si arvores de carvalhos, silvas e mato.

11 – Nam tem as suas agoas virtude alguma.

12 – Desde seu principio conserva sempre o mesmo nome; nunca teve outro mais que o rio de Homem.

13 – Entra no rio Cavado no sitio onde chamam Vao do Bicco.

14 – Nam tem no districto desta freguezia levada, nem açude, nem hé capaz de ser navegavel pellos muntos penedos que em si tem e por ser pequeno.

15 – Tem em si a ponte de Caldelas, distante desta freguezia para o Poente duas legoas e para o Nascente tem a de Carvalheira e no lugar de Villarinho da Furna tem duas pontes todas estas de cantaria com seus arcos bem feitos.

16 – Tem no districto desta freguezia onde chamam o Sahidouro hum pizam e dous moinhos que tudo se serve da mesma levada que terá de comprido do rio ao pizão dez braços e os moinhos estão pegados logo.

17 – Nam consta que em tempo algum delle se tirasse ouro de suas areas.

18 – No distrito desta freguezia ninguem uza nem se serve de suas agoas para cultura de seus por ser terra aspera e se não poder tirar levadas e juntamente porque as terras que estão junto delle nesta freguezia são vinhas e devezas de carvalhos onde chamam Ribas Velhas e à urtiga.

19 – Desde donde nasce athé donde entra no rio Cavado no sitio do Vao do Biccó são cinco legoas athé o Jerez onde elle nasce. Corre pello meio da ribeira de Homem abaixo do Nascente para Poente tendo de huma parte e da outra várias freguezias.

20 – Esta freguezia de Ciboens hé terra aspera e munto encostada e roim de servir que nella não andam carros, nem bestas, todo o serviço fazem os lavradores com feixes e cestos às costas, excepto o lugar de Vergaço e Cottello que estão no alto da serra e são plainos ahi andam carros para sua serventia. Mas são lugares frigidissimos que em tempo de neve passam às vezes hum mês que não deitam o gado fora das cortes para o monte. Os gados que hao nesta freguezia algumas vacas, carneiros, não meirinhos mas de lam aspra de que os moradores uzam para a sua cobertura e trages do corpo; tem também algumas cabras e crastoens para a cultura de suas fazendas. Em alguns annos como foi o anno passado, não colhem milham por quanto lhe queima a geadá.

E esta hé a informação que dou na verdade que vai assignada por mim, João Martins de Campos, abbade desta freguezia de Sam Mamede de Ciboens e pelos reverendos parochos meus vezinhos, o reverendo vigario do Spirito Santo de Brufe, Domingos Carvalho e o reverendo Isidoro Pereira de Faria, vigario de Sam Mamede de Gondoriz.

Hoje, de Maio, 3 de mil e setecentos cincoenta e oito.

O abbade João Martins dos Campos

O vigario Domingos Carvalho

O vigario Isidoro Pereira de Faria e Silva.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Obrigaçõ à fábrica da Capela do lugar do Costelo*, 1730, Livro 88, fl. 330;
- *Obrigaçõ à fábrica da Capela de S. Francisco*, 1651, Livro 33, fl. 182;
- *Obrigaçõ à fábrica de N.ª S.ª do Amparo*, 1682, Livro 32, fl. 130v;
- *Obrigaçõ à fábrica da Ermida de Santa Maria Madalena*, 1592, Livro 6.

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 12, memória 451, pp. 3077 a 3086



Igreja Matriz de Covide.

Satisfazendo ao despacho do Muito Reverendo Senhor Doutor Provisor da Corte e Arcebispado de Braga Primaz, eu Antonio Rodrigues de Sousa, vigário da paroquial igreja de Santa Marinha de Covide, conselho de Terras de Bouro, comarca de Vianna e Arcebispado de Braga Primaz o que posso informar a respeito da ordem incluza hé o seguinte:

1º – Hé esta freguesia chamada Santa Marinha de Covide, do concelho de Terras de Bouro, comarca de Vianna, Arcebispado de Braga, Provincia do Minho.

2 – Hé esta freguezia donatario o qual hé de presente hé o fidalgo de Sam Joam de Rei, capitão delle e sempre o foi assim desta freguezia como de todo o concelho.

3 – Tem esta freguezia os vezinhos que consta dos fogos do rol dos confessados que bem a ser fogos setenta e cinco e pessoas de sacramento dozentas e oitenta e três, menores sesenta.

4 – Está esta freguezia situada em campina e descobre-se della toda a ribeira de Homem e mais terra que fica na direitura da dita ribeira de Homem até o mar que vezinha com a villa de Espozende e se descobre-se desta freguezia bem o monte de Faro dos altos desta freguezia como do sitio de Perra Moura em dias claros e se descobre bem o mar o qual dista desta freguezia dez legoas.

5 – Nam tem esta freguezia termo seu mais que os seus limites, pertence ao concelho de Terras de Bouro.

6 – Está a parochial igreja desta freguezia fora do lugar em huma veiga que chamam de Cima. Tem cinco lugares que bem a ser: Covide, Igreja, Barzes, Sá, Freitas.

7 – Hé orago desta freguezia Santa Marinha de Covide. Tem quatro altares: o altar mor de Santa Marinha, os colaterais hum de Nossa Senhora do Rosario, outro de Sam Sebastião, outro das Almas. Nam há sacrario nesta freguezia. Tem a irmandade das Almas com o titulo das Almas a qual irmandade tem muintas indulgencias da Santa Sé Appostolica e bons sufragios. E nesta irmandade andam muitas freguezias das vezinhanças por irmanos.

8 – O parcho desta freguezia hé vigario, pertence ao abbade de Sam Paio da Carvalheira a quem esta freguezia hé anexa.

Rendimento desta igreja certo e voluntario são sessenta mil réis e de frutos para o abbade duzentos e cincoenta mil réis.

9 – Nam tem beneficiados.

10 – Nam tem convento.

11 – Nam tem hospital.

12 – Nam tem caza de misericordia.

13 – Tem esta freguezia duas ermidas, huma de Santa Eufemeia sita na estrada que bem de Rio Caldo para esta freguezia, fora da Veiga de Sima, fora do lugar, pertence a fabrica desta ermida aos moradores desta freguezia; a jurisdicam della pertence ao parochio desta freguezia. Hé esta Santa Euffemeia huma das nove irmãs santas, filhas de Caio Atilio e de Dona Calcia antigamente consul de Braga e conforme a tradiçam antiga que sempre se conservou nesta freguezia e vizinhas, nesta freguezia padeceo seu martirio. E junto à ermida da mesma Santa dentro da Veiga de Sima está hum penedo munto vem grande com boma capacidade para se subir a elle e neste penedo estão expressos os vestigios da mesma Santa quando fazia oraçam a Deos Nosso Senhor; porque em muintas partes deste penedo que hé grande e largo se abrandou o penedo estando a Santa fazendo oraçam a Deos Nosso Senhor e se vê os vestigios dos joelhos que se abrandou e amoleceo como se fora agoa em muintas partes e no mesmo penedo estão também expressas as plantas de seus pés que sempre se teve por tradiçam antiga que quando a Santa se levantava da oraçam no quoaal penedo deixava expressas as pegadas dos joelhos e pontas dos pés, pondo-se de pé, deixava também expressas no penedo as plantas dos pés. Estes milgares se vê neste penedo que chamam de Santa Eufemia, se vê no sitio de Novás, monte desta freguezia, no quoaal sitio está outro penedo com os mesmos vestigios e se tem por antiga tradiçam serem de Santa Eufemea. Este penedo nam tem Cruz, porém o asima dito tem huma Cruz e o senhor Dom Rodrigo de Moura Telles, Arcebispo que foi deste Arcebispado vindo em vesitaçam o vesitou descalço.

Tem outra ermida de Sam Silvestre, no lugar de Freitas, pertence a fabrica a metade para baixo aos moradores desta freguezia e a metade para sima ao abbade da Carvalheira a quem esta igreja hé anexa.

14 – No dia de Santa Euffemeia e de Sam Silvestre acode de romagem bastante gente destas vezinhanças, os mais dias por acazo.

15 – Os frutos desta terra em abundancia hé: milham, senteio menos, também algum milho alvo e painço, vinho verde pouco, frutos poucos, ahinda que no lugar de Freitas há algum azeite e bastante frutta.

16 – Esta freguezia hé do concelho de Terras de Bouro, cuja cabeça hé a freguezia de Santiago de Chamoim e se faz audiencia no lugar de Sequeirós e eleição das justiças é por eleição do doutor corregedor desta comarca da villa de Vianna e se elege a justiça de todas as freguezias deste concelho e neste respondo ao desimo setimo artigo.

18 – Não há memoria de que florescessem nesta terra homens inssignes por armas, só sim sempre os houveram com valentia e brio em defender a Portela do Homem que divide os lemites deste Reino com Galiza, a cuja defenssam está obrigado este concelho. Por Letras tem tido esta freguezia muintos homens que levaram beneficios da Mitra deste Arcebispado por oppoziçam muintos abbades, reitores e tem muintos sacerdotes.

19 – Nam tem feira.

20 – Nam tem correo e pessoalmente levam as cartas à cidade de Braga que dista cinco legoas.

21 – Dista esta terra à cidade de Braga, capital deste Arcebispado cinco legoas e setenta e quatro à cidade de Lisboa.

22 – Nam tem privilegios mais que hum contrato com Sua Real Magestade que Deos guarde no quoad contrato se obrigou este concelho de Terras de Bouro e os de Santa Martha de Bouro e couto de Souto a defender a Trincheira da Portella de Homem de todo o inimigo que por ali acometer este Reino. E nas ocasiones da guerra tem metido pavor grande aos Galegos destrossando-os em tudo com fidelidade e servindo a El Rei Nosso Senhor que Deos guarde e em recumpensam lhe concedeo Sua Magestade de a estas terras a izençam de soldados, cavallo e egoas e palhas. E tem mais os privilegios comuns.

23 – Nam há que responder neste interrogatorio.

24 – Nam há que responder neste interrogatorio.

25 – Nam há que responder neste interrogatorio.

26 – Nam padeceo ruina alguma no Terramoto de mil e setecentos e cincoenta e cinco annos.

27 – Nam há mais cousa digna de memoria.

A respeito da serra

Do Gerez vezinha esta freguezia com huma serra chamada de Lamas, a quoa principia no Villar da Veiga e Rio Caldo ao comprimento e acaba na serra do Geres. Terá de comprido legoa e meia, de largo vezinha com o rio das Caldas e o rio de Freitas. Terá de largura três quartos de legoa.

Nam há nesta serra lugares mais que as Caldas do Geres que são limites de Santo Antonio do Villar da Veiga e nam há nella nada dos mais interrogatorios.

2 – Hé esta serra abundante de matos, como de urze, carqueja e tojo, muinto carvalho, medronheiros, theixos, azereiros, salgueiros, vidoeiros, sobreiros bravos, escalheiros, macieiras, bravas, azevinho, muintas silvas; por partes produz muintas ervas de Inverno, porém de Veram cria ervas moderadas bravas para pastar os gados principalmente cabras em todo o tempo, bois no tempo do Veram. Hé esta serra muinto cheia de pinhascos e penedos.

Há nesta serra huns muros antigos já quazi arruinados que chamam a cidade de Calcidonia antiguamente feita pelos Mouros. Esta serra fica em direitura de outra serra que chamam do Castello, a quoa acaba nesta freguezia. Terá de comprimento duas legoas e de largo huma, principia em hum lugar que se chama Santa Cruz, freguezia do Salvador do Souto e vem esta serra emthé os limites desta freguezia partindo com a freguezia de Sam Matheus e com a freguezia de Sam Joam da Vallança e com a freguezia de Santa Marinha de Chorence e com a freguezia de Santo André de Moimenta e com a freguezia de Santa Marinha de Villar e com a freguezia de Sam Thiago de Chamoim.

Tem esta serra muintos penedos e grandes o quoyal chamam o Castello e assim se chama a dita serra e no dito penhasco no cimo delle faz hum caminho à via aprazivel das partes penedos altos quazi semelhante a outro penhasco que chamam do Crasto dos lemites da freguezia de Santiago de Chamoim e só difere em nam ter tantos penedos e também em nam ter cobertura por cima. Em hum e outro se acham muitos tejolos artificialmente feitos por naçoens barbaras antiguamente e duros como pedras.

Tem caças de coelho, perdiz, lovos, rapozas, cerbais, porcos bravos.

Esta serra do Castello hé fria e humida, dá bonos pastos para todos os gados e bestas e neste respondo a todo os mais artigos.

Há dous rios nesta freguezia, pequenos ambos; hum que se chama o rio das Rodas, principia nos lemites de Sam Joam do Campo, corre do Nacente a Poente e fenesse e mete-se no rio de Homem; nam hé caudelozo, porém corre todo o anno. Nam entra nelle rio algum, nem hé navegavel e de curso rebatado. Cria peixes: trutas, escallos em pouca quantidade. Nem há nelle pescarias mais que os ditos peixes em pouca quantidade e só de Veram. Hé todo livre, as margens deste rio nesta freguezia como toda corre por monte em pouca quantidade se cultivam, mas deste rio sahem duas lovadas de augoa para regar as veigas e campos desta freguezia que são de muinta utilidade. Nam tem este rio arvoredado mais que o silvestre, nam hé navegavel. Tem nos lemites desta freguezia huma ponte que chamara de Porta Santa de hum só arco e tosco. Tem bastantes moinhos. Nunca se tirou delle ouro, as suas augoas sam lemites para esta freguezia; sem penssam. Hé da freguezia de Sam Joam do Campo donde nace athé meter-se no rio de Homem donde acaba. Terá huma legoa, nem há nelle outra cousa notavel nesta freguezia e devida este rio aos lemites desta freguezia com a freguezia de Sam Paio de Carvalheira ao depois corre pella freguezia de Santiago de Chamoim.

Há outro rio nesta freguezia que chamam de Freitas, também pequeno. Fica a maior parte desta freguezia no meio destes dous rios acima ditos das Rodas da parte do Norte, este de Freitas da parte do Nacente. Principia nos lemites desta freguezia, junto ao cruseiro do

Campo, hé outro braço na serra de Lamas, corre do Nacente ó Sul e nos lemites de Santo Antonio do Villar da Veiga se mete nelle o rio das Caldas do Gerez, acava no rio Cavado donde se mete. Corre este rio pellos limites desta freguezia e passa pellos da freguezia de Sam Joam de Rio Caldo, ahi se mete no rio Cavado. Tem os mesmos peixes que o rio acima das Rodas. Em tudo hé como elle sem distincão alguma somente defere que as suas margens se cultivam de arvores de fruto e campos frutiferos, muintos moinhos, delle sai levadas para regar os campos; em tudo tem o mais que o rio acima das Rodas. Nesta freguezia nam tem ponte e se passa por pedras.

E nam há mais cousa notavel que se possa declarar mais do que huma estrada que bem da cidade de Braga, chamada a Geira, que vai pelo cham e se mete no Reino de Galiza passa por esta freguezia de Santa Marinha de Covide e tem muintos padronis com letras Romanas e com imageims do Senhor Crucificado, cousa de grande estimaçam.

E o que passa tudo na verdade o que tudo vai conferido pellos dous parochos mais vezinhos que são o reverendo abbade de Carvalheira e o reverendo abbade de Sam Joam do Campo que aqui assignaram.

Maio, doze de mil e setecentos e cincoenta e oito annos.

O abbade Antonio Pereira Bacellar

O abbade Custodio Jozeph Leite

O vigario Antonio Rodrigues de Souza.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Obrigação à fábrica da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios*, 1791, Livro 27, fl. 214;
- *Obrigação à fábrica da Capela de S. Silvestre*, 1727, Livro 66, fl. 335v.

GONDORIZ

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 17, memória 80, pp. 437 a 442



Igreja Matriz de Gondoriz.

Foi servido Sua Real Magestade, que Deos goarde, por ordem que mandou corre-se por todo o Reino, para o que mandou que os senhores Arcebispos de quada Bispado ou outros senhores que ocupassem os seus cargos para que os parochos de todas as freguezias fizessem emquerição dos emterrogatorios seguintes:

1, 2, 3, 4 e 5 – Serra chamada da Amarella, raia sequa fronteira ao Reino de Galliza, que tem de comprido três legoas, de largo duas legoas pouco mais ou menos, neste distrito huma praça de armas que estão obrigados os moradores desta freguezia e São Mamede de Sibois e do Spirito Santo de Brufe à sua custa, com polvera e balla por contrato que fizeram com as Magestades deste Reino antiquissimos. Nasce defronte da praça no nosso Reino huma fonte fria e hé composta

esta serra de outeiros e valles, arboredos sem fruto. Parte com o rio de Home e o rio Lima da parte do Poente e do Nascente com o rio de Home. Tem alguns [com o de hum escoeiro] e tem hum foijo chamado da Amarella de matar lobos e bichos bravos e outro na freguezia de S. André de Gondomar que serve para o mesmo. Tem esta serra alguns lugares e não sabemos que ervas tenha de virtude.

6 – E não sabemos que hajam fontes que tenham alguma virtude.

7 – Também não sabemos que hajão minas nem pedras de estimação.

8 – E não se sabe que ervas há que tenha medecina nem arvustos nesta terra poboada de alguns lugares que o fruto que produzem hé pella maior parte centeio e milho, pouco por causa dos muitos frios e neves que nella permenecem por muito tempo.

9 – E não há nesta serra mosteiros, nem igrejas de romagem de frequentação de gente; hé o temperamento desta terra muito frio.

10 – E há nesta terra de gados miudo alguma criação, mas pouca, como hé cabras e ovelhas e carneiros e vacas. E não tem lagoa que possa dar noticia.

Rio

1, 2 – Rio de Home nasce em humas lameiras chamadas Lamas de Home, perto do concelho de Barroso e tem de comprido mais de duas legoas de comprido, antes de chegar a povoado. Nasce logo caudellozo e corre todo o anno.

3º, 4º – Entram neste rio muito regatos com agoa como hé o rio Pequeno que vem do Jurez. E não hé navegavel, nem tem embarcações algumas, nem hé capaz dellas.

5 – Quinto hé de curso arrebatado, e em algumas partes mais quieto.

6º – Corre este rio de Nacente para o Poente.

7º – Cria peixes com são trutas, bogas e escallos e a algumas partes chega lamprea ou algum peixe do mar raras vezes.

8º – E neste rio se caçam alguns peixes com rede de arco ou em alguns caneiros em coazi todo o anno.

9º – Não há pesqueiras nenhuma de senhorio nem que pagem foro neste distrito.

10 – Tem este rio suas margens ao comprido, em parte montes, em partes arboredos, em partes terras lavradas.

11 – Que saiba não tem virtude particullar as suas agoas.

12 – Sempre conserva o seu nome este rio o Home.

13 – Tem este rio seu curso emthé o Vão do Bico que se ajunta com rio Cábado que algum dia tinha este rio Cabado o nome Leça e dahi ter consigo ao mar no sitio chamado Fão.

14 – Tem este rio huma levada na freguezia de Carvalheira e não emporta embarcação alguma.

15 – Tem este rio Homem coatro pontes chamadas a ponte de Caldellas, a ponte de Carvalheira que fica de distancia huma da outra três legoas, duas no lugar de Villarinho para sua serventia.

16 – Tem alguns moinhos e pizois de burel e em todo o seu discurso algumas zenhas que cada qual dirá no seu destrito. Tem neste destrito dois moinhos. Tem esta freguezia alguns regatos que tem muinhos para moer em tempo de Emverno por alguns emgenhos como são cubos por haver poucas agoas que terá o numero de catorze e há dois lagares de azeite, um de agoa e outro de bois.

17 – Não consta que se tirasse neste rio ouro nem prata de suas areias.

18 – Uzam das agoas deste rio libremente.

19 – Tem este rio do seu nascimento athé se meter no rio Cabado de curso seis para sete legoas.

Freguezia

1 – Chama-se esta freguezia de São Mamede de Gondoriz, Provincia do Minho, termo da villa da Piqua de Regallados, Arcebispado de Braga Primaz, comarca de Vianna.

2 – Hé anexa esta freguezia a São Salvador do couto de Valdreu, cuja hé *ad nutum* e pertence ao reverendo parochio a apresentação della. Pertence esta renda desta mesma freguezia ao comendador do mesmo couto que ao presente hé o Conde de Sumar (por, Assumar) por mercê de El Rei meu senhor.

3 – Tem esta freguezia os lugares abaixo nomeados:

Lugar da Igreja que consta de dez vezinhos _____	10
Lugar de Gondoriz, que consta de dezasete vezinhos ____	17
Lugar das Antas que consta de sete vezinhos _____	07
Lugar de Bustello que consta de dezasete vezinhos ____	17
Cabaninhas que consta de coatro vezinhos _____	04
Lugar de Bouças que consta de dez vizinhos _____	10
Lugar de Refunteira que consta dez treze vezinhos ____	23
Quintam que consta de dois vezinhos _____	02
Lugar de Torre que consta de dois vezinhos _____	02
Lugar do Souto que consta de oito vezinhos _____	08
Lugar de Gardenha que consta de doze vezinhos _____	12

Pessoas de sacramento

4 – Consta esta freguezia de trezentas e trinta e sette _____ 337

Está esta freguezia emcosta a huma serra pella parte do Norte que se lhe chama a serra que vem da Amarella. Tem seus valles e montes altos que descobre athé o mar que fica distante nove legoas. Também discobre parte da cidade de Braga distante coatro legoas. Também discobre parte do Jurez para a parte do Nacente terra despoxada. Confronta do Nacente, com a freguezia de São Clemente de Sibois e do Poente com a freguezia de Salvador de Valdreu e do Sul com o rio de Home, pertence ao termo de Regallados. Está esta parochia entre hum lugar de nove vezinhos.

7 – O orago desta igreja hé São Mamede que coatro altares dentro desta mesma igreja, hum de São Mamede, outro do Nome de Deos, outro de Nossa Senhora do Rozario, outro para a parte direita que hé Nossa Senhora dos Remedios, do coal hé admenistrador João Soares de Refunteira e não tem naves. O parochó hé vigario *ad nutum* hé apresentado do reitor do Salvador de Valdreu. Terá da renda doze mil que lhe dá a comenda de Valdreu.

9 – Não tem esta freguezia beneficiados alguns.

10 – Não tem conventos alguns.

11 – Não tem hospital.

12 – Não tem caza de mezericordia.

13, 14 – Tem esta freguezia três ermidas como hé a de Santo Amaro, São Miguel que fabricam a comenda de Valdreu, para ademe-nistração dos sacramentos. Estão estas fora dos lugares e mais huma de São João que pertence esta administração à freguezia por sua obrigação. Estas pella maior parte se frequentam em seus dias deter-minados, a de Santo Amaro a quinze de Janeiro e a de São Miguel em vinte e nove de Setembro e a de São João a vinte e quatro de Junho.

15 – Os frutos que costuma dar a terra desta freguezia hé milhão e algum senteio, isto conforme as temperanças do anno por ser terra muito fria, pouco vinho este muito verde, pouco azeite.

16, 17 – Não tem juiz esta freguezia por ser sujeita às justiças da villa da Piqua de Regallados e fica esta freguezia distante da villa de Piqua duas legoas.

18 – Não há memoria que desta freguezia sahisse homens nem em Letras, nem em Armas.

19 – Não tem feira alguma.

20 – Não tem correio; serve-se por si mesmo do correio da cidade de Braga. Chega no Domingo e parte na Sesta Feira, fica distante coatro legoas.

21 – Fica a cidade de Braga, capital do Arcebispado em distancia de coatro legoas desta freguezia e à de Lisboa, capital do Reino, sessenta e duas.

22 – Tem esta freguezia privilegio de lhe não tirar soldados para outras praças, por estarem obrigados à sua custa a defender a praça da Amarella com polvera e ballas pellas Magestades antiquissimas confirmado.

23 – Não há nesta terra alguma fonte que se saiba tenha virtude alguma.

24 – E não há porto de mar.

25 – Não hé terra murada, nem torres.

26 – Nem em o Terremoto teve ruina alguma que saiba.

E não tenho mais que fazer memoria neste edital que fiz. E para constar fiz este que assignei com os reverendos parocos comvezinhos, para o que me emformei com algumas pessoas que dessem alguma memoria.

E por verdade me assigno com os sobreditos reverendos parochos que abaixo se assinarão.

Hoje, 7 de Maio de 1758 annos.

O vigario Izidoro Pereira de Faria e Silva

O reitor de Valdreu, Manoel da Fonseca e Silva

O abbade de Ciboens, João Martins de Campos.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Obrigaçào à fábrica da Capela de Nossa Senhora dos Remédios*, 1592, Livro 6, fl. 276;
- *Obrigaçào à fábrica do Santíssimo Sacramento*, 1765, Livro 126, fl. 133.

RIBEIRA DO HOMEM

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 32, memória 99, pp. 589 a 591



Igreja Matriz da Ribeira do Homem.

Em satisfasam ao que se me manda a respeito desta freguezia de S. Matheus da Ribeira de Homem.

Fica esta freguezia na Provincia do Minho, em o Arcebispado de Braga, comarca de Vianna, conselho de Siqueirós.

Hé donatario que o hé ao presente Luis Manoel de Azevedo da Casa da Tapada.

Tem esta freguezia sessenta e cinco vezinhos toda ella, duzentas e quatro pessoas de sacramento e entre menores faz tudo numero de duzentos e vinte e cinco.

Está situada em hum valle, descobre-se desta freguezia coisa de duas freguezias a mais distante três legoas.

Comprehende nove lugares que hé o lugar de Chedemiam, o de Gogide, o do Oiteiro, o Casal de Sima, o Casal de Baixo, Louredo, o Assento, o Campo e o de Rial.

A parochia está à beira do lugar do Assento que são os vizinhos com a casa do parrocho.

O orago hé S. Matheus. Tem a igreja três altares que hé o de S. Matheus, o de N. Sr^a da Conseisam, o de Santo Antonio, tem mais nos altares Santa Luzia e Santa Barbara, Sam Sebastiam e o Minino Deos. Tem só huma nave e não há nella irmandade nem confraria.

O parrocho hé abbade, hé data da Mitra. Tem de renda coiza de trezentos mil réis.

Não há nella beneficiados.

Não há nella convento algum.

Não há hospital nela.

Nem também há nesta freguezia nenhuma irmida.

Nada de romarias.

Os frutos da terra hé que de tudo dá principalmente muito milham, vinho e aseite, castanha, senteio, trigo, frutas de toda a variedade e com maior abundancia os labradores há milham, vinho e castanhas e também hinda que alguma coza, menos senteio e azeite.

Está sojeita ao prelado e aos senhores, ao juiz aspadano do conselho asima.

Não hé coutto, nem cabesa de conselho.

Nam há memoria que sahissent homens de Letras, nem Armas.

19 – Nam há nesta freguezia feira alguma.

20 – Nam tem correio, serve-se pello de Braga que dista à dita cidade três legoas e à capital de Lisboa dista ao que dizem sessenta legoas [...].

22 – Nam sei haja privilegio, se não o de senão fazerem neste conselho soldados que tanto.

23 – Não há nesta freguezia fonte nem lagoa de especialidade.

24 – Não há porto de mar, nem aqui que dizer.

25 – Não há muralhas, nem torre, nem aqui que dizer.

26 – Não padeseo ruina no Terremoto de 1755.

27 – E nada neste que seja digno de memoria.

A respeito da serra há o seguinte

1 – Há huns montes estreitos.

2 – Estreitos e curtos onde quer acabam e principiam outros.

3 – Nem há que dizer dos brasos que são pequenos.

4 – Não nascem aqui rio alguns.

5 – Não tem vilas nem lugares nestes montes.

6 – Há muitas fontes de boas agoas.

7 – Não há minas de nenhuma propriedade.

8 – Tem estes ditos montes castanheiros e carvalhos e não há mais que dizer.

9 – Não mosteiros nestes montes da dita freguezia nem a este artigo que se relate.

10 – O temperamento hé muito bem temperado tanto de Inverno como de Beram.

11 – Nestes montes há gados e casa de perdizes. e coelhos moderadamente.

12 – Nam há lagoa, nem fojos notaveis.

13 – Não há neste que dizer.

A respeito de rios

1 – Corre o rio de Home nasce, dizem, em Galiza.

2 – Corre todo anno.

3 – Não entra aqui algum rio nelle.

4 – Não hé navegavel, nem de embarcasois senão alguns barcos.

5 – Hé o curso arrebatado em toda a sua distancia.

6 – Corre de Nascente para Poente.

7 – Os peixes hé só trutas, vogas e escallos de todos estes igoalmente.

8 – Há pescarias todo anno com humas redinhas.

9 – São as pescarias libres.

10 – Não se cultivam as margens, tem arvoredos silvestre só.

11 – Não sei tenham virtude as suas agoas.

12 – O nome sempre hé o mesmo em todas as partes e sempre o foi.

13 – Morre este rio de Homem no rio Cavado onde se chama o Bico.

14 – Tem pesqueiras e nada mais e estas muntas.

15 – Não tem o distrito desta freguezia ponte de pao nem de pedra.

16 – Não tem nesta freguezia no seu distrito moinhos, nem coiza alguma em outras partes abaixo e asima muitas zenhas.

17 – Não há noticia se tira-se ouro deste.

18 – Os povos uzam livremente de suas agoas, sem pensam nem nada.

19 – Desde o seu nasimento até onde acaba terá coiza de sete legoas.

Hé o que posso informar que juro *in verbo sacerdotis* sendo necessario.

Hoje, em S. Matheus, 13 de Abril de 1758.

O abbade Vasco Marinho Falcão

O abbade de S. Joam da Balança, Francisco Botelho Mouram

O encomendado da igreja do Salvador do Coutto de Soutto, padre Manoel Soares de Araujo.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Tombo da Igreja*, 1539, cx. 246, n.º 7;
- *Obrigação à fábrica do Santíssimo Sacramento*, 1757, Livro 123, fl. 330.

RIO CALDO

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 32, memória 112, pp. 667 a 672



Igreja Matriz de Rio Caldo.

Relaçam da freguezia de S. João Baptista de Rio Caldo

1 – Fica esta freguezia situada junto do rio Cavado, da parte do Poente, na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebisgado de Braga e comarca de Vianna aonde pertence. Tem de Norte a Sul distancia de huma legoa e Nascente a Poente três quartos de legoa.

2 – Não conhece outro senhor temporal senão a El Rei Nosso Senhor, que Deos guarde porque são feitas as justiças que a rege pello

corregedor da comarca de Vianna e só tem por donatario dos quatro escrivaens do concelho a que hé sujeita D. Luis Manoel Sá Coutinho, fidalgo da Tapada e fronteiro mor da praça da Portella de Homem.

3 – Tem cento e trinta e seis moradores e quinhentas pessoas de sacramento.

4 – Está esta freguezia situada em hum vale e della se descobrem sete povoaçoens que são Santo Antonio de Villar da Veiga, S. Mamede de Caniçada esta parte pela parte do Sul e aquella pella parte do Nascente, S. Martinho da Ventoza pella parte do Sul e também S. João da Cova, Nossa Senhora do Rozario de Louredo, Sam Gens de Salomonde, Santa Marinha de Ferral pella parte também do Nascente. Dista da freguezia de Santa Marinha de Ferral três legoas e da de Salomonde duas, da de Louredo dous quartos e meio de legoa e com as mais comfina e parte.

5 – Hé sujeita immediatamente ao concelho de Sequeirós isento de nelle se alistar soldados por serem os moradores deste concelho e do de Santa Martha de Bouro e couto de Souto sujeitos e obrigados á praça da Portella de Homem por hum contrato que estes tem antiquissimo com os senhores Reis de Portugal já novamente confirmado por Sua Magestade que Deos guarde.

6 – Está esta parochia no lugar do Assento, no meio da freguezia e tem mais o lugar de Parada, Seara, Matavaquas, Cadaval, Torre, Quintam, Crasto Pero, Sam Pedro, Granja, Paredes e Aldea de Sá e estes com pouqua distancia de huns aos outros, ahinda que do lugar da Seara ao do Cadaval hé mais de meia legoa.

7 – O seu orago hé Sam João Bautista. E tem a igreja cinco altares: o do Senhor onde está sempre collocado o Santissimo Sacramento, o da Senhora do Rozario ambos tem confradias mas pobres e de Santo Antonio também tem confradia pobre, o do Nome de Deos e de Sam Sebastião. Há huma irmandade das Almas mas ainda pobre.

8 – Hé o parochio della abbade eleito por concursso e pertence a Santa Maria da Sé de Braga. Tem de renda em cada anno quinhentos e sessenta mil réis.

9 – Paga de pensam a hum sobrinho de Agostinho Marques do Couto cinquenta e dous mil réis e nam tem mais nenhum beneficiado.

10, 11 e 12 – Ao decimo, undecimo e duodecimo, nada.

13 – Tem três irmidas que são Sam Bento no lugar da Seara, St^a Luzia no lugar de Matavaquas, Sam Christovam no lugar de Sam Pedro e pertencem ao parcho da freguezia.

14 – À irmida de S. Bento acodem muitos devotos e hé frequentada sua romagem nos dias do seu orago e em muntos mais dias do anno pellos muntos milagres que obra em sua imagem.

15 – A maior abundancia de frutos que produz são muinto vinho verde, milham ordinario e senteio pouquo, azeite bastante e de toda a mais quoaalidade de frutas, munta laranja e limam, porém terra muito pensionada.



Interior e capela-mor
da igreja de Rio Caldo.

16 – Tem juiz ordinario que hé do mesmo concelho de que a freguezia hé subjeita e não hé subjeita a outra justiça, nem comarca, senão à de Vianna, excepto à justiça do tabaco e sabam que a isso também está subjeita como também à da milicia.

17, 18 e 19 – Ao decimo setimo e oitavo e decimo nono, nada.

20 – Serve-se do correio de Braga para o Porto, Coimbra e Lisboa e não tem outro correio.

21 – Dista de Braga, cidade capital quatro legoas e de Lisboa conforme dizem sesenta legoas e quatro.

22 – Tem o privilegio de não dar soldados nem lançarem aos labradores egoas de El Rei e izenta de todas as mais praças do Reino por estarem obrigados os moradores por contrato com Sua Magestade a esta praça da Portella do Homem.

23 – Há perto desta freguezia em distancia de huma legoa sinquo fontes ou poços que se chamam as Caldas do Gerez, muito bem experimentada a sua virtude ahonde concorrem varios emfermos que nellas recuperam e cobram perfeitamente saude e tem grande concursso nos mezes de Junho, Julho e Agosto e Setembro cuja descricssam hirá na freguezia aonde pertencem.

24 – Não tem esta terra porto de mar, mas antes fica distante de Fam, porto mais perto nove legoas.

25 e 26 – Ao vigesimo quinto e vigesimo sexto, nada.

27 – Há nos lemites desta freguezia no monte chamado o Alto da Cabreira asima do lugar da Seara, huma pedra com bastantes grandeza e nella se acham sinais vestigios ou pegadas debuxadas e escritas assim das plantas como dos joelhos que dizem por tradiçam dos antigos serem de Santa Eufemea, filha de Caio Atillio e de Dona Calcia, gentios e que por estes montes handara fazendo penitencia retirada da pressiguiçam do gentilismo. Os mesmos e semilhantes vestigios se acham em huma pedra que se acha a Cruz do Touro e outros muntos na freguezia de Covide onde dizem fora martirizada.

Serras

1 – Está esta freguezia entre três serras, porem fica seu maior assento em hum valle e faldra da serra do Formigueiro ou de Santa Isabel. Fica esta serra da parte do Poente, tem de Norte a Sul três legoas e fenece pella parte do Norte na serra do Gerez e de Nascente a Poente huma legoa. E fica o rio Cabado que corre pella parte do Nascente e o rio Homem que corre pella parte do Poente. Não tem outro fruto mais que erva e tojo e urzes e giestas.

3 – Onde tem o seu maior nome hé no Formigueiro é o braço principal.

4 – Nace hum rio lemitado nella que corre pera a parte do Sul e fenece no rio Cabado.

5 – Tem lugares e freguezias de ambas as partes della e são ribeiras baixas que ficam ao longo della. Pella parte do rio Cabado fica a freguezia de Santa Marinha de Valdozende e esta de Rio Caldo e o lugar de Freitas que hé de Santa Marinha de Covide e pello do rio Homem ficam muitas a que em seus lugares responderam.

6 – Não há no seu distrito fonte de propriedade rara e só são fontes comuas em sua qualidade.

7 – Ao setimo, nada.

8 – Não consta nella haver outras plantas mais que as referidas e hé esta serra cultivada no alto da serra. E tem uma freguezia chamada Santa Isabel do Monte e só colhem senteio e algum pouco milham e nada mais.

9 – Ao nono, nada.

10 – Hé de temperamento frio e secco e com rezidencia de neve nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

11 – Alguns gados se criam nella meudos e grossos, cria alguns javalizes e lobos e coelhos e pouquas perdizes.

12 – Tem hum fojo grande no sitio da Amarella onde tem cahido alguns lobos, mas pouquos.

13 – Não há mais couza digna de memoria.

Serra do Gerez

Fica esta da parte do Norte a Nascente, tem três legoas de Nascente a Poente e três de Norte a Sul. Não tem povoação alguma e devida pella parte do Norte a raia e Reino de Galiza e nesta raia fica a praça da Portella de Homem. Entre dous braços desta serra, para a parte do Poente estão as Caldas do Gerez em distancia de huma legoa desta povoação e só são povoadas nos mezes asima referidos. Tem esta serra huma grande iminencia de penhas a mais alta dellas se chama Borrajeira onde rezide a neve em alguns annos, a maior parte do anno nella se criam alguns gados grossos. Tem caça de lobos, jabalizes, cabras bravas, pombas trocazes, águias, açores, rapozas, corças e algum veado mas piquenos. Tem varias qualidades de arbores que ahinda se lhe não descobrio sua virtude e os nomes dellas são: muitos feixos, videiros, azereiros, arandos, muntos carvalhais e algumas mais cujo nome se ignora e todas estão pellos ribeiros e vaixas da mesma serra.

Serra de Vieira

Fica esta da parte do Sul e corre do Sul a Nascente. Tem de comprido quatro legoas, principia asima da ponte do Porto e corre a ribeira do rio Cabado até finalizar no concelho de Barrozo, tem de largo huma legoa e tem povoaçoens de ambos os lados e varias freguezias. Tem creação de bestas, gado grosso e meudo e caça de coelho, perdiz e lebre e hé munto mais amena que as duas asima. Todas tem bastantes agoas e muntas fontes, porém todas da qualidade fria e por consequencia hé terra toda asima abundante de frio e munto açoutada do Norte de quem toma o seu temperamento e não tem couza maravilhosa de que se dê conta.

Rios

1 – Passa o rio Cavado nesta freguezia pella parte do Sul e nasce no concelho de Barrozo.

2 – Nasce logo fundo em algumas lagoas e corre todo o anno.

3 – Entram nelle o rio Xanoane, o rio Caldozo ou das Caldas, o rio da Mizarella chamado de Poldras e o rio Toco. O rio Xanoane e o das Caldas se juntam ambos antes de entrarem no Cabado no sitio chamado Entre-os-Rios, lemites desta freguezia e dahi a hum estadio entram ambos no rio Cabado.

4 – Não hé navegavel, nem capaz de embarçaõens, não por falta de agoa mas por ser despenhado e passar por terras asperas e fragosas quazi a maior parte delle e sempre de decida e ahida.

5 – Corre de entre Nascente e Norte a entre o Sul e Poente.

6 – Cria alguns salmoens mas pouquos, vogas, trutas e escalos, eirós e anguias e alguns cágados.

7 – São cultivadas as ribeiras deste rio donde nasce té o mar onde entra e não tem margens de planicia senão desde a ponte do Porto de Fam donde entra no mar.

8 – Não tem virtude particular as suas agoas, só sim são munto frias e fortes.

9 – As pescarias são livres des donde nasce té o mar donde entra e não sei tenham senhor particullar.

10 – Há nelle todo o anno pescaria excepto no tempo que prohibe a Ordenaçam do Reino.

11 – Nada.

12 – Sempre conserva o mesmo nome, porém algum tempo donde nasce té espaço de duas legoas se chamava rio de Mourilhe.

13 – Morre no mar oceano e se chama o sitio onde entra Fam.

14 – Hé por espaço de seis legoas quazi todo cachoeira e por hisso incapaz de ser navegavel.

15 – Há pouquos annos a esta parte tinha este rio quatro pontes que heram a ponte de Frieira, a ponte do Porto e a ponte de Prado e a ponte de Barcellos. Porem hoje não conserva senão três, porque a da Frieira que ficava nos limites desta freguezia se arruinou com huma grande enchente que ouve em o anno de mil setecentos e quarenta e dous, cuja ponte foi feita por ordem de Sua Magestade com cuja falta padecem os passageiros e moradores e emfermos que vem para as Caldas do Gerez, muitas inclemencias e há varios perigos na passaje do rio não só porque as agoas são muito fortes e cahem despenhadas, mas também pella passaje ser horrivel e medonha.

16 – Tem este rio muntas moajes e se chamam zenhas e alguns moinhos.

17 – Ao decimo setimo, nada.

18 – Nam uzam os povos de suas agoas para a cultura dos campos porque senão extrahem delle agoas para fora de sua corrente por ser rio munto fundo e baixo. Tem este rio de vinte legoas donde nasce té o mar onde entra e passa perto da villa de Montealegre, Ruibais, Ribeira de Soaz entre esta e o concelho de Sequeirós, entre o concelho de St^a Martha e Sam João de Rei, Prado, villa de Barcellos e lugar de Fam.

19 – Tem este rio vinte legoas donde nasce te donde acaba e passa pellas povoaçoens asima referidas.

20 – Não há couza mais digna de memoria.

Discorre por esta freguezia outro rio pequeno chamado Xanoane de Norte a Sul, principia asima do lugar de Barrias junto do cruzeiro do Campo e tem huma legoa de curso té se juntar com o rio das Caldas.

Rega este rio muntas terras desta freguezia e da de Covide em cujos limites nasce e tem moajes de moinhos e tem pesca de trutas, vogas e alguns escalos e não tem outra pescaria. E ficam da parte do Norte na ribeira do rio montes que tem arbores, a saber, carvalhos e ervideiras que dão todo o anno fruto mas indigesto e da parte de Poente tem o lugar de Freitas e meia parte desta freguezia.

Vem o rio das Caldas emvocar no Xanoane aos limites desta freguezia ao sitio chamado Entre os Rios e nasce na serra do Gerez no sitio chamado Leonte e corre de Norte a Poente e tem de distancia legoa e meia té invocar no Xanoane. Cria trutas té às Caldas e abaixo algumas vogas e escalos e não tem outra pescaria. Passa pellas Caldas de Gerez e vem por entre dous braços da serra. Rega muntos campos e huma boa veiga da parte do Norte e outros campos e outra veiga plana da parte do Nascente e ambas as veigas estão em planice cujo rio passa pello meio. Tem algumas moajes de moinhos e não tem outro engenho algum nem o asima.

Pello reverendo abbade desta freguezia, Gonçallo da Costa Faria se achar com molestia grave, impossibilitado para fazer esta copia a fiz eu, o cura coadjutor o padre Frutuozo Vieira Ribeiro e assignei por elle reverendo abbade e em seu nome.

Hoje, 10 de Maio de 1758 annos.

O padre Fructuoso Vieira Ribeiro, cura

O abbade Alexandre do Valle Araujo.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Tombo da Igreja*, 1590 (1542), Livro 2, fl. 26;
- *Obrigação à fábrica da Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso*, 1722, Livro 50, fl. 313v; 1724, Livro 116, fl. 42v;
- *Provisão para se dizer missa na Ermida de S. Bento*, 1615, Livro 12, fl. 131v.

SOUTO

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 12, memória 427, p. 2925 e ss.



Igreja Matriz de Souto.

Em cumprimento de huma ordem deambulatoria do Munto Reverendo Senhor Doutor Provisor que me foi entregue aos vinte e coatro dias do mês de Março do anno de 1758 annos, o que posso emformar hé o seguinte:

Naquella parte onde diz venha tudo escripto em letra legivel e sem breves.

1 – Em que Provincia fica hé a Provincia do Minho, a que Bispado pertence, pertence ao Arcebispado de Braga, comarca de Viana, hé freguezia do Salvador do Coutto de Soutto.

2 – Se hé de el-rei ou donatario, hé de donatario. E quem hé o que apresenta, hé o reverendo abbade de Sam Paio de Sequeiros.

3 – Quoantos vezinhos tem e numero de pessoas, tem [vinte e dois] vezinhos (*sic*, por lugares ou casais?) e tem trezentas e quorenta pessoas de sacramento de hum e outro sexo, casados setenta e oito, vevuos trinta e dois, solteiros dezasseis, menores corenta, absentes trinta e três, foguos cento e dezoito.

4 – Se está situada em campina, está situada em huma ribeira entre hum monte que se chama o monte de Eiró e do alto delle se descobrem terras emthé o mar e um rio que se chama o rio de Homem e dista do mar dez legoas pouco mais ou menos.

5 – Se tem termo, hé couto e compreende somente a freguezia.

6 – Se a paróchia está fora do lugar, está na entrada do lugar e tem treze lugares a saber, lugar de Santa Cruz, Sequeiró, Paços, Pardieiro, Quintanis, Carvalho, Sá, Santa Eufemea, a Porta, Outeiro, o Paço, lugar da Igreja.

7 – O seu orago hé o Salvador do Coutto de Soutto. Tem cinco altares: o altar mor hé o do Senhor, o colateral da parte direita hé o do Nome de Deos, o da parte escerda hé o de Nossa Senhora, mais da parte escerda o de Santo Antonio e da parte direita o do Senhor Crucificado. Tem huma irmandade do Senhor com cinco jubileus em cada hum anno por Bula Pontefícia e perpetua. Tem mais outra das Almas inscrevida em a capella de Sam Roque por autoridade ordinaria e também cinco jubileus em cada hum anno por Bula Ponteficia o altar prevelegiado perpetuamente.

8 – Se o parcho hé cura, hé vigário o apresenta o reverendo abbade de Sam Paio de Sequeiros. Tem de congrua vinte mil réis e o pé de altar que são cento e vinte rasas de milho de obrada, duas pipas de vinho em anno delle com o pé de altar será tudo pouco mais ou menos setenta mil réis. A dizimaria que hé do reverendo abbade anda arrendada em trezentos e noventa e dois mil réis.

9, 10, 11 12 – Ao nono, decimo, undecimo e duodecimo interrogatorios, não tenho quem formar.

13 – Tem duas hermidas huma de Santa Cruz no meio do lugar, outra de Sam Roque que está na entrada do lugar da igreja e dista da igreja hum tiro de espingarda pouco mais ou menos.

14 – Acodem a Santa Cruz em o dia três de Maio de cada anno gente bastante e mercancias varias.

15 – Os frutos da terra que os moradores colhem em mais abundancia hé milham e vinho.

16 – Tem juiz ordinario e esta sujeita ao corregedor da comarca de Viana.

17 – Hé couto.

18 e 19 – Ao decimo oitavo e decimo nono emterrogatorios, não tenho que emformar.

20 – Não tem correio e se servem do correio de Bragua e dista a terra adonde elle chegua duas legoas.

21 – Dista da cidade de Bragua três legoas e de Lisboa [sem referência].

22 – Tem hum privilegio por contrato oneroso de guardarem a Portella do Homem à sua custa o concelho de Terras de Bouro, o de Santa Martha de Bouro e Coutto de Soutto.

23, 24, 25, 26, 27 – Aos interrogatorios vigesimo tercio, vigesimo coarto, vigesimo quinto, vigesimo sexto, vigesimo setimo não tenho que emformar.

Naquella parte onde diz o que se procura saber dessa serra hé o seguinte:

1 – Chama-se a ribeira de Homem.

2 – Tem de comprido três legoas pouco mais ou menos e de largo [hum] pouco mais ou menos, prencipia na ponte de Caldellas e acaba na Portela de Homem.

3 – Os nomes dos principais braços dela hé o termo da villa da Barqua e Santa Marta de Bouro.

4 – Nace dentro della o rio Homem, corre pera o Poente e fenece e se mistura em outro na ponte de Prado.

5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 – Ao quinto, seisto, setimo, oitavo, nono, decimo, undecimo, decimo segundo, decimo terceiro emterrogatorio – nam tenho que emformar.

Naquela parte onde diz que se procura saber do rio dessa terra hé o seguinte:

1 – Chama-se o rio Homem e nace no extremo de Portugal e Gualliza.

2 – Nace brando e com poucas agoas e corre todo o anno. Entra nelle em vista de Prado e se mistura outro rio.

4 – A coarto emterrogatorio, não tenho que emformar.

5 – Hé o curso delle em partes arrebatado e em partes quieto e vai junto com outro entrar no mar na villa de Fam.

6 – Se corre de Norte a Sul, corre do Nacente pera o Poente e vai junto com outro emtra no mar na vila de Fom [por Fão].

7 – Cria peixes, escalos, trutas, voguas são os de maior abundancia.

8 – Se caçam em todo o tempo do anno exceto os três mezes defezos Abril, Maio e Junho.

9 – Tem libres as pescarias exceto alguns poços de senhorios particulares em varios sitios dele.

10 – Cultivam as suas margens e tem arvoredo de fruto como são: castanheiros, carvalhos, cerdeiras e outras muitas mais fruteiras.

11 – Ao undecimo emterrogatorio não tenho que emformar.

12 – Conserva sempre o mesmo nome de rio de Homem.

13 – Entra em o rio de Prado na mesma vila de Prado no sitio chamado o Bau do Bico.

14 – Ao decimo quarto emterrogatorio não tenho que emformar.

15 – Tem huma ponte que se chama a ponte de Caldellas, de cantaria e esquadria no sitio de Caldellas mesmo.

16 – Tem zenhas e moinhos em que se moi os labradores as suas fornadas. Tem a freguezia dois lagares de azeite onde moiem com bois.

17 – Ao decimo setimo emterrogatorio, não tenho que emformar.

18 – Os povos usam libremente de suas agoas pera a cultura de seus campos e sem penssonis.

19 – Tem coatro legoas de comprido donde principia que hé Vilarinho de Furnas e por outra parte principia também o mesmo rio e com efeito se vai fazendo caudelozo emthé entrar no dito sitio de Vao de Bico que terá distancia coatro legoas pouco mais ou menos.

Hé quoanto pode alcançar de noticias conducentes aos emterrogatorios do folheto que a principio disse recebi e passei a certidam de como ficava em meu poder o dito folheto e numero de emterrogatorios aos coais respondo na forma retro expendida que vai numerada e assinada pellos dois parochos meus vezinhos de Sam Pedro de Valbom e Sam Matheus e comiguo feito e assinado o que juro *em verbo sacerdotis* sendo necessario.

Eu o padre Manoel Soares de Araujo, emcomendado da igreja do Salvador do Couto de Souto, hoje, vinte e nove de Abril de 1758 annos.

O encomendado, o padre Manoel Soares de Araujo

O padre Manoel da Silva Marques, abbade de Sam Pedro de Valbom,

Vasco Marinho Falcão, abbade de Sam Matheus da Ribeira.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Obrigaçào à fábrica do Santissimo Sacramento*, 1710, Livro 42, fl. 53.

VALDOZENDE

IAN/TT – *Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso*
Vol. 38, memória 71, pp. 361 a 371



Igreja Matriz de Valdozende.

Satisfazendo à ordem que me remete o Reverendo Senhor Doutor Provisor da Corte Primaz de Braga, na coal me manda dar noticia dos interrogatorios juntos o que fiz com toda a clareza que me foi posivel e são os seguintes:

1 – Esta freguezia de Valdozende hé da Provincia do Minho e do Arcebispado de Braga, da comarca da villa de Viana, pertense e hé do concelho de Sequeirós, Terra de Bouro.

2 – Hé donatario deste concelho e de Terras de Bouro, o fidalgo de Sam Joam de Rei, Luis Manoel de Azevedo que hé de presente o hé.

3 – Tem esta freguezia cento e dois fogos e pessoas de sacramento trezentas e cincoenta e duas.

4 – Está esta freguezia situada em a baixa de huma serra e nella e no seu destrito tem muitos altos e baixos, terra costa e aspera, acaba nas margens do rio Cabado o coal pello seu curso arrebatado a faz mais despenhada. Desta freguezia se descobre da outra parte do rio quazi ou a maior parte da Ribeira de Soáz por estar situada nas margens do mesmo que também a faz dependurada e com pouca planise. Também está de frente desta freguezia o lugar de Pandozes onde mora o capitam mor da dita Ribeira de Soaz, o coal tem huma boa capella em sua casa com a evocassam da Senhora Santa Anna. E pegado à ditta capella tem hum grande cazario com varias portas rasgadas e no fim dellas pegado à dita capella huma caza torre e desta freguezia nam dista mais que o dito rio Cabado.

5 – Hé esta freguezia do comcelho de Sequeirós, Terras de Bouro e nam tem termo seu.

6 – Esta igreja está situada no meio do lugar chamado Valdozende. Tem além deste o lugar de Paradella de Enxirigo, tem o lugar de Vilar a Monte, tem o lugar de Villarinho, tem o lugar de Perdizes.

7 – O orago desta freguezia hé a milagroza Santa Marinha. Tem esta igreja três altares coletrais. Tem hum altar da Senhora do Rozario, tem outro de Sam Sebastiam, tem outro de Santo Antonio. Nam tem naves. Tem huma irmandade das Almas e tem irmandade e confraria do Santissimo Sacramento que está colocado nesta igreja de Santa Marinha de Valdozende.

8 – O parochio desta freguezia hé abbade da apresentação Real Combeno de Bouro que hé o que apresenta. Rende trezentos e sincoenta mil réis pouco mais ou menos.

9 – Nam tem esta freguezia beneficiados e tam somente conserva o pastor.

10 – Nam tem esta freguezia combentos alguns nem de religiosos nem de religiosas.

11 – Também esta freguezia nam tem hospital, nem quem o fassa por ser terra pobre.

12 – Nam tem esta freguezia caza de misiricordia, e nam há couza que nesta se possa escrever que seja notabel.

13 – Tem esta freguezia três cappellas a saver: no lugar de Pararella de Enxerigo tem a cappella de Sam Thomé que nella permanesse sem fazer milagres. Tem no lugar de Villar a Monte a cappella de Sam Gonçalo, sem fazer milagres; tem no lugar de Villarinho a cappella de Sam Quaetano também sem milagres. E todas as três cappellas estão dentro dos ditos lugares e são comuas dos freguezes e são administradas pellos abbades da dita freguezia.

14 – A estas cappellas nam acode romagem alguma. E somente à cappella de Sam Gonçallo em dez de Janeiro bom (por, vão) dois clamores que bem a ser os freguezes de Santa Izabel e os de Sam João de Rio Caldo, ambos com cruz alorada.

15 – Os frutos desta freguezia hé: milham, centeio, painso, milho alvo. E de todos o que sacia a terra hé o milham, que os mais são em pouca quantidade. Colhe vinhos verdes bastantes para a terra quando o Senhor o dá, que esta terra aneira pellos temporais a fazerem fria. Também colhe azeite que alguns lavradores tem para sua caza e para vender.

16 – Esta freguezia hé do concelho de Sequeirós, Terras de Bouro a quem está sugeita. Tem juiz espadano feito por pautas a que assiste o corregedor da comarqua e também elegem breadores. E estes são a camera do dito concelho.

17 – Nam hé couto, nem cavessa de concelho, nem beetria.

18 – Nam há nesta freguezia memoria de que nella ouvesse home que fosse digno de celebrar nome eterno, assim em Letras, como em Armas e menos em Virtudes.

19 – Esta freguezia nella nem em seus limites tem feira alguma, nem menos citios para nella se fazer, por ser toda de altos e baixos.

20 – Esta freguezia nam tem correio. Serve-se do correio de Braga que dista desta freguezia coatro legoas e na Quinta Feira de cada somana se lançam as cartas no correio para elle partir na Sesta Feira e dão-se as cartas na Segunda Feira proxima.

21 – Desta freguezia à cidade capital de Braga são coatro legoas e da dita freguezia à cidade capital do Reino pouco mais ou menos, costumam os caminhantes comtarem setenta e huma legoas.

22 – Nam tem esta freguezia privilegio particular. Mas sim tem estes dois concelhos assim o de Santa Marta de Bouro como o de Sequeirós tem os tais conselhos obrigassam de gardarem a Portella de Home e estão obrigados por seus bens à defensam daquele porto raia de Galliza, pello que lhe tem Sua Magestade que Deos goarde comcedido por papeis firmados com o sinal do Soverano para que nos ditos dous conselhos se nam possam listar soldados por lhe serem necessarios para a defensam do dito porto o que assim se observa.

23 – Nesta freguezia há muitas e varias fontes com sabrozas agoas e bem claras e cristallinas por nacerem de fragas asperas. Porém, nam tem virtude espical.

24 – Muito dista esta freguezia aos portos do mar que há nesta Provincia do Minho e nam há nesta parte que se possa dizer.

25 – Nam tem esta freguezia cousa que se possa dizer sobre o que no artigo se pede.

26 – No Terramoto do anno de mil e setecentos e sincoenta e sinco nam padeceo esta freguezia dano algum nem em cazas nem em gente.

27 – Nesta freguezia nam tem cousa alguma que seja digna de memoria por nella nam haver senam huns pobres labradores que cuidam somente no seu trabalho para terem com que passarem a sua laborioza vida.

E em todos os interrogatorios supra nam tenho mais que dizer a elles.

Principiam os interrogatorios da serra que são os seguintes:

1 – Chama-se a esta serra o Formigueiro, comessa em hum lugar que chamam Paranhos que fica por sima de Amares e deste passa para Santa Cruz lugar que nelle se colhe milham e centeio e pouco milho miudo e algum vinho muito verde. E deste lugar parte a hum mais alto ou portella que chamam o Presouro e desta portella vai seguindo a mesma e maior altura para a freguezia de Santa Izabel dos Montes, terra destemperada de frio onde se nam colhe senam centeio e também semeam algum milhão o coal mui poucos annos perduz por rezam dos frios e somente sendo os calores demaziados entam lhe perduz algum probeito. E desta paraje vai à serra seguindo-se comcerando a mesma altura athé o castello de Cubide onde acaba nesta freguezia e ali finaliza em huma freguezia de assento plaino e athé este termo faz pouco mais ou menos duas legoas de comprido.

2 – De largo tem esta serra de comprido duas legoas e de largo tem huma legoa, pouco mais ou menos. E como tenho dito principia em o lugar de Paranhos por sima de Amares e acava no castello da freguezia de Cubide.

3 – Comserva esta serra o mesmo siguimento sem lançar travessos, em partes tem alguns sitios que lhe poem alguns nomes, como digo asima, Santa Cruz, Santa Izabel e Valhadoussa, o Foijo e o Castello.

4 – Desta serra nam nasce rio algum e tam somente nascem varias fontes que servem para varias poboaçois regarem os seus milhos, como esta freguezia de Santa Marinha de Valdozende hé huma dellas.

5 – Nesta serra nem ó pé della nam tem villa alguma, somente tem o lugar de Santa Cruz e Santa Izabel dos Montes, freguezia e a freguezia de Cubide onde a serra acava.

6 – Esta serra em todo o seu distrito nam tem fontes que tenham nome de terem alguma virtude particular nem de tal se acha noticia.

7 – Esta serra nam há nella nem oube que conste por tradisam antiga minas de metais nem canteiras de pedras e as muitas que tem são penedos como Cazas.

8 – As plantas desta serra são carvalhos sirquinhos que produz de sua natureza e alguns alvarinhos que tem como hé nas partes que se cultiva como hé na freguezia de Santa Izabel e na de Cubide e nesta o mais que se colhe hé centeio o mais que tem para o sustento dos gados hé tojo e urze na maior quantidade em algumas partes onde correm as fontes faz lameiras de paúlos e erbas bravas e hé de que se compoem a dita serra.

9 – Nesta serra nam há mosteiros, nem igrejas de romagem, nem imagens milagrozas. Somente na baixa della pegado o rio Cabado há hum mosteiro de frades Bernardos e que também em huma baixa da mesma serra há uma romagem muito antiquissima de Nossa Senhora da Badia, Senhora de muitos milagres e com ser romagem a melhor de quinhentos annos inda se concerva com o mesmo culto e curso de gente.

10 – O temperamento desta serra hé de frio pello que nam perduz frutos como as mais terras.

11 – Nesta serra tem os que nella havitam criassam de gados grossos e de cabras e ovelhas e também nella pastam os havitadores que vivem nas faldas della. E para ella de Bram lansam os seus gados como são bacas e nella em vezeiras as gardam por dias huns e outros. Há nella lobos e rapozas e porcos bravos, há coelhos e perdizes e nam trás outro genero de animais.

12 – Nam tem lagoas grandes, nem fojos. Tem varios dispinha-deiros e barrocos pirigosos a os gados.

13 – Digno de memoria de que me paressa dar comta, nam sei o tenha mais do que escrito que fiz com toda a atensam devida.

Comeso a descrever o rio Cabado que hé o que passa por esta freguezia.

1 – Este rio chama-se o rio Cabado, começa por sima de Montealegre em hum lugar que chamam Meixedo, em huma lagoa que faz logo huma boa levada de agoa.

2 – Este rio nam nasce caudelozo e somente comesa em huma levada de agoa e todo o anno corre, mas com menos quantidade de agoa mas sempre neste sitio hé caudelozo.

3 – Neste rio entram varios ribeiros assim de huma parte do rio como da outra. E somente entra nelle hum rio que vem do lugar de Pondres e se mette nelle no sitio da Mizarella. E da serra do Gerez bem hum riato a que chamam o Toco que também emtra nelle pegado a fumo. Também outro rio da serra de Gerez que bem da paraje de Lionte, caminhando pella paraje das Caldas do Gerez e entra neste rio Cabado em a freguezia do Villar da Beiga e deste para baixo varios ribeiros. E também entra nelle hum riato que bem do Monte de Bouro, freguezia de Samta Izabel, o coal desse ó pé do mosteiro da Senhora da Abadia e emtra no rio Cabado pegado a Caveseiros junto do combento de Bouro. E daqui para baixo vai recebemdo varios ribeiros e fontes que para elle correm. E no lugar chamado Vau do Vico, emtra nelle o rio Homem que bem da Ribeira de Homem e na mais distancia darão rezam os que delle são mais comfrontantes que eu que fico com muita distancia.

4 – Neste rio nam se pode navegar por ter em partes muita penedia em que faz grandes saltos de agoa. E somente tem varios possos nos coais as agoas bam (por, vão) brandas e nestes andam barcos de

remos para os caminhantes passarem de huma parte para a outra e também servem para pesca.

5 – Do nascimento deste rio Cabado até o sitio da Ponte do Porto sempre o seu curso hé muito bem arrebatado, exseto alguns e muitos possos em que fica a agoa morta sem mostrar bea de agoa.

6 – Este rio Cabado corre de Nascente a Poente em todo o curso da sua corrente.

7 – Cria este rio Cabado de genero de peixes cria: trutas, bogas e escalos, amgias e também em alguns annos bem correndo e suvindo por elle lampreas e também salmois em alguns possos andar á como hé em os possos de fumo que nunca estão sem salmois e em maior cantidade são bogas.

8 – Neste rio há pisqueiras com suas açudres que cassam com redes de arcos nos mezes de Março, Abril e Maio e Junho. Nos meses de Bram entam se barrem alguns possos com redes.

9 – As pisqueiras que tem açudre feita com pedras são de quem as fez, pois gastou com ellas e somente o tal entra nellas e ninguém mais.

10 – As margens deste rio Cabado em as mais partes delle se cultivam até à beira da agoa e até à beira della dá pam e vinho e concerva muito espinho por serem as suas agoas muito propicias.

11 – Nam se save nem há tal há noticia tenham virtude particular.

12 – Sempre este rio se chamou o rio Cabado, suponho tomou este nome de hir muito baixo entre serras que por fundar tanto as faz muito despenhadas nas suas beiras d'agoa e sempre comcerbou este nome até se meter em o mar e nam há memoria que em outro tempo tivesse outro nome.

13 – Este rio Cabado bai morrer no mar e entra nelle no sitio chamado Fam.

14 – Este rio da villa de Barcellos até entrar no mar pelo informe que delle tenho nam tem acudres, nem cachoeiras que lhe impida o ser navegabel mas desta para cima até o seu nacimiento tem infinitas cachoeiras e muitas partes em que se cobrem as suas agoas por baixo de grandes e muitas penedias, como hé nesta freguezia no citio a que chamam Pontido, abaixo da Ponte do Porto outro citio a que chamam Afurada.

15 – Este rio Cabado tem hoje três pontes, a saver: a ponte do Porto, a ponte de Prado e a ponte de Barcellos, todas estas de cantaria. E tinha outra na estrada que bai para as Caldas do Gerez, a coal a lebou o rio e também hera de cantaria e por ser tam precisa para a passagem dos doemtes que por falta della tem sucedido muitos desastres na tal passagem e nam há justisa que suplique a Sua Magestade, que Deos guarde, para a mandar levantar.

16 – Tem este rio em muitas partes e passages delle tem muinhos e azenhas que pella maior parte nam andam senam de Bram por hirem as agoas mais recolhidas e assim concervam a moagem perto da terra.

17 – Nam consta que em tempo algum se tirasse ouro de suas areas e de nenhuma sorte no tempo prezente.

18 – Em toda a corrente deste rio Cabado se nam tira delle do seu nacimiento até se meter no mar, levada alguma para os campos se regarem por ser muito caudellozo e hir muito enterrado e fundo.

19 – Este rio do seu nacimiento até se meter no mar pouco mais ou menos, dizem os caminhantes tem dezanove até vinte legoas, poboação de lugares somente passa pella villa de Barcellos e nas mais partes vezinhas em muitas partes com campos e na maior parte com terra silvestre e arboredos e matos.

20 – Nam tenho cousa notabel, nem digna de memoria que nesta obra possa descrever por estar entre montes e penhas onde se nam acha senam bichos.

E como tenho dado satisfassam e reposta a todos os imterrogatorios que se contem nesta ordem conforme o meu limitado talento e informes que tomei para a tudo dar inteira satisfassam, fiz este encerramento que assino com os parochos meus vezinhos em fé de verdade.

Hoje de Santa Marinha de Valdozende, trinta de Abril de mil e setecentos e sincoenta e oito annos.

O abbade Alexandre do Valle e Araujo

O abbade de Rio Caldo, Gonçalo da Costa e Faria

O vigario Antonio Francisco.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Tombo da Igreja*, 1548, cx. 247, n.º 16;
- *Obrigaçãõ à fábrica dao Santíssimo Sacramento*, 1741, Livro 118, fl. 300;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Capela de S. Caetano*, 1688, Livro 40, fl. 26;
- *Obrigaçãõ à fábrica da Capela de S. José [corrigido S. Tomé]*, 1673, Livro 17, fl. 259v.

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 41, memória 276, pp. 1691 a 1706



Igreja Matriz de Vilar.

Emformação da freguesia de St^a Marinha de Villar

Sua Magestade que Deos guarde foi servido remeter ao Reverendo Doutor Provisor do Arcebispado Primaz huma ordem pera que os parochos respondessem aos interrogatorios que com a dita ordem vinham, os quouis com toda a venerasam de mim aseitos, pera responder a tudo o que nelles se me dettermina e com toda a clareza e verdade o que se me offrece dizer hé o seguinte:

1^o – Acha-se esta freguesia situada ao pé de hum valle chamado o Alto de Seixo e hé Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, comarca de Vianna, concelho de Bouro.

2º – A igreja desta parochia hé apresentaçam dos religiosos de Sam Bento, a quoaal apresentaçam compete ao dom abbade de Santo Andre de Renduffe e chama-se frei Jeronimo de Sam Bento e hé o provimento della *ad nutum* e pessoas de sacramento duzentas e sincoenta.

3º – Tem fogos sasenta e seis.

4º – Está como já disse ao pé de monte e por assim se achar situada nam descobre em circunferencia muita terra mas ao correr do rio será couza de sete legoas, pouco mais ou menos, o que se descobre. E as freguesias proximas de huma e outra parte do rio são as seguintes: Santa Marinha de Cobide, Sam Paio da Carvalheira, Esperito Santo de Brufe, Santiago de Chamoim, Sam Mamede de Sibois, Santa Marinha de Villar minha freguezia, Sam Mamede de Gondoriz, Santo André de Momenta, o Salvador de Valdreu, Santa Marinha de Chorençe, Sam Joam da Balansa, Sam Martinho de Babô (*sic*, por Valbom), Sam Miguel de Paçó, Sam Pedro de Babô, o Salvador de Souto, Santa Marinha de Oriz, São Miguel de Oriz e as mais que seguem na distancia de sete legoas cujos nomes ignoro.

5 – Hé esta freguezia huma das do concelho de Terras de Bouro, que compreende onze freguesias que bem a ser no dito concelho as seguintes: Sam Joam do Campo, Santa Marinha de Cobide, Sam Paio da Carvalheira, Santiago de Chamoim, Sam Joam de Rio Caldo, Santa Marinha de Baldozende, Santa Marinha de Villar minha parroquia, Santo Andre de Momenta, Santa Marinha de Chorençe, Sam Joam da Balança, Sam Matheus da Ribeira.

6 – A paroquia está fora do lugar hum tiro de mosquete e tem quattro lugares a saber: a Mota com dezanove fogos ou casas; Outeiro com vinte e seis, o Paço com sinco, Travaços com dezasete. Este concelho hé donatario delle Luis Manoel de Azevedo Sá Coutinho o quoaal apresenta os quatro tabaliains que nelle escrevem e o juiz delle o hé no civil e crime e à elleiçam delle prezide o corregedor da comarca de Vianna, compreendendo esta freguezia o numero das onze do ditto concelho chamado de Terras de Bouro.

7 – Hé o orago della Santa Marinha de Villar e tem quatro altares: Santa Marinha na capella maior, Nossa Senhora, Santo Antonio, o Menino Deos. Nam tem naves, nem irmandades, só a confradia do Menino Deos.

8 – Hé o paroco vigario, como já disse, apresentado pello Dom abbade de Santo Andre de Rendufe frei Jeronimo de Sam Bento e hé *ad nutum*, pois nam hé colado. Tem de renda pouco mais ou menos quarenta mil réis e para os religiozos.

9 – Nam tem beneficiados.

10 – Nam tem conventos.

11 – Nam tem hospital.

12 – Nam tem caza de misericordia.

13 – Tem três capellas. A primeira de Nossa Senhora do Livramento, que está fora da igreja distancia pouco mais ou menos dois tiros



Capela de Nossa Senhora do Livramento sobre cuja romaria e devoção diz o pároco que «vem a ela de romagem muito povo no dia da sua festividade na 1.ª oitava da Ressurreição e ainda pelo discurso do ano, fazendo preces várias freguesias de cruz levantada e assistência de seus párocos».

de mosquete e nam tem casas proximas à ditta capella. Tem duas irmandades, huma da vocaçam da mesma Senhora administrada pellos mesmos irmamos e a segunda das Almas adeministtrada pellos mesmos irmãos das Almas. A segunda capella de Sam Bento, cita no lugar de Travaços, proxima às casas do dito lugar, administrada pellos religiozos de Santo Andre de Rendufe, da Ordem de Sam Bento.

14 – À capela de Nossa Senhora do Livramento vem a ella de romagem muito povo no dia de sua festividade na primeira outava da Ressureiçam e ainda pelo discursso do anno, fazendo preces varias freguezias de Cruz levantada e acistencia de seus parocos; porém as precions de preces hé só no dia da Senhora.

E à de Sam Bento da mesma sorte vem gente de romagem; porém só hé no dia onze de Julho e no dia vinte e hum de Março também com as mesmas preces, porém com alguma deminuiçam à romagem asima dita.

Há a terseira capella de Nossa Senhora da Piedade com Santo Eleibom e Santa Efigenia que instituio o abbade Joam da Silva Tavares, abbade que foi em Sandiães em anexaçam de bens vinculados e contigua às cazas da morada do administrador actual o Doutor Antonio Gomes de Abreu.

15 – Os frutos que a terra produz são milham, senteio, trigo, feijam, milho miudo, painço, azeite e vinho, com declaraçam que só de milham, senteio e vinho hé que se colhe maior abundancia, porque dos mais frutos nam hé em muita quantidade. Isto se entende nos lugares Mota, Outeiro, Paço, porque estas fiquam proximos à igreja cituada, como já disse, ao pé do valle e junto ao rio Homem, porquanto o lugar de Travaços o quazi fica por sima da via militar que de Braga vai para Astorga, por ser terra mais alta nam produz azeite, trigo, só produz os mais frutos. Porém em maior quantidade hé milho e centeio e pouco vinho e muito verde, também se colhem castanhas como também nos lugares que asima disse e da mesma sorte de toda a fruta, mas nam em muita quantidade.

16 – Tem juiz ordinario no sivel e crime, como já disse, com dous vereadores e procurador e delle se apella pera o ouvidor de Sam Joam

de Rei de que hé Luis Manoel de Azevedo de Sá Coutinho. E nam hé couto, hé concelho e se fazem suas audiencias nos dias de Quinta Feira em o lugar de Sequeirós, citio em que tem a casa das dittas audiencias adonde chamam o foral.

17 – Nam hé couto.

18 – Nam há memoria de que da freguezia sahissem pessoas santas ou beatificadas, nem também quem florecesse em armas. Em Letras, o abbade Joam da Silva Tavares, opozitor que foi na cidade de Braga levando por concursso o beneficio de Sandians, consultado este das muitas varias e varias pessoas em questões de Moral; seu sobrinho o Doutor Joam da Silva Tavares, que faleceo na cidade de Lisboa, depois de ter servido a Sua Magestade que Deos em Santa Gloria haja, o Serenissimo Senhor Dom Joam quinto, o lugar de juiz de fora na ilha de Sam Miguel.

19 – Nam tem feira.

20 e 21 – Nam tem correio e serve-se do de Braga que parte à Quinta e chega ao Domingo. Dista este de Braga a Lisboa sacenta legoas e desta freguezia a Braga quatro.

22 – Tem este concelho o privilegio concedido pellos senhores Reis de Portugal, pera nelle senam fazerem soldados com o onus de que o dito concelho à sua custa defenda a Portella de Home em tempo de guerras, dando todo o nesessario e que precizo fôr à sua propria custa para a segurança do ignimigo pera o que tem o dito concelho huma trincheira e Casa de Goarda a quem acompanha o couto de Souto e concelho de Santa Marta por gozarem do mesmo privilegio.

23 – Nam há fonte nem lagoa selebre que as agoas tenham expecial virtude.

24 – Nam hé porto de mar.

25 – Nam hé murada, nem há castello, nem torre.

26 – Nam padeceo ruina no Terremoto.

Serra

1 – Chama-se o Alto do Seixo e deste se descobre mais de dez legoas em circumferencia e avista o mar e suas areas para o Poente na dita distancia.

2 – Tem de comprido duas legoas e meia pouco mais ou menos.

3 – Por esta serra ter mais de comprido que de largo nam tem braços, nem nomes propios e tem muintos nomes que são mais propios à sciencia delles aos lavradores que andam por ella sem serem communs os tais nomes ainda de huma freguezia pera a outra.

4 – Nam tem rios, porém sim varios regatos com agoa em abundancia e nem criam peixes nem tem prepiedade as suas agoas.

5 – Nam tem villas, só huma povoaçam chamada Santa Izabel do Monte.

6 – Tem muintas fontes, mas sem propriedade alguma.

7 – Nam há minas de metais, nem cantarias de pedras, nem de outros materiais.

Por esta serra se acha a via millitar que de Braga caminha para Astorga, cuja via ou estrada hé pella maior parte toda plaina, obra romana que com grande trabalho foi obrada, nam lhe movendo dificuldade aos operarios della a iminencia dos maiores e mais asperos montes. Em muitas partes adonde pello tempo do Inverno se nam podia passar em razam de alguns rios, fibricavam excellentes pontes das quais já fiz mençam, sendo a primeira a ponte chamada do Porto que fica o seu fundamento no rio Cavado que em algum tempo se chamou Cellano, o quoyal fica legoa e meia quazi caminhando pella freguezia de Caires, Sam Miguel de Paredes Secas, lugar de Santa Cruz, freguesia do Salvador de Souto, Sam Joam da Balança, Santa Marinha de Chorence, Santo Andre de Momenta, Santa Marinha de Villar que hé minha freguezia adonde se acha hum padram sito debaixo de Travassos, lugar assim chamado com letras escritas na seguinte forma:

Quer dizer esta memoria se pôs ao Emparador Marco Aurelio Antonino Pio, Feliz, Augusto Pontifice, Maximo de poder tribunico, segunda vez Consul Proconsul Pai da Patria, Fortissimo e Fellicissimo Principe daqui a Braga vinte e hum mil passos.

Este hé o padram que só se acha nesta freguezia de que tenho noticia que me deu Joam de Mattos Ferreira, irmam do padre Joze de Mattos Ferreira, que foi este padre o que compos o tratado desta via militar em hum manuescrito com o titullo – Tezouro de Braga, descuberto no Campo de Gerez – o quoa por sua coriozidade explorou toda a via militar de Braga athé à cidade de Lugo, distante da cidade de Braga mais de trinta legoas pello Reino da Galiza, o que tudo remetia a Dom Jeronimo Contador de Argote, o mesmo fez com a noticia da serra do Gerez, que toda explorou, vendo arvores, hervas e mais tudo que a serra continha.

Continuando pois a dita via pella freguezia de Chamoim, quazi pello alto da serra, caminhava por Santa Marinha de Cobide, Sam Joam do Campo, serra do Gerez, adonde passava as quatro pontes do rio Homem, aqui entra pello extremo dos dous Reinos passando o Reino da Galiza. E por toda elle se acham varios padrois, sendo que a annos a esta parte alguns se tem despadaçado e outros reduzidos à forma de padieiros para delles se aproveitarem; porém diz que o dito padre entrou a copear os crateres dos ditos padrois e recomendaçam que fazia ao povo recomendando-lhes os nam quebrassem se obtiveram que assim nam ser com a dita recomendaçam muitos mais poderiam faltar.

8 – Cria alguma giesta e urzes e muintos tojos e nam há ervas medicinais. E os moradores de Santa Izabel em rezam de muinto frio e grandes giadas lhe levar milham costumam estes cavar alguma terra no mês de Agosto e queimando o mato a tornam a cavar e lhe semeam centeio a que chamam barbeitos. E nem centeio nem milho hé em abundancia e já ouve annos em que ficaram quazi sem ter que comer. Esta hé a povoaçam de que tenho noticia e nem me consta se cultive em mais partes. E tem algumas poucas vides, por a isso serem obrigados, porém em os mais dois annos ficam por vindimar por nam chegarem a madureser.

9 – Nam há mosteiros, nem igrejas de romage milagrosas, porém na distansia de mais de legoa desta freguezia que hé no couto de Souto no alto do monte, porém nam o mais da serra, se acha huma povoaçam a que se chama a Santa Cruz e de poucos vezinhos, dos quoais nam sei o numero. E tem esta huma cappella da mesma vocaçam adonde só no dia da mesma Santa Cruz concorre muinto povo de romage.

E como este lugar nam seja o mais alto da serra, colhe mais frutos de milho e centeio do que em Santa Izabel, mas nam com grande exceço porque são pobres e também algum vinho pouco e muinto verde, segundo a informaçam que se me deu pois fica distante.

10 – Hé o temperamento de toda a serra muinto frio.

11 – Há nella criaçoins de gados vacuns, cabras e carneiros. Hé abundante de caças de coelhos e perdizes e nam há lebres; muintas vezes da serra do Gerez vem os javalizes comer o milho com grandissima perda dos agricultores para o que de noite os defendem com espingardas e fogueiras. Tem lobos e rapozas e tenho noticia de que estes moradores tem hum fojo e delle senam aproveitam por se achar arruinado. E nesta mesma serra chegado à serra do Gerez se acha hum fojo no destrito e freguezia de Santa Marinha de Cobide que será huma legoa desta rezidencia, o quoyal fojo me lembro caçasse nelle alguns lobos e também jabalizes, o que tudo sei de propria ciencia por ter sido primeiro paroco outo annos naquella freguezia.

12 – Nam tem lagoas, dos fojos fica dito.

Rio

1 – Passa o rio Homem pello pé desta freguezia e tenho noticia ser a origem delle em Lamas de Homem que hé no meio da serra do Gerez, e juntando-se-lhe varios regatos correndo de Nacente a Poente por entre rochedos vai incorporando muintas fontes e vem cahir no sitio chamado Cham de Homem; aqui volta a corrente de Norte a Sul e logo recebe aguas de treze regatos, nove da parte de Nacente e quattro de

Poente e passando Cham da Portella, continua por Sam Miguel que assim se chama ao rio, rio de Moçam, rio do Arco, rio de Alvergaria, aqui passava a via militar e no espaço de meia legoa passava a via militar quatro vezes o rio Homem, adonde estavam quatro pontes obra romana das quaais só existem os aliseses (*sic*, por alicerces) dellas pois as deitaram abaixo no tempo das guerras com Castella. Correndo mais abaixo para o meio dia se ajunta em pouco espaço hum regato chamado de Palheiros que dista pouco da Portella de Homem e nesta Portella se vê já Galliza. Logo continuando mais varios regatos, chegua a Vilarinho de Furnas, donde recebe agoas de hum rio chamado Furnas o qual cria só trutas e ficará distancia a Lamas de Homem duas legoas e três quartos. Em pouca distancia se segue outro regato chamado Mocerra e outro junto a elle chamado do Espirito Santo, este supponho será o mais proprio nome por naser na propria freguesia porque asima hé Sam Joam do Campo a meu pareser; vem da parte do Norte e tam despenhado que nam criam peixes. Continuando sua viagem chega à freguesia de Sam Paio de Carvalheira, adonde tem huma ponte de hum só arco e com esta fazem quatro porque assim a lhe ficam três a saber, huma defronte ao lugar de Vilarinho de hum só arco, fundado sobre grandes penedos que lhe servem de aliserces, outra no rio de Furnas que passa pello mesmo lugar com três arcos, e sem embargo do rio ser mais pequeno tem na ponte mais comprimento em razam da agoa nam correr junta e ultimamente na Cham de Linhares que por donde o dito rio Homem vai, se acha outra com dois arcos, hum grande e outro pequeno tudo em distancia de menos de huma legoa pouco mais ou menos.

2 – Correndo pois o dito rio e passando a ponte de Carvalheira, como asima disse, logo em pouca distancia se esconde todo por baixo do cham distancia de hum grande tiro de mosquete, porém nas grandes inundaçoins cobre a braveza do plano, que em alguns tempos vai seco.

Logo no principio de Lamas de Homem corre caudaloso e nunca sequa.

3 – Os rios e regatos que athé aqui entram nelle fica dito.

Na freguesia de Chamoim em o citio chamado Porto Ribeira se junta com o rio chamado das Rodas que nace na freguesia de Sam

Joam do Campo tendo sua origem em três pequenos regatos que pello tempo do Estio paresem fontes, porém nunca sequam e sem embargo disso criam trutas que se escondem por varios esconderijos nos quoais escapando à perseguiçam do vulgo que as maos querem apreghender, tornam depois de qualquer inundaçam a gozar de suas agoas tornam e chegando à veiga de Sam Joam do Campo correndo distancia de menos meio quarto de legoa passa a ponte do Eixois ou da Roda. Esta ponte se acha feita de novo com dois arcos que hé segunda, depois da que os romanos tinham feito e a tradiçam que hum carvalho em ocaziam de grande inundaçam se arreversara nella e a arruinara. Por todo este sitio da Veiga corre terra plana, porém da ponte em diante corre arrebatado continuando até o Porto Santo. Passa a ponte do mesmo nome também de hum arco, freguesia de Santa Marinha de Cobide, correndo ao lugar de Cabaninhas, freguesia de Carvalheira. Passa outra ponte de hum arco com o nome do mesmo lugar e logo abaixo chegando à freguezia de Chamoim e junto ao lugar de Pregoiim passa duas pontes também de hum arco chamadas de Pregoiim e logo em o menos de meio quarto de legoa chega a Porto Ribeira, sitio de Chamoim e se junta com o rio Homem. E tem este rio das Rodas o seu nascimento pella parte do Oriente e leva sua corrente de Norte a Sul até este sitio, cria trutas e escallos.

4 – Nam hé navegavel.

5 – Todo seu cursso hé com excessu arrebatado em razam das muintas fragas e alturas por donde dece e em muintas partes se passa a salto de huns penedos pera outros. Mas algumas pessoas pagam o seu atrevimento deixando nelle a vida até muintas vezes os mesmos javalizes querendo atrevidamente passar o mesmo rio. Logo a pouca distancia dando de penedo em penedo ficam mortos e nelles atrevesados e todo o dito rio hé arrebatado principalmente des a sua origem até chegar a Sam Joam da Balança que são mais de sinco legoas. E nesta freguesia de Villar passa o dito rio também por baixo do cham distancia de seis braças. Nam havendo inundaçoins se passa a pé e inxuto, que hé a fraze mais expreciva e commua ao vulgo desta terra.

E agora procura a corrente ao pôr do Sol, cria trutas de excelente gosto, bogas, escallos, enguias, salmoens, trutas mariscas, iris, lanpreas, relhos, porém estes sinco ultimos cinco em pouca quantidade e são

peixes de ribaçam e nam passam as lanpreas esta freguezia asima em rezam da grande altura donde o rio dese e que se chama o Salto.

8 – Em todo o tempo se pesca principalmente no Estio, pellas agoas o nam admetirem e também em Janeiro, sendo esta de poucas agoas se pescam trutas e alguns relhos.

9 – Tem algumas pesqueiras que são libres aos donos dellas, sem pagar foro a algum senhor particular. Hé o que posso informar do citio desta freguezia. Tem dois caneiros.

10 – Cultivam-se suas margens. E tem arvoredos bastante que são carvalhos com vides ao pé e muintos semelhantes e também salgueiros.

11 – Nam tem virtude particular as suas agoas.

12 – Sempre conserva o memso nome, nem há memoria que em algum tempo tivesse outro.

13 – Morre na freguezia de Sam Vicente do Bico distante desta freguezia três legoas e com a sua arrebatada corrente rompe o rio Cavado mostrando-se mais furioso do que o mesmo Cavado, com quem se incorpora e advertindo que antes que chegue ao dito Cavado passa a ponte de Caldellas distancia desta freguezia duas legoas.

14 – Como corre arrebatado em qualquer parte representa ferver a agoa, tem levadas para os moinhos que são em rio três no lemite desta freguezia e dois na de Gondoriz.

15 – Tem as pontes que ficam ditas e nam há de pao sendo que em algum tempo ouve huma de pao a quoa já não existe no citio chamado o Pé da Ponte.

16 – Moinhos do rio grande ficam ditos e nos regatos que passam por esta freguezia e desem ao mesmo rio se acham seis. Tem hum lagar de azeite. Nam há pizoins, noras, nem engenhos.

17 – Nam há memoria que se tirasse ouro de suas areas, nem no presente.

18 – Os povos uzam libremente de suas agoas, porém muintas são partidas entre herdeiros mas sem pensam.

19 – Tem o rio de seu nacimiento que hé Lamas de Homem athé Sam Vicente do Bico mais de sete legoas. A primeira povoaçam por donde passa hé Vilarinho de Furnas, freguezia de Sam Joam do Campo, Sam Paio da Carvalheira, Santa Marinha de Cobide, Espirito Santo de Brufe, Samtiago de Chamoim, Sam Mamede de Sibois, Santa Marinha de Villar, Sam Mamede de Gondoriz, Santo Andre de Momenta, o Salvador de Baldreu, Sam Joam da Balança, Sam Martinho da Bavó (*sic*, por Valbom), Sam Miguel de Paçô, o Salvador de Souto, Sam Pedro de Bavó, Sam Paio de Sequeirós, Santa Marinha de Oriz, Sam Miguel de Oriz.

Esta hé a informaçam de que posso ter noticia da resposta dada aos interrogatorios que nam hirá conforme meu desejo, mas conforme a minha capacidade o premite. E confeço que nam foi por falta de deligencias, pois fiz toda a que me foi possivel, porque além de me nam fiar em mim, explorei o que pude alcansar de pessoas de quem me pairesse poderiam dar noticia de alguns nomes de montes, sitios de terras e distancias de legoas, e que nam podia deixar de fazer por nam ser oriundo desta terra e ter sido paroco em outra freguezia e nam serem muintos os annos em que nesta freguezia acisto.

E sendo nessessario mais alguma circumstancia ou couza que se declare com prontissima e ampla vontade fico esperando tudo o que se me mandar.

Santa Marinha de Villar, Maio 6 de 1758 annos.

O vigario Cleto Pereira Castro

O abbade de Chamoim José Coelho da Silva

O vigario encomendado Francisco de Abreu Oliveira.

Referências documentais do ADB/UM:

- *Tombo da Igreja*, 1548, cx. 247, n.º 12.

VILAR DA VEIGA

IAN/TT – *Dicionário Geográfico* do Padre Luís Cardoso
Vol. 41, memória 311, pp. 1885 a 1889



Igreja Matriz de Vilar da Veiga.

Rellaçam das couzas mais notaveis que contem em si esta freguezia de Santo Antonio de Villar da Veiga.

1 – Fica esta freguezia em a Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispedo de Braga e comarca de Guimaraes, concelho da Ribeira de Soáz.

2 – Hé a apresentaçam della dos dous padroeiros, o abbade de Sam Martinho da Ventosa e de Sam Joam da Cova, e esta pertence à Mitra Bracarense não tem outro donatario e hé anexa às duas igrejas sobreditas.

3 – Tem esta freguezia oitenta e oito vezinhos, 88, e duzentas e noventa pessoas de sacramento, 290.

4 – Está situada nas faldras do Gerez para a parte do Nascente e junto de huma beiga plana e della se descobre cinco povoações que são: S. João de Rio Caldo para a parte do Poente, Sam Martinho de Soengas, Sam Mamede de Caniçada, Sam Martinho da Ventoza e Sam Joam da Cova.

5 – Nam tem termo seu, hé sugeita ao concelho de Ribeira de Soáz.

6 – Está a parochia distante do lugar hum estadio e tem dous lugares, hum chamado Villar da Veiga e outro chamado a Ermida que fica distante huma legoa.

7 – O seu orago hé Santo Antonio. E tem a igreja três altares, o de Santo Antonio e o da Senhora e de Sam Sebastiam. E não tem irmandade.

8 – O pararocho della hé apresentado por carta de cura todos os annos e hé apresentado pellos dons abbades padroeiros de S. Joam da Cova e Ventoza. E tem de renda ou porçam sette mil reis, 7.000 e o pé de altar.

9 – Nam tem beneficiados.

10, 11, 12 – Ao decimo, undecimo e duodecimo, não há que dizer.

13 – Tem esta freguezia duas ermidas ou capellas a saver, huma de Santa Euphemia que está sita nas Caldas do Gerez e pertence a Sua Magestade que Deos guarde, que apresenta o cappelam della. Tem outra de Santa Marinha no lugar da Ermida e distam da parochia legoa.

14 – Nam acodem a ellas rumeiros, nem tem romagem.

15 – Os frutos da terra são a maior abundancia milham, vinho, azeite, pouco centeio e algumas frutas.

16 – Tem juiz ordinario e camera do concelho e não está sugeita à justiça de outra terra.

**Caldas do Gerês.**

Desenho ao natural por João de Almeida, in José Augusto Vieira, *Minho Pittoresco* (1886 e 1887).

17 – Nam hé couto, nem cabeça de concelho.

18 – Nam há memoria em que della florescessem homens insignes por Virtudes, Letras ou Armas.

19 – Nam tem feira, nem mercado.

20 – Nam tem correio senão o de Braga do qual se serve para as cidades do Porto, Coimbra e Lisboa e dista esta freguezia do correio quatro legoas.

21 – Dista esta freguezia da cidade de Braga, cidade capital do Arcebispado quatro legoas e de Lisboa, cidade capital do Reino sessenta e quatro 64 legoas.

22 – Nam tem privilegio algum, nem couza digna de memoria.

23 – Há perto desta freguezia distancia de huma legoa e nos limites da mesma freguezia cinco fontes de coallidade quente, chamadas as Caldas do Gerez muito bem notoria a sua virtude, em cujas agoas recuperam muitos infermos perfeita saude e são muinto frequentadas nos mezes de Junho, Julho e Agosto e Setembro, adonde ocorrem

infermos de varias partes e experimentam muitas melhoras em todas as queixas. Acham-se com varios edificios para acomodaçam do povo e com capellam para lhe dizer missa e medico, tudo por ordem de Sua Magestade que Deos goarde.

24 – Nam tem porto de mar.

25 – Nam há que dizer neste interrogatorio.

26 – Nam padeceo ruína no Terremoto.

27 – Nam há couza alguma digna de memoria que se possa dar conta.

Rellaçam da serra do Gerez

1 – Chama-se esta serra a serra do Gerez.

2 – Tem esta serra de comprido de Nascente a Poente cinco legoas e de Norte a Sul três legoas e principia nesta freguezia e finaliza para as partes de Pitois da parte do Nascente a Poente.

3 – Os principais braços della são: Lamas, Borrajeira e Cabrillo.

4 – Nasce dentro no seu sitio o rio Homem que descorre para o Ociadente e fenece no rio Cabado e o rio chamado das Caldas que corre para a parte do Sul e fenece no rio Xanoane e estes no rio Cabado.

5 – Nam tem villas, nem lugares senão a Ermida ao longo da serra.

6 – No distrito desta ficam as Caldas do Gerez acima ditas e não tem outras fontes de propriedades senão frias.

7 – A o setimo, não há que dizer.

8 – Tem esta serra algumas plantas que se chamam teixo, vidoeiros, azereiros e azevinhos, pimenteiras silvestres, arandas, ervedeiros, carvalhos e algumas arvores cujo nome se ignora e grandes mattos e bosques, é inculta.

9 – Nam há que dizer.

10 – Hé de seu temperamento fria.

11 – Há nella criaçõis de gados meudos e grossos e de caça silvestre há lobos, rapozas, jaballizes, corças, veados pequenos, cabras bravas de hum e outro sexo, gatos bravos, coelhos, perdizes, lebres mas muito más de caçar pela aspereza dos montes.

12 – Nam há que dizer.

13 – Nam há mais nada digno de memoria.

Rellaçam dos rios

1 – O rio que corre pelas margens desta freguezia hé o rio chamado das Caldas do Gerez, que nasce no sitio de Lionte. Nasce logo caudalozzo e corre todo o anno e se junta no rio Xanoane no sitio de Entre os Rios e hé rio lemitado de agoas e corre de Norte a Sul e junto com o rio Xanoane entram e se juntam no rio Cabado. Nasce o rio Cabado no sitio de Santo Andre, do concelho de Barrozo.

2 – Nasce logo caudellozo e corre todo o anno.

3 – Entram nelle o rio chamado da Mizarella e do Toco, de Ruivais e os acima dittos e o rio Homem.

4 – Nam hé navegavel nem capaz de embarçaõis.

5 – Hé de curso arreatado quazi em toda a sua distancia.

6 – Corre de entre Nascente e Norte e entre Poente e Sul.

- 7 – Cria peixes: trutas, escallos, bogas e poucos salmois.
- 8 – Pesca-se nelle em todo o anno excepto nos mezes que prohibe a Ordenaçam.
- 9 – São as pesquarias libres e não consta ter senhor particular.
- 10 – São cultivadas as margens deste rio donde nasce até o mar onde entra.
- 11 – Nam tem virtude alguma particular as suas agoas.
- 12 – Donde nasce por espaço de 4 legoas se chama rio de Mourille e dahi até o mar conserva o nome de rio Cabado.
- 13 – Morre este rio no mar no sitio de Fam.
- 14 – Donde nasce por espacio de doze legoas todo hé cachueira por rezam do munto fragedo e por isso innavegavel.
- 15 – Tinha este rio 4 coatro pontes e hoje só conserva três que são de pedra, chamam-se a ponte do Porte, de Prado e de Barcellos.
- 16 – Tem moinhos e azenhas e não consta de outro engenho.
- 17 – Nam há que dizer a este interrogatorio.
- 18 – Nam uzam os povos das suas agoas para a cultura dos campos por ser muito fundo a se lhe não poder extrahir.
- 19 – Tem este rio vinte legoas donde nasce até ao mar donde entra. E passa junto da villa de Montaeallegre, Roivais, Ribeira de Soaz e mais freguezias thé Prado, Barcellos, Fam adonde entra no mar.
- 20 – Nam há couza mais de que se possa dar conta nem digna de memoria.

E por o que achei verdadeiro o acima refferido fiz esta copia a quoa vai assignada por mim e pelo reverendo padre Fructuozo Vieira Ribeiro, cura na freguezia de Rio Caldo, pello seu abbade se achar com mollestia grave e também pelo cura o padre Joze Dias dos Santos, também cura da mesma freguezia de Rio Caldo.

Hoje de Maio, 23 de 1758.

O cura o padre Felix de Sousa

O padre Fructuozo Vieira Ribeiro, cura.

Cura, o padre Jozeph Dias dos Santos.

Índice

Nota Prévia	9
A GÉNESE DAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS	11
1. Breve nota sobre as <i>Memórias Paroquiais</i> de 1758. Sua iniciativa e objectivos	13
2. Os párocos memorialistas	19
TERRAS DE BOURO	
AO TEMPO DAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758	25
3. O território e a administração	27
4. As paróquias, sua população e povoamento	45
5. Economia	53
5.1. Economia dos campos	54
5.2. Economia dos montes e dos rios	59
6. Sociedade	67
6.1. Sociedade eclesiástica	67
6.2. A sociedade política	73
6.3. A paróquia e a organização comunitária	75

7. Equipamentos religiosos e devoções	79
7.1. Igrejas e capelas	79
7.2. Devoções e invocações. As confrarias	81
8. Bibliografia	91

AS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758 DO ACTUAL CONCELHO DE TERRAS DE BOURO	95
Edição das <i>Memórias</i>	97
BALANÇA	99
BRUFE	105
CAMPO DO GERÊS	112
CARVALHEIRA	124
CHAMOIM	130
CHORENSE	142
CIBÕES	148
COVIDE	156
GONDORIZ	163
RIBEIRA DE HOMEM	169
RIO CALDO	174
SOUTO	183
VALDOZENDE	188
VILAR	198
VILAR DA VEIGA	211

Extratexto

Referências às produções agrícolas do concelho de Terras de Bouro segundo as <i>Memórias Paroquiais de 1758</i>	56-57
Oragos, dedicações e invocações da paróquia, igrejas, capelas e altares	80-81

Composto e impresso nas Oficinas
Gráficas de Barbosa & Xavier,
Limitada - Braga (Portugal). Iniciada
a composição aos vinte de Julho,
acabou de imprimir-se aos onze
de Setembro de dois mil e um.

